

“Marcelo Costa escritor tido como Asimov brasileiro.”

Pilar Lima, *Band*

M. A. COSTA

REDENÇÃO

LIVRO UM: LEGIONELLA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Kamiti era o inferno na Terra. Nem homens da extirpe de Valker mereciam um lar como esse. No século XXI, chegou a abrigar o dobro de sua capacidade; cerca de 16 mil homens amontoados em celas imundas e sem ventilação. A maioria eram presos da guerra contra as drogas ou homicidas.

REDENÇÃO

Livro Um: *Legionella*

— *M. A. Costa*

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

CRONOLOGIA

PARTE UM

ARKANSAS

BIOMA

PRIMEIROS ANOS

PARTE DOIS

MARCO ZERO

PPP

EUGENIA

PARTE TRÊS

ZANHE (上海)

METROVINOS

28/06/2558

POSFÁCIO

ASCENSÃO

A LUA

DICIONÁRIO DE PERSONAGENS

PRINCIPAIS ARMAS

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Manoel Costa (*in memoriam*) que sempre me estimulou
a estudar e ler.

À minha mãe, Yara Lettieri, que é bibliotecária, o que por si só já
explica muito.

E, à minha esposa Caroline Nogueira pela incansável ajuda em
revisar os manuscritos e pelas valiosas ideias e sugestões.

INTRODUÇÃO

Comecei a escrever este manuscrito no final de 2562. Escrevi como um livro de memórias, para registrar algumas passagens importantes de minha vida. Especialmente, para documentar como o Mal ressurgiu de tempos em tempos e, como precisamos estar sempre vigilantes. O Mal tem muitas faces, é traiçoeiro. Quando achamos que o domamos, teima em ressurgir.

Não me refiro ao mal do dia a dia; o mal com 'm' minúsculo. Esse, esbarramos em cada esquina. É a inveja, o roubo, a discórdia.

Refiro-me àquele Mal que é transformador. Que impacta uma sociedade profundamente e faz as pessoas perderem a inocência; o prazer em viver.

Refiro-me ao Mal que invadiu nossa sociedade e dizimou milhões de pessoas.

Infelizmente, ao longo de minha vida tive a tristeza de esbarrar com este tipo de Mal. E, coube a mim, em mais de uma ocasião, combatê-lo.

Quando comecei a escrever este livro, não imaginava o que a vida ainda preparava para mim. Achava, tão somente, que havíamos vencido mais uma etapa na grande história da sobrevivência

humana e que o *Homo sapiens* estava pronto para seguir sua jornada. Ledo engano.

Nestas breves palavras, pretendo contar como um técnico, um garoto do interior do Arkansas, foi alçado à tarefa hercúlea muito além das suas expectativas e capacidades. E como fui tragado para o mundo político sem nunca desejar.

Nunca fui político; popular. Na juventude, não tinha muitos amigos. Mas, por caminhos inexplicáveis, tornei-me primeiro ministro da União afro-americana. Esse livro também conta, portanto, como a pessoa mais improvável para o cargo se torna algo que nunca almejou e faz de tudo para viver à altura da missão.

Por isso, esta obra também é uma história de gratidão. Gratidão àqueles que confiaram em mim e, que em alguns dos momentos mais desesperadores da existência humana, olhavam na minha direção por conselhos e orientação.

Escrevi para agradecer a todos que participaram da minha trajetória. Para contar como aquele simples caipira teve que enfrentar algo maior que a vida, maior que seu pior pesadelo.

Escrevi também para minha amada esposa, Mirtes Leuin. Ela foi minha companheira desde sempre. Sempre acreditei na que estaria predestinado a encontrar meu grande e único amor. E este amor encontrei nela. Agradeço a ela não só por estar ao meu lado, mas por ter enfrentado todos os desafios juntos. Sem ela, seria impossível triunfar no que a vida havia preparado para nós.

Quando comecei a escrever em 2562, o livro não estava pronto para ser terminado. Só pude terminá-lo muitos anos depois; em 2628.

Acredito que essa obra é também sobre a humanidade, lutas e superações. Sobre a esperança de dias melhores.

E, é claro, sobre mim. Um pouco de minha vida.

— *Peter Brose*

CRONOLOGIA

- 2030** **China monta base lunar.**
- 2034** **Índia monta base lunar.**
- 2040** **EUA montam base lunar.**
- 2108** **Grande terremoto de Xangai.**
- 2210 – 2220**
 Objetos são transmitidos à distância por
'replicadores'.
- 2312 – 2323**
 Guerra cibernética.
- 2470 – 2499**
 Fundação das Três Uniões: afro-americana,
eurasiana e islâmica.
- 2501** **Nascimento de Peter Brose.**
- 2515** **Surto atemporal de tuberculose na China.**
- 2519** **Visita à EEIN.**
- 2522** **Ingresso na UNB.**
- 2524** **Peter conhece Mirtes no Bioma.**
- 2540**
 Mapeamento genético é concluído.
- 2558** **Primeiros ataques / Mirtes recebe a ligação.**
- 2562** **Peter é nomeado secretário-geral de**
investigação.

- 2567** Peter é nomeado ministro da Justiça.
- 2568** Peter é nomeado presidente dos EUA.
- 2570** Peter é eleito primeiro-ministro da União afro-
americana
- 2580** Primeiras fissuras na Lua.

PARTE UM

***Os contos de fadas são assim. Uma manhã a gente
acorda e diz: "era só um conto de fadas..."***

– Antoine de Saint-Exupéry

ARKANSAS

Chow Li joga uma pistola para mim. É uma Smith & Wesson Pacifier III, que descarrega 28 balins por segundo através do percursor eletromagnético. Tem um pente de 380 e, se eu mantiver o botão do gatilho apertado, ela descarrega todas em sequência. "A pistola para tempos de paz", diz a propaganda da S&W. Ela não mata o oponente, "apenas" consegue incapacitá-lo. Duvido.

– Atiraaaa! – grita Chow li.

Nunca atirei. Tremendo mais do que imaginava, aperto o botão de disparo: zzz, zzz, zzz. Quase sem barulho; sem coice. Vários balins voam em direção aos membros do Gelaohui que haviam nos encurralado em uma fábrica desativada de computadores, em Xangai.

Chow Li me puxa pelo braço, subimos um lance de escadas e passamos por uma porta. Ouço atrás de mim o zumbido de balas e balins. Ouço o impacto deles nas paredes de metal. Meu coração parece que vai explodir!

Atravessamos três portas, acho. Chow Li atravessa o salão e desce pela escada de ferro até um pátio. Dou de cara com um homem apontando uma mini submetralhadora para mim.

Sem pensar, viro a S&W em sua direção e aperto o botão sem largar. Zzz, zzz, zzz. Balins após balins impactam o sujeito antes que ele consiga disparar a arma em minha direção. Ele cai com o dedo no gatilho disparando contra a parede, o chão, todos os lugares.

Ele cai sobre mim. Imóvel. Matei um homem. Matei pela primeira vez.

–Venha! – grita Chow li.

Não há tempo a perder. Pelo menos outros quatro homens querem nos matar.

Empurro-o de cima de mim. Estou coberto de sangue. O homem tem dezenas de perfurações, talvez centenas, feitas pelos balins. O sangue escorre para cima de mim. Parece que me banhei nele.

Sem tempo para me examinar, atravesso o salão em direção à mesma escada que Chow Li havia percorrido. Um, dois, três longos segundo se passam até alcançá-la. Ouço tiros em minha direção novamente! Vejo de onde vêm e tento me defender de alguma forma. Só tenho tempo de, instintivamente e inutilmente, levantar a mão esquerda para me proteger. Sou atingido por uma rachada de balins!

Minha mão esquerda recebe a carga quase completa, mal percebo meu dedo mindinho sumir no impacto. O sangue respinga no meu rosto quando outra carga de balins atinge meu abdômen, do lado esquerdo. Caio rodopiando sobre as escadas - aquelas que meu amigo havia descido segundos atrás são e salvo.

Rolo os degraus sem controle algum. São 20 lances de escada. Estou rolando em meu próprio sangue e a velocidade só parece aumentar.

Termino o lance de escada sobre meu braço direito. Quase ouço os estalos do rádio e ulna quebrando. Sinto uma dor lancinante e só consigo pensar que minha vida chegara ao fim: alguém me alcançaria e terminaria o serviço. Mas ouço tiros vindo de baixo, próximo à mim. É Chow Li revidando quem quer que fosse que atirava de cima.

*

Sou Peter Brose, nasci em 15 de setembro do ano do Nosso Senhor de 2501. Tenho 127 anos e esta é minha terceira infância. Explico. Desde a descoberta dos cientistas em como impedir o encurtamento dos telômeros[2], a expectativa de vida dos seres humanos aumentou drasticamente. Hoje, 100 anos de idade é considerado meia idade. A expectativa de vida atual beira os 200 anos. Mas, acredita-se, que daqui há meio século a expectativa de vida dos humanos será infinita. Não quero nem começar a pensar nos problemas que isso irá acarretar!

De qualquer forma, a cada 40 anos nos reinventamos. Alguns pelo menos. Estudamos novos assuntos, temos novas profissões, casamos de novo. Só não temos mais filhos. Porque com o aumento da expectativa de vida não dá para fazermos filhos indefinidamente. A Terra simplesmente não aguentaria.

Para isso, foi criada a Lei Geral da Natalidade, onde todas as Três Uniões são signatárias. Diz a lei em seu artigo primeiro que

"cada homem ou mulher terá apenas dois descendentes ao longo de todas as suas infâncias".

Já deu para perceber as dificuldades? Se eu casasse quatro vezes, por exemplo, com qual das mulheres teria filho?

Mas, optei por casar uma vez só. Achei o amor quando fazia minha primeira faculdade, a Dra. Mirtes Lauvin. E, como achei o companheirismo e felicidade que buscava, podia quebrar algumas regras e permanecer somente com um casamento. Até agora tenho conseguido.

Para entendermos como me tornei primeiro-ministro da União afro-americanana, precisamos conhecer minha história. Como conheci a Dra. Leuvin, como, por mais improvável que parecesse, fui parar na política.

*

Com meu pai o convívio era menor – mas não menos importante. Eu convivia com ele mais à noite, quando estava em casa. Ele trabalhou grande parte da vida na UDN (União democrática das nações). Isto lhe custava tempo, viagens e dedicação. Era ativista político e dele eu herdei este gene. Só descobri quando a necessidade chegou, muitos anos após a sua morte. O gene estava lá. Não negava que eu era um Brose.

Meu pai, Sr. Robert Dylan Brose, era um homem sério, tinha o trabalho como primeiro plano. Contrastava com a Sra. Debra, que era alegre e expansiva. Ela era sua terceira esposa e ele seu terceiro marido. Nenhum dos dois teve outros filhos dos

casamentos anteriores. Por isso, talvez exclusivamente por isso, acho que fui um pouco mimado.

Do convívio, na infância, lembro-me de sua influência para que eu trabalhasse e estudasse; para que fosse correto com as pessoas e com o mundo. E, principalmente, fosse correto comigo mesmo.

Ele nunca havia ocupado cargos públicos, mas foi secretário-executivo em algumas organizações partidárias inclusive na UDN, que lançou a pedra fundamental para a criação das 'Unições'.

As Três Unições foram resultado da unificação dos países em torno de interesses político-econômicos. O processo iniciou-se em 2470 e terminou em 2499, com a união dos países em três grandes grupos: a União afro-americana, que uniu o continente americano e todos os países africanos não islâmicos. A União eurásiana, que uniu a Europa à todos os países asiáticos não islâmicos. E a União islâmica com todos os países islâmicos do Oriente Médio, norte da África e Ásia. Mas somente no final do século 26, a terminologia 'país' começou a ficar em desuso e os nomes dos países passaram a ficar no passado.

Sou graduado em Investigação Digital e Psicologia Digital, ambos pela Universidade do Brasil.

Com o avanço tecnológico dos últimos séculos, crimes migraram do "real" para o virtual e mesmo quando praticados no mundo "real" tiveram o apoio do mundo "virtual". A profissão de Investigação Digital surgiu para que esses crimes tenham uma solução ou, pelo menos, que obtenhamos provas para ajudar na tentativa de condenação dos supostos criminosos. Esse profissional

investiga as ações de um indivíduo no mundo virtual conseguindo, inclusive, prever comportamentos no futuro.

Já o curso de Psicologia Digital estuda a relação do “eu” com o mundo digital. Ou seja, complementa o curso de Investigação, pois permite que tenhamos uma imagem mais completa do indivíduo sendo investigado.

Olhando para o passado e para minhas escolhas, acho que essa opção fez todo o sentido. Entender as relações psicológicas entre as pessoas e suas interações com nosso mundo digital me permitiu navegar mais seguramente nas relações humanas e, finalmente, conquistar os cargos que ocupei.

Nasci em Arkansas, nos Estados Unidos da América. Arkansas é um dos 63 estados americanos. Localizado no sul do país, hoje é um estado moderno que mantém as raízes caipiras. Minha cidade natal é daquelas pequenas cidades com grandes sonhos. Hot Springs fica a menos de 100 km da capital do estado, Little Rock, e por isso sofreu toda influência do modernismo.

Mas, curiosamente, ela mantém um ar caipira. Dos quase 100 mil habitantes, todos são descendentes de nativos. Eu mesmo venho de seis gerações de filhos da terra.

Eu era o típico *hillbilly*[\[3\]](#). Adorava passear no mato e nos rios com meus amigos, comer espiga de milho quentinha, na manteiga; além de olhar o céu estrelado como se estivéssemos em um planetário.

Eu era o Tom Sawyer, de Mark Twain. Sempre levado, sempre fujão em busca de aventuras. Sem dúvidas, morar no interior, na fazenda, tinha seus prazeres. E o meu Huckelberry Finn[\[4\]](#) era o Will O’Sullivan. Seus pais eram descendentes de irlandeses perdidos no fim de mundo que era Hot Springs.

Vivi muitas aventuras de menino com ele; como nossas idas à Blanchard Springs, uma cidade fantasma no nosso estado.

Essa cidade foi uma comunidade ativa e atraía muitos imigrantes no final dos anos 1880. Famosa por suas fontes de águas minerais e por suas cavernas subterrâneas, tinha hotéis, escolas e até universidades. Mas, na mesma velocidade que atraiu moradores os espantou quando suas fontes de águas secaram.

As cavernas mal podem ser descritas: são maravilhas da natureza com entradas e reentrâncias que parecem desenhadas. Contém centenas de estalagmites e estalactites de todos os tamanhos. Contam os livros que, quando havia água em abundância, percorrer estas grutas era quase uma experiência mágica.

Turistas eram atraídos de todas as partes do país e, umas vez que bebiam de suas fontes, se apaixonavam e decidiam ficar na cidade, criar raízes.

Foi assim, por muitas décadas, que essa cidade, a 200 km da capital do estado, parecia se tornar uma presença definitiva e marcante na região. Porém, em 1887, conta a lenda, surgiram dois jovens mortos no interior da gruta principal. Quando uma excursão descia para mais uma visita de rotina para beber das suas águas e recolher um pouco para levar em garrafas, os jovens foram interrompidos por um grito assustador.

Ninguém encontrou a autora do grito, mas os dois corpos apareceram boiando. Como nenhuma criança havia descido com o grupo, sabia-se que deveriam ter entrado antes do sol nascer, sozinhos. O grito deve ter vindo da criança, que agora deitava o rosto para baixo nas águas geladas de Blanchard Springs.

Os turistas correram para fora da gruta para chamar o xerife da cidade. Não se passou uma hora da descoberta dos meninos até a chegada de Jack O’reilley. Quando ele entrou na gruta não encontrou os corpos.

As semanas seguintes foram de pânico e medo. Por mais que dragassem as grutas, nada encontravam. Para piorar, ninguém deu parte no sumiço das crianças. Nem moradores, nem turistas.

A lenda das crianças mortas – que nunca existiram – tomou o imaginário da população. Aos poucos, notícias de suas aparições assustavam moradores e imigrantes.

Ora as crianças apareciam em noite de luar jogando bola em um descampado, ora nadando nos lagos.

A população se apavorou, e mês a mês a cidade foi esvaziando. Até a virada do século, a outrora promissora Blanchard Springs se tornara uma cidade fantasma.

Nesse ambiente fascinante para dois meninos traquinas, eu e meu melhor amigo Will, vivíamos a procura dos fantasmas. Perdemos a conta de quantas vezes dormimos ao luar em Blanchard Springs ou até nas cavernas. Como garotos do interior, não tínhamos medo de nada e, em mais de uma vez, tivemos a nítida impressão de sermos vigiados.

Até hoje não sei se os fantasmas habitam a região, mas sei que aproveitamos muito os momentos de nossa infância e curtimos contar as histórias das nossas idas à BS para os amigos. Bons tempos de inocência. Boa infância.

*

Minha mãe, Sra. Debra Brose, cuidava do acervo digital da cidade. No século 26, todo conhecimento humano está a disposição de todo mundo, a toda hora.

Porém, isso não impedia a existência de bibliotecas e sistemas de guarda e recuperação de informação. Esses ambientes serviam, via de regra, para auxiliar estudantes e pesquisadores. Imagine: como achar um pedaço de informação relevante no vasto universo à nossa disposição?

Por volta da década de 2340, logo após a Guerra cibernética, uma comissão científica concluiu que o compêndio de conhecimento humano se tornara tão vasto que era impossível medi-lo. E, a partir de então, grupos de pesquisadores passaram a desenvolver novos algoritmos e tecnologias de recuperação de informação. Afinal, muita informação também é demais! O que interessa é a informação correta.

Eu adorava passar o dia na Biblioteca Internacional Hot Springs enquanto minha mãe trabalhava. Eu gostava, especialmente, de ler os livros impressos.

É claro que não eram mais usados para nada: todo conhecimento era transmitido áudio-sensorialmente mas, até hoje, acho que nada supera o toque do papel e seu cheiro. Quando leio um livro sinto-me absorvendo conhecimento, cultura e diversão.

A biblioteca era um prédio baixo, de um andar, em formato oval. No centro, havia as salas para holo-leituras – gabinetes individuais ou em grupo onde leitores participavam do processo de ler um livro (ou documento) em conjunto com projeções holográficas, sons, cheiros e sensações.

No entorno dessas salas estavam as mesas de pesquisa. Todas eram conectadas ao computador central e esse à uma rede mundial. Todo acervo do mundo à sua disposição! Elas eram interativas e holográficas. Você pesquisava e navegava pelas informações com o pensamento, voz ou simples gestos.

No lado sul dessa área, no fundo, existia a sala do acervo físico onde os livros antigos eram guardados. Era a sala que me interessava.

Passei muitas tardes das minhas férias escolares ali, aprendendo as aventuras de Tom Sawyer e Huckleberry Finn ou me imaginando o Capitão Ahab[5] atrás do meu Moby Dick.

Minha mãe era centrada e discreta. Era como se não fosse minha mãe quando estávamos ali. Ela me deixaria no meu canto só falando comigo se eu precisasse. Mais tarde vim a entender o que era: postura no ambiente de trabalho.

Em casa era outra história. Ela era minha melhor amiga e fazia questão de demonstrar.

Não era uma casa grande, mas era à prova de tornados. Afinal, morávamos no Arkansas, terra dos tornados. Se possível, você tinha que ter uma casa dessas.

Lembro-me do grande tornado de 2511. Eu tinha apenas 10 anos. Foi um tornado classe F. Estimaram que ele passou pela nossa região a mais de 350 km/h. Foi devastador. Após a passagem dele, lembro de ver a terra devastada. Meu pai me levou para ajudar pessoas que haviam perdido tudo. As imagens estão marcadas na minha mente até hoje: pessoas desoladas e sem nada. Perderam suas casas, suas lembranças. Quem não conseguiu correr para os abrigos, quem não tinha porões à prova de tornados – ou casas

como a nossa – ficou à mercê de uma das forças da natureza mais devastadoras de todas.

Lembro-me de uma casa em particular onde moravam o pai, a esposa e dois filhos. Eles reviravam os escombros a procura de qualquer coisa que lhes fosse útil. Fotos e documentos, objetos que faziam parte das suas vidas. O garoto, John Peter, lembro-me bem, tentava achar algum brinquedo, qualquer um.

Ajudei-o a revirar os escombros. Sentia o cheiro de madeira, gás, comida podre, água, tudo junto. Ele devia ter uns oito anos e, apesar dos gritos de seus pais para não revirar o entulho, ele subia em tudo que podia e saía mexendo, procurando. Corri para ficar ao seu lado para tentar impedir que ele se machucasse e para ajudá-lo a achar alguma coisa.

Quando achamos uma caixa de Lego, mais ou menos inteira, vi os olhos dele se transformarem: de choro à alegria. Puxamos a caixa com toda força, descemos os escombros correndo e sentamos no quintal – no que restava do quintal – e passamos horas brincando.

A nossa casa era à prova de tornados. Ela tinha um desenho peculiar: uma vela de barco deitada. Ela monitorava o vento sozinha e virava transversalmente a ele, caso passasse de 100 km/h. Se passasse de 180 km/h, ela mergulhava para dentro da terra ficando só a parte superior exposta. Era toda de kevlar. Metade kevlar sólido e metade transparente. A cor ocre do kevlar nos dava uma linda iluminação amarelada no interior da casa. Era uma cor calmante, deliciosa. O piso e paredes eram de uma liga de alumínio. Tudo muito asséptico também. A casa era autolimpante – sujeira não fixava nela.

Como todos, tínhamos nosso replicador e nossa impressora de alimentos. O replicador trazia uma história curiosa, dessas que parecem criar um drama moral insolúvel para a humanidade.

Por volta das décadas de 2210, 2220, alguns cientistas conseguiram transmitir objetos inanimados por grandes distâncias. Para isso, criaram uma fenda espaço-tempo no ponto de origem e outra no destino. Em milissegundos, o objeto apareceria onde se desejava. Foi uma revolução na construção civil, na entrega de produtos e em muitas outras áreas. Em poucos anos, conseguiu-se transmitir legumes, frutas e vegetais. Ou seja, vida inanimada.

Já percebe onde essa história nos leva, não? Em 2275, um primeiro maluco conseguiu se transmitir usando o replicador (não sei o porquê do nome, pois ele não replica nada).

O dilema do uso da tecnologia para transporte humano aconteceu porque físicos quânticos descobriram que enquanto a transmissão de algo inanimado ou vivo levava apenas milissegundos, para o passageiro havia passado segundos!

Toda sorte de teoria foi imaginada para explicar o sumiço do tempo: os mais religiosos imaginaram que estávamos em outra vida - céu ou inferno durante os longos segundos. Os esotéricos achavam que nos separávamos da nossa alma e, por instantes, penávamos por outra dimensão. Os cientistas não sabiam o que achar.

Por fim, os governos decidiram que a tecnologia não servira para transporte humano e ficou decidido que somente objetos ou vida inanimada poderiam ser 'replicadas'.

*

Acho que minha infância foi normal. Quero dizer, normal para um garoto caipira do interior dos Estados Unidos. Apesar de adorarmos os jogos de imersão holográfica eu sempre gostei muito de brincar ao ar livre. Quando você tem quilômetros e quilômetros de campo aberto para correr e brincar, nada te prende em casa. Na região em que eu morava, as casas guardavam certa distância uma das outras e, entre elas, nenhuma cerca. Só um descampado, uma grama baixinha, algumas poucas árvores e liberdade para ir e vir.

Na casa do Flint tinha uma *Quercus stellat* maior que o normal. Essas árvores – comuns no meu estado – geralmente têm uns 20 metros de altura, troncos bem grossos e muitos galhos baixos e grossos. Para nossa sorte, são bem apropriadas para casas na árvore. No verão, entre o ano escolar da sétima e oitava séries, resolvemos construir uma casa na árvore. Foi nosso grande projeto e, quando ficou pronta, nos orgulhamos muito. Ela tinha apenas um grande cômodo, uma porta e uma janela. A madeira, a porta e janela conseguimos na firma de demolição J&J, que ficava no centro da cidade. Certa tarde, eu e Will fomos à loja, procuramos o dono, um tal de Sr. J., contamos nosso projeto e perguntamos se podia nos doar algumas tábuas usadas para nossa empreitada. Ele foi uma simpatia e contou-nos que quando tinha nossa idade também construiu uma casa na árvore. Imediatamente, disse que poderíamos levar a madeira que precisássemos desde que cuidássemos do transporte. Pedi ao meu pai e ele providenciou uma pequena kombi aerotransportadora para levar o material ao quintal do Flint.

Barney, o quarto colega envolvido no projeto, conseguiu com o pai a pistola de fusão para soldar as madeiras, o laser de corte e a

lixadeira sônica para dar o acabamento. O pai dele era um marceneiro amador e tinha toda sorte de ferramentas em casa. Aliás, o Sr. Murray nos orientou algumas vezes como cortar a madeira, como lixar etc. Queríamos fazer tudo sozinhos e assim fizemos.

A casa da árvore levou quase as férias inteira para ficar pronta, mas depois tornou-se nosso ponto de encontro após as aulas. Lá, brincávamos de holo-jogos com nossos consoles portáteis e guardávamos uma relíquia: o avô de Flint tinha algumas revistas impressas muito antigas de mulheres nuas! Ele nos deu uma. A edição comemorativa do Natal de 2097. Guardávamos em um pequeno baú trancado na nossa casa da árvore. Era incrível ver aquelas fotos em papel brilhoso. daquelas mulheres lindas que um dia foram famosas. Eram atrizes, modelos, cantoras. Costumávamos brincar de escolher com quem namoraríamos. Eu gostava da loira Amber, Will da mignon Jessica, Barney da Stéfany e Flint de uma negra linda, de nome Chantal. É, a vida na árvore foi muito divertida e inesquecível.

Outra coisa que eu adorava era jogar aerofrisbee. E convenhamos, eu era muito bom nisso. Aerofrisbee se jogava assim: uma pessoa contra a outra. Cada um tinha um disco de polímero, de cerca de 30 centímetros com mecanismo de gravitação eletromagnética e um controle remoto. Jogávamos em um campo especial para tal que continha uma série de postes espalhados a distâncias variadas uns dos outros. Ao passar o disco por um poste, ele se tornava da cor do seu disco. Ao passar por outro, esses dois postes se conectavam por um raio laser da mesma cor. O objetivo era conectar o maior número de postes possíveis. Seu oponente,

enquanto tentava conectar os postes dele, iria atravessar a linha laser imaginária que conectava os seus postes para rompê-la. Era, portanto, um jogo de quem tivesse mais habilidade e velocidade no manuseio do disco. E nisso, eu era o rei. Acho que ganhei quase todos os campeonatos da minha escola ao ponto de ser considerado *hors concours* e não poder mais competir. Meu último ano na escola foi dedicado a treinar meu melhor amigo para que ele ganhasse a campeonato. Mas não conseguimos. Acho que ele não tinha muita visão espacial e acabava sempre batendo seu disco nos postes mais longínquos.

Minha infância não foi só diversão e alegria. Eu também conheci a dor e sofrimento quando Sr. White morreu. Eu já havia perdido Baleia – meu adorado cãozinho – de uma forma estúpida, mas a morte do nosso professor de matemática me marcou profundamente. Sr. White era adorado por todos. Ele conseguia ensinar matemática até para quem odiava a matéria. Ele adorava ensinar usando músicas. Músicas e rimas nos ajudavam a decorar de tudo, desde tabuada à equações de segundo grau:

2 x 2 é 4.

4 x 4 , cuidado para não perder a vez, é dezesseeeeeeeis.

Eu adorava. Não era à toa que matemática estava entre minhas maiores médias. Infelizmente, no início da sétima série, o Sr. White teve um infarto fulminante. Ele já não tinha boa saúde, pois não praticava atividade física e era obeso. Além de ser idoso, 168 anos. De qualquer forma, foi uma morte inesperada e, para piorar, aconteceu na sala de aula. Ainda bem que não era minha

classe. A turma da oitava série estava revisando equações de terceiro grau e, entre uma estrofe e outra da música preparada pelo próprio Sr. White, ele despencou no chão. Mortinho da Silva.

O clima na escola não podia ser pior. Além da forma dramática com que o fato aconteceu – provavelmente traumatizando todos os jovens que viram a cena ao vivo e em cores – Sr. White era muito querido e todos nós sentimos muito. Seguiu-se uma semana de velório e homenagem na escola. Todos os professores falaram do trágico evento. Um mural em sua memória foi criado, onde alunos, professores e funcionários depositaram flores e colaram fotos. Acho que a morte de Baleia me fez sofrer enquanto criança, mas a morte do Sr. White me fez perceber pela primeira vez a própria mortalidade.

A adolescência também é aquela fase que começamos a descobrir o amor. Não o amor maduro, definitivo, mas aquele amor infantil, onde achamos que encontramos a pessoa para o resto de nossas vidas. Aquele amor ingênuo, a "paixonite". Eu não fui diferente dos meus amigos. Tive várias paixonites, nenhuma correspondida. Tinha a professora de português. Todos os alunos tinham que escolher uma terceira língua para aprender (além do inglês e espanhol) e eu escolhi o português por influência do meu pai. Ele dizia que o Brasil era uma das maiores economias do mundo e que saber essa língua seria bom profissionalmente no futuro. Com a Srta. Cecília – a professora de português – acho que comecei a me apaixonar pelo Brasil. E, por ela, lógico.

Ela era morena clara, de cabelos lisos. Baixa e bonita. Se movia como as latinas e tinha sempre um sorriso no rosto. Claro que todos, todos os garotos da minha turma eram apaixonados por ela

e, claro que ninguém tinha a menor chance. Afinal, éramos apenas uns moleques de 13, 14 anos, cheios de espinhas na cara.

E havia também as meninas mais bonitas da turma. Uma em especial, a russa Natascha, era tida com a mais bonita. Claro que ela nunca me deu bola. Aliás, nem aos meus colegas. Ela só gostava dos garotos mais velhos. Os de 16, 17 anos que a levavam para passear nos seus jetpacks. Era uma disputa inglória e desconfio que mesmo que eu pudesse dirigir um jetpack, com 14 anos ela não daria bola para mim.

Minha infância no geral foi muito boa. O saldo dessa época é de mais lembranças boas que más e, se não guardei muitos amigos para a vida adulta, tenho certeza que pelo menos eles também têm boas lembranças de nosso convívio.

BIOMA

Existem dois elevadores interplanetários. Um no Brasil e outro em Cingapura. De lá toma-se o comutador até seu destino final: a Lua, a Io (uma lua de Júpiter) e Marte.

Acreditava-se que o turismo espacial seria algo grande, mas não aconteceu. O mal estar é demais: náuseas, tonturas e fraqueza muscular.

O desconforto de comer comida pastosa ou em pílulas, e defecar em um aspirador, literalmente, desanimam qualquer um.

Claro que todos querem dar um pulinho no espaço só para dizer que fizeram. A minha primeira vez foi aos 18 anos. Um presente de ingresso na faculdade dado pelo meu pai.

No Brasil, o elevador interplanetário ficava bem perto de onde eu morava, na Ilha de Marajó. Chamamos de elevador interplanetário porque ele nos leva às estações espaciais, de onde tomamos transportes para outros planetas. A Ilha de Marajó fica na latitude – 0.9903 e longitude – 49.8448. É quase no Equador, no melhor ponto para ir ao espaço.

A EEIN está a 36 mil quilômetros da Terra, em órbita geoestacionária. Por isso, e somente por isso, é possível manter um

elevador conectado da terra à estação.

Tem 600 metros de diâmetro e pode abrigar até 3 mil pessoas simultaneamente. E está acoplado no miolo Central. A estação é uma grande roda gigante deitada. Ela tem 0,6 km de diâmetro e gira constantemente simulando 0,9 g de gravidade na borda externa.

*

Eu ingressei em Investigação Digital na UNB. Passei no processo seletivo por um triz. O verdadeiro motivo para eu ter escolhido essa universidade foi porque eu nutria uma atração pelo Brasil: "*Onde o clima é sempre bom e o povo tem sempre um sorriso no rosto*", já dizia a propaganda da empresa de turismo.

Saí da estação de lançamento de Marajó em uma manhã linda de verão. Às nove e meia, o elevador espacial disparou para o céu acelerando até sua velocidade final de 20 mil km/h. Em menos de duas horas, atracamos na estação espacial Isaac Newton.

O projeto dos elevadores espaciais foi concebido pela Agência Espacial Global, entidade que reuniu todas as outras agências da época: a NASA, a Agência chinesa, a indiana, a russa, a europeia e a iraquiana.

Todas as pesquisas e desenvolvimento espacial eram realizados em conjunto. Não sei se prefiro a época das corridas espaciais das superpotências tentando se superar (foi assim na corrida da década de 1960 pela Lua travada entre os EUA e URSS, onde os Estados Unidos saíram vencedores; e na corrida de 2030 entre a China e Índia para montar a primeira colônia humana em Marte), ou se prefiro agora, todos unidos pelo mesmo objetivo.

É verdade que tivemos muito sucesso depois que este consórcio foi montado: montamos bases permanentes na Lua, Marte e a lua Io em Júpiter. Iniciamos a exploração mineralógica de Marte e da Lua. Não sei. Algo nas corridas espaciais me excitava. É aquela coisa de não saber quem chegará primeiro, quem irá vencer.

De qualquer forma, o projeto do elevador espacial está aí. Testado, provado e 100% seguro. Era um sonho, desde 1895, quando o cientista russo Konstantin Tsiolkovsky imaginou-o.

É como um grande cabo com uma nave presa a ele. Aceleramos até 35 mil km, até chegarmos à EEIN em órbita geoestacionária.

Fora a propulsão, a velocidade de aceleração e a posterior desaceleração, a viagem não tem incidentes. Você parece estar em um brinquedo de parque de diversões. Sofre acelerações e desacelerações brutais. Assim, não viaje após comer ou beber.

O embarque no elevador é como um embarque tradicional em um aeroporto ou estação de trem. Todos são examinados por scanners corporais para não embarcar com metais e equipamentos eletrônicos.

O interior do elevador parece mais um avião. Na verdade, diria que parece um míssil com assentos! Antes de você se acomodar, lhe entregam um macacão astronáutico que, basicamente, irá lhe proteger contra despressurizações violentas e fornecer oxigênio se for o caso. Qualquer caso mais grave, como explosão, será fatal. A boa notícia é que em mais de uma década de operações nunca houve problema algum.

Em seguida, acomodam você no assento indicado, onde será amarrado por três cintos no corpo, três nas pernas e um capacete

fixo no encosto.

Um visor de entretenimento no capacete age como mestre-de-cerimônia. Obviamente, não se escuta o barulho ensurdecido da propulsão pois o capacete usa inibidores de fase de som. Enfim, é só relaxar e curtir a viagem, se é que você me entende!

Nas duas horas que viajamos, assistimos a um filme sobre a história do elevador e da EEIN. Depois, alguns filmes sensoriais para relaxarmos. Finalmente, tenho a opção de escolher o filme que assistirei para passar o tempo. Gosto muito dos clássicos de ficção científica, dos filmes de uma época que chamamos de Era de Ouro de Hollywood. Seleciono Star Trek. Assistir as aventuras do Capitão James T. Kirk no espaço me pareceu absolutamente apropriado nesse momento.

A desaceleração é violenta. Parece que a comida (que não comi) vem à boca! Ouvimos um THUMP grave e sabemos que houve conexão. As portas se abrem, os cintos são desconectados e todos podem, ordeiramente, desembarcar. Nesse momento, já estamos em gravidade zero!

Você tem ideia da sensação? É i-n-d-e-s-c-r-i-t-í-v-e-l. Parece que você não tem peso! Parece que está deitado nas nuvens...

Acoplamos um cinto do nosso macacão aeronáutico em um cabo que percorre todo o trajeto do elevador ao interior da estação. Somos orientados a sair dos assentos e flutuar em direção à saída.

Ao desembarcar, puxados lentamente pelo trilho suspenso, adentramos o miolo Central. Ainda sem gravidade, temos que nos manter conectados ao trilho.

Do miolo, avistamos quatro corredores: um segue para os alojamentos da tripulação permanente, outro para o deck de observação, restaurantes e área de lazer e o outro para os laboratórios e salas de máquinas.

Os passageiros são separados por objetivo. São 500 pessoas em cada viagem e muitos são mineradores destinados à Lua ou cientistas destinados à Io, Esses devem esperar seu comutador – um pequeno foguete tradicional, movido à energia nuclear - levá-lo a uma das bases.

É possível fazer turismo para umas das estações planetárias. Sim, é possível e até habitual mas, como disse anteriormente, nunca fui muito fã de tirar os pés da terra. São viagens longas para locais inóspitos. Eu sou uma pessoa de 'pé no chão'.

Eu, como vários outros passageiros, ficaremos por aqui mesmo. Estamos só a turismo. Vamos tirar umas fotos da Terra, outras com os astronautas e voltar.

Meu grupo é orientado a percorrer o corredor que leva às áreas de lazer. Ao longo desse corredor, de quase 400 metros, começamos a sentir a gravidade. Lentamente, nos sentimos puxados, mais pesados. A gravidade na estação é pouco menor que na Terra, 0,9 g, o que nos dá uma sensação agradável de leveza.

Ao chegar na área de lazer, somos desconectados do trilho automaticamente e caímos para a borda externa – agora o nosso chão – da estação.

O interior é lindo, existem muitas plantas e jardins, e a luz artificial compensa quando o sol não incide completamente no seu interior.

Grandes janelas cromáticas, à prova de radiação, apontando para a Terra e outras do lado oposto para a imensidão escura do universo.

Vemos muitos habitantes. A estação pode comportar até 3 mil pessoas e tem uma tripulação fixa de 1200. Vejo muitas pessoas andando rapidamente para seus compromissos orbitais ou apenas descansando na grama.

A estação tem um cheiro asséptico. Sinto o cheiro de grama, mas percebemos que o ar é filtrado. É um cheiro 'vazio'.

Aliás, o universo tem um zumbido estranho, constante. Um som de fundo característico só dele.

Quem vem nos receber é uma comissária-astronáutica, estudante de astrofísica, linda, ruiva; Rebecca. Ela é simplesmente linda! Cabelo longos, olhos claros, pele branquinha e sardenta. É muito simpática, fala seis idiomas necessários para recepcionar bem todos os turistas. Ela está pronta para responder a qualquer pergunta dos noviços e curiosos viajantes. Acho que é paixão à primeira vista.

A primeira parada na estação é para observarmos a Terra. É impossível não contemplar a imensidão azul do nosso planeta, de lembrar Iuri Gagarin dizendo "*a Terra é azul*". O trabalho do Senhor sempre me surpreende em toda sua amplitude e beleza.

Pela janela sul da estação, vejo o continente sul-americano e o Atlântico. A brincadeira é tentar identificar estruturas a olhos nus. Vejo, por exemplo, o grande dessalinizador na costa da Argentina. É uma estrutura tão gigante que mesmo daqui reconheço seus dois depósitos de água limpa. A dessalinização do mar para obtermos água potável tornou-se uma obrigação em meados de 2300.

Vejo também, nitidamente, o Bioma Amazonas que eu viria a conhecer tão bem. Como tem a dimensão da França, e é um oásis verde no meio do cinza e marrom, é fácil de perceber.

Um turista japonês me pergunta se já estive lá e se vale a visita. Respondo que não visitar seria loucura, uma alienação. Considero um dos lugares mais lindos e mágicos da Terra.

Ao norte, identifico facilmente o estado da Flórida. E mais ao norte ainda, vejo os grandes lagos americanos: Superior, Michigan, Huron, Erie e Ontário.

O passeio turístico que contratei trazia um guia explicando o projeto do elevador espacial e o projeto da própria estação etc. Tudo perfeitamente realizado pela nossa adorável Rebecca. Incluía também o curioso 'jantar dos astronautas'. E, assim, experimentei comida em cápsula e cremosa.

Comi um bife acebolado com creme de espinafre. *Hummm*. Só de pensar me deu água na boca! Infelizmente, só em pensamento. O bife foi servido em cápsulas: seis cápsulas do tamanho de um *quarter* americano já supriria minhas necessidades proteicas da noite. Já o creme de espinafre era uma pasta amarelada: 100 gramas de nutrientes. Viva!

É...a vida no espaço não é para mim.

Nossa programação na EEIN seria de dois dias: no primeiro, o passeio pela estação, fotos e vídeos do seu interior, ocupantes e da vista deslumbrante da Terra e do espaço. Depois jantaríamos – o que já havíamos feito – e, finalmente teríamos uma exibição de ciência no Laboratório Científico número 1.

Não me interessei muito por essa parte da visita, mas me interessei muitíssimo pela nossa amiga ruiva. Ao pé da orelha

perguntei se ela era desse mundo ou dos anéis de Saturno – nunca fui bom em cantadas!

Ela riu, parece que agradei. Foi a deixa que precisava para convidá-la. Mas convidá-la a fazer o que na EEIN? Onde se leva uma garota à noite, na estação espacial?

Flertei dizendo que não queria conhecer mais nada da estação, só queria passar minhas poucas horas ao lado dela. Perguntei o que poderíamos fazer.

Um dos parques da estação é apropriado para casais enamorados e Rebecca prometeu passar em meu quarto às 21h30 para visitarmos um parque, conversarmos e olharmos as estrelas de uma forma que eu nunca havia imaginado.

Às 21h eu já estava pronto. Arrumado no melhor estilo que pude. Perfumado. Lembrei-me do *Pequeno Príncipe*: "*Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz. Quanto mais a hora for chegando, mais eu me sentirei feliz. Às quatro horas, então, estarei inquieto e agitado*". Era assim que eu estava: inquieto e agitado.

Rebecca chegou às 21h42. Eu já roía as unhas. Acho que a visão dela havia mexido comigo mais de que eu pensara. Meu lado romântico falava alto dentro de mim. Falava que eu deveria presentear ela com algo. Não sabia como conseguir flores para ela então fiz o que pude com o que tinha à mão. Quando garoto aprendi com uma colega de escola a fazer dobraduras japonesas. Os famosos origamis. Arranquei uma página do livro que havia levado para qualquer eventualidade e fiz uma rosa em papel. Assim que abri a porta entreguei-o à ela e ele me retribuiu com um lindo sorriso.

A noite foi inesquecível. Minha acompanhante tinha 22 anos, era estudante de astrofísica na Universidade de Cabo Canaveral e cumpria um estágio obrigatório de quatro meses na estação. Era tão simpática quanto linda, e passou metade da noite falando das constelações.

Lembro-me de estar encantado pelos seus cabelos, pela sua voz, pelo seu perfume. Ela vestia uma roupa simples – como todas as roupas na estação deveriam ser: um macacão verde oliva. Prendera o cabelo em um coque alto, usava um batom vermelho. Não tinha jóias (acho que não era permitido) mas notei uma delicada tatuagem na base do pescoço. Era uma ânfora derramando água. Traduzia seu signo: aquariana! Descobri rapidamente que era uma típica representante do signo. Tinha espírito investigativo, juízo imparcial, caráter honesto, temperamento independente e prático. Acho que combinara com a profissão escolhida.

Passamos horas deliciosas no Parque 1, sentados de mãos dadas como dois adolescentes observando, pelas grandes janelas panorâmicas, as estrelas e constelações. Ela tinha razão quando disse que eu veria as estrelas de uma forma que nunca havia visto. Vê-las assim, no céu do espaço, sem poluição, com a companhia dela, foi inebriante.

Já passava das duas da manhã quando, tal qual um garotinho, tive coragem para beijá-la. Sempre fui tímido e hoje não foi diferente. Acho que ela gostou de mim e passamos aquela noite juntos, no meu quarto.

A programação do segundo dia incluía um café da manhã com os astronautas. Experimentei os ovos mexidos em pasta e bacon em comprimidos. A essa altura, eu estava adorando tudo.

Rebecca acompanhou o grupo no café da manhã e depois levou para o passeio do dia que incluía uma visita ao lado oeste da estação, à estufa de plantas e alimentos e ao zoológico (que pouco lembrava um zoo de verdade).

Nosso retorno à Terra estava programado para às 16h. Para falar a verdade, eu ficaria mais uma semana se deixassem, somente para ficar com minha Rebecca. Mas a segurança da estação é extremamente rígida. Antes de visitá-la, você tem que se candidatar, explicar suas intenções e não pode mudar os planos lá dentro.

Não restou opção a não ser retornar à Terra. Se eu quisesse, poderia tentar voltar a estação em breve, apesar de achar pouco provável. Nessa época, eu ainda não tinha renda suficiente para esses arroubos. Acho que a paixão de verão com a Rebecca ficaria somente nas nossas memórias.

Com um abraço inesquecível, com um beijo delicado, me despedi de minha ruiva e regressei por onde vim: de elevador. A descida foi sem incidentes. Em pouco menos de duas horas, estava com os pés em terra firme.

*

Foram oito anos de faculdade. No terceiro ano de Investigação Digital, decidi começar o de Psicologia Digital. Mas, nenhum desses dois foram minha primeira escolha. Eu queria mesmo é ser médico geneticista. Desejei esse curso por influência do meu pai. Ele achava que as pessoas são diferentes. Mas, hoje, pensando bem, acho que ele era apenas mais um fascista ou hipócrita mesmo.

Só sei que não passei para faculdade de medicina genética. Nessa época, eu ainda morava com meus pais – eles eram vivos – e eu tentara entrar para a Faculdade de Medicina de Pequim, a melhor do mundo. Desconfio que o meu fraco mandarim me impediu de ter sucesso nessa empreita. Ah... a época em que saber apenas inglês era o suficiente. Que saudades de uma era que não vivi.

Estudei em Recife, no Brasil, e esta havia se tornado uma aventura pessoal, no mínimo, emocionante para mim. Recife era uma megalópole pujante. Ela detinha o terceiro maior centro de estudos tecnológicos, ficava atrás apenas de Palo Alto e Nova Deli. E ficava no Brasil – país que, como vocês já perceberam, sempre me fascinou. Um dos motivos desse fascínio era exatamente o fato do Brasil guardar o último bioma de uma floresta tropical da Terra.

E o projeto Bioma Amazonas reunia as espécies mais significativas da flora e fauna da região numa área aproximadamente do tamanho da França, que era menos de um décimo do que a Floresta Amazônica fora um dia.

Não existem mais florestas tropicais – ou de qualquer tipo – então este tipo de bioma é essencial para preservar nosso passado e para pesquisas de variados tipos.

O Bioma Amazonas era um dos 19 espalhados pelo mundo e, com certeza o maior. O mais importante é que lá que conheci a Mirtes Lauvin, minha futura esposa e, tão importante em minha vida, que se tornaria a única.

Ela já era PhD em virologia e genética. Já seria laureada com um Nobel e um Hawking antes de completar 30 anos. Até hoje, me pergunto o que ela viu em mim já que eu não era nenhum gênio.

A conheci no verão de 2524, na minha primeira visita ao Bioma. Entre uma *Calathea Ioesneri* e *Maranta Lótus* a vi fazendo suas anotações. Ela parecia uma amazonas: cabelos longos e negros como a noite. Alta, 1,65 metros, magra de mãos delicadas. Tinha um sorriso enorme e os olhos amendoados. Quando sorria, surgiam covinhas nos cantos da boca. Seu nariz era pequeno e a pele brilhava como fosse de porcelana.

A primeira vez que a vi, ela olhou sem querer, sem motivo, na minha direção e...sorriu. Vi toda extensão daquele sorriso, as covinhas apareceram para mim junto com os dentes mais alvos que já havia visto. Se não me apaixonei naquele átimo, no mínimo, me encantei. Sorri de volta. Foram anos de paixão.

Passei a visitar o bioma como se fosse estudante de botânica e é bem possível que isso tenha prejudicado meus estudos.

Certa vez decidi ficar no bioma por três dias. Havia algumas maneiras de fazer isso: se hospedando em um dos quatro hotéis disponíveis, ficando em uma tribo indígena ou acampando. Essa última não era recomendada e era terminante proibida pelo Governo do bioma, mas eu não me importava e adorava acampar.

Fui muitas vezes ao bioma mas a primeira vez foi logo após a visita à estação espacial. Como eu era jovem, queria experimentar a natureza de perto. Também sempre gostei das coisas à moda antiga. Sou daqueles que ainda tem CDs de música em casa, assisto filmes clássicos em DVDs, gosto dos antigos carros movidos à explosão de combustível fóssil. E, por isso, para pernoitar na floresta eu queira fazer à moda antiga: fui munido de barraca de camping, saco de dormir, bússolas e lamparinas à gás. Nada de

energia elétrica, gps, biocomms e outros confortos. Conforto eu teria em casa. Aqui, era para ter contato com a natureza.

Muitas vezes acampeei próximo à aldeias indígenas como os *Hi-mermã*, *Jamamadi* e *Kaixana*. Nesse último, encontrei certa vez um grupo de jovens médicos e antropólogos fazendo pesquisas.

Os Kaixana são um povo doce, falam português fluentemente e conseguiram manter as raízes. Seus rituais estão entre os mais bonitos que já vi. No grupo, um homem chamou minha atenção. Um certo Dr. Robert Mugabi. Era, com certeza, um homem educado. De fino trato, viajado e muito estudado. Nos dias em que convivemos, nunca me destratou e nunca o vi ser desrespeitoso com os nativos. Mas, algo me incomodava. Como passamos cinco dias juntos, acordando, fazendo incursões no mato, pescando, comendo e conversando até tarde antes de dormir, acabei conhecendo um pouco dele. E, não me pareceu certo, mas ele demonstrou em mais de um momento – na solidão de uma conversa comigo – preconceito contra os Kaixana. Falava que eles eram “de certa forma, inferiores, por não terem se civilizado totalmente”.

Nunca vi os Kaixana – ou qualquer tribo indígena - como inferior sob qualquer ponto de vista. Se eles optaram por manter suas raízes e forma de viver, se vivem em harmonia total com a natureza, sempre vi como algo para aplaudir e aprender.

Nas viagens seguintes que fiz ao bioma, ficando em aldeias ou hotéis, nunca mais esbarrei com o Dr. Mugabi. Ainda bem.

A primeira vez que me hospedei em um hotel já foi fruto de uma paquera, um flerte bem dado com a Mirtes. E, como queria impressioná-la, reservei um quarto no interessante Hotel Suspenso do Amazonas. É um conjunto de casas em árvores. Cada árvore com

uma casa circundando-a. Essas casas eram recheadas com todo conforto do mundo moderno. E, todas tem um deck de observação. Pela manhã, podemos observar pássaros e, com sorte, alguns primatas e à noite pode-se avistar o céu mais estrelado que se tem notícia. Na verdade, é tanta estrela que você se sente sufocado, imprensado.

O dia a dia na floresta, nestes retiros, é sempre o mesmo: passeios para conhecer a flora e fauna com um guia experiente. Rotina de "pesque e coma" – para quem curte. Safari fotográfico – algo que eu amava. E, muita, mas muitas picadas de inseto!

Além dos mosquitos do tamanho de baratas, o Amazonas tem baratas do tamanho da palma da mão. Esbarrar com essas belezuras voando no quarto não é nada divertido. Faz parte da experiência, claro. A vida no paraíso tem seus imprevistos.

Sempre gostei muito de nadar no Rio Amazonas. É o maior rio da Terra, com 6.437 km de extensão. Sua água é bem escura e ele guarda alguns dos maiores peixes do mundo. O pirarucu, por exemplo, chega a ter 3 metros de extensão! É dócil, só come plantas e plânctons. Agora, diga isso ao seu inconsciente ao esbarrar com ele no rio escuro de profundezas de até 100 metros. É impossível não se assustar!

Os rios do bioma também guardam dois outros animais curiosos e assustadores, cada um ao seu modo. O candiru é um minúsculo peixe que teima em entrar na sua uretra caso você urine na água. Uma vez dentro de você, ele se fixa com sua boca e garras. Somente cirurgicamente é possível removê-lo.

Outro é a piranha. Este peixe é carnívoro, pode chegar a 30 centímetros de comprimento e ataca em bando. Basta um pouco

de sangue na água para eles se aglomeraram com voracidade. Lembro-me de ficar impressionado quando estava em um safari fotográfico, percorrendo um igarapé do Rio Negro, em uma pequena jangada, e me deparei com um pequeno animal, um roedor creio, caído, já morto, nas águas do rio. Um cardume incontável de piranhas atacava ferozmente o infeliz. A água em seu entorno estava escarlate. Ele já não mais mexia – provavelmente já estava morto a minutos. Parei meu barquinho à distância e comecei a fotografar. Seriam algumas das mais impressionantes séries de fotos da vida selvagem que eu já havia feito. Não sei a quanto tempo o cardume devorava o roedor mas, do momento que cheguei ao momento que saí, restou apenas uma carcaça: ossos e vísceras à mostra. Tudo em apenas 20 minutos. Como, um peixe relativamente pequeno, conseguia em tão pouco tempo consumir tanta carne, pele e músculos? A natureza era por ora assustadora e sempre fascinante. O bioma, a floresta, a natureza me encantavam, realmente.

*

Eu ainda não sabia, mas àquele primeiro sorriso somariam-se mais de 100 anos de união. E eu Mirtes namoramos, casamos e nos tornamos cúmplices. Nos séculos 26 e 27, casamentos geralmente duram menos tempo que no passado. Como vivemos quase 200 anos passamos a encarar a vida em fases distintas. Chamamos cada fase de "infância" e vivemos quatro infâncias de aproximadamente 40 a 50 anos cada.

O conceito de "infância" começou a tomar forma no século 22. Assim que o homem ultrapassou a marca simbólica dos 100

anos, em média, algumas pessoas mais progressivas começaram a contestar alguns dogmas de nossa vida em sociedade. O primeiro questionamento foi: por que só podemos ter uma profissão ao longo da nossa existência? Esse hábito caiu por terra com muita facilidade. Pessoas começaram a estudar e trabalhar em outras áreas após 30, 40 anos de dedicação a uma profissão. Cursos e faculdades souberam aproveitar a expansão da longevidade para oferecer cursos tardios para adultos. Cursos para a terceira idade viraram cursos para a nova idade.

Em poucas décadas, o novo hábito já estava enraizado. Quanto mais vivíamos, mais e mais empurrávamos os limites de nossos hábitos sociais. Quando batemos 150, 160 anos já existiam mais divórcios que casamentos. Aos poucos, as pessoas perceberam que, ao invés de tentar ficar casado por 140 anos com a mesma pessoa, até mesmo em um relacionamento falido, por que não dar uma chance a cada um de constituir nova família?

Essa mudança social não veio fácil. Provavelmente, demorou mais uns 50 anos para a sociedade aceitar e as leis evoluírem para abraçar a ideia. A poligamia continuaria a constituir crime na maioria dos países, bem como o conceito de poliamor. No entanto, passou a ser fato comum casais permanecerem 30, 40 anos juntos e depois se separarem e continuarem como amigos e cada um casar novamente.

Depois, veio o grande desafio de organizar quantos filhos uma pessoa poderia ter ao longo da vida. É um grande desafio até hoje. No século 25, a Terra já tinha 15 bilhões de habitantes. E, apesar da ciência ter resolvido a problemática da alimentação para todos – através de alimentos sintéticos – existiam outras pressões

sociais como moradia, emprego e saúde. A Liga das Uniões, havia baixado a Lei Geral da Natalidade decidindo que cada casal poderia ter no máximo dois filhos, apesar dos seus múltiplos casamentos. Por isso, os casais geralmente tinham seus filhos logo na primeira união. Para evitar maiores problemas.

PRIMEIROS ANOS

Voltamos a nos encontrar na UNB. A universidade era um complexo de sete prédios com uma grande área verde ao centro. As construções eram modernas uma vez que a universidade tinha menos de 200 anos. Contrastava com outras famosas pelo mundo que chegavam a 1000 anos de existência.

O ensino de qualidade no Brasil se tornou realidade em meados do século 22, e a UNB ganhou notoriedade com alunos laureados por prêmios como Nobel, Pulitzer, Hawking etc. Mirtes era um deles.

A maior parte dos meus estudos acontecia no prédio A, Campus Sul. Abrigava mil alunos simultaneamente. Possuía a maior tecnologia investigativa possível, conexão de um milhão de yottabytes com uber rede e toda parafernália para manter-se na excelência do seu segmento.

A cadeira de Investigação Digital da UNB era a terceira melhor na classificação mais importante do ranking de escolas do mundo.

Minha turma era constituída por 30 colegas e grande parte dos estudos era feito sozinho. As poucas aulas que existiam eram voltadas para orientação. A carga de leitura era intensa e por isso usávamos muitos recursos para cumprir o volume insano: áudio livros, livros sensoriais, holo-livro e leituras durante o sono.

Mirtes estudava no prédio C1 no Campus Norte, mas nos encontrávamos sempre nas áreas comuns: refeitórios, cafés, bibliotecas digitais e parques. E foi em um café que a vi pela segunda vez.

Dessa vez não a deixei sorrindo sozinha. Não sei se ela se lembrou de mim no Bioma Amazonas, mas não deixaria escapar a chance de falar com ela. Eu era um jovem muito tímido, de poucos relacionamentos. Tive, talvez duas ou três namoradas sérias. Mesmo assim, sabia que não poderia deixar de passar aquele sorriso mágico, *dos dentes brancos*.

Me aproximei de Mirtes, segurando um café.

– Adorei o bioma mas acho que sem você por lá não haveria a metade da graça.

Enquanto eu falava, percebia como aquilo tudo era piegas. Tarde demais. Restou-me a vergonha.

Mirtes sorriu:

– Você sempre canta as meninas dessa forma cafona?

Por sorte, foi o suficiente para conseguir chamar sua atenção e poder sentar ao seu lado.

Logo descobrimos que tínhamos algumas paixões em comum: café brasileiro, música clássica alemã, natureza, entre outros.

Assistir aos recitais de música clássica alemã e conversar sobre o Bioma Amazonas renderia – e rendeu – noites e noites de

conversa e diversão.

Nos anos seguintes nos tornamos amigos e fomos ao bioma incontáveis vezes. Incontáveis mesmo. Eventualmente, nos tornamos amantes. Porém, isso demorou um pouco para acontecer. Não porque eu não quisesse. Acho que desde a primeira vez que vi aquele sorriso eu me apaixonei. Acho até meio estranho dizer isto mas sempre acreditei em amor à primeira vista e em encontro de almas. Não sabia, nesta época, se Mirtes seria esta pessoa mas algo me dizia que sim.

Na UNB, fizemos poucas amizades. Entre eles, o Theo Garcez e Marinna Lamarca. Um argentino e uma brasileira. Um casal que também se conheceu na universidade. Se tornaram grandes amigos e companheiros.

Diferente de nós, eles começaram a namorar muito rapidamente e foram morar juntos no primeiro ano de estudos.

A Marinna fazia faculdade de Design Robótico e Theo estudava filopsicologia. Não podiam ser mais diferentes academicamente. Socialmente, nós compartilhávamos o mesmo gosto por jantares exóticos e turismo histórico no Brasil.

Havia recitais dos clássicos alemães, pelo menos, semestralmente. Mirtes e eu íamos a todos. Eram realizados no anfiteatro do campus, composto por duas salas de música: uma aberta, ao ar livre – minha favorita– e outra fechada. Eram salas para 2 mil pessoas. O corpo de música era composto por 52 integrantes: todos alunos, professores ou funcionários da universidade.

Na noite de 5 de abril de 2525, o recital era Wagner. Busquei Mirtes em casa. Ela estava linda, usava um vestido leve, tropical, de

seda azul e roxo. Salto alto, bijuteria e maquiagem como de costume. A pele morena brilhava, de tão linda. Eu sempre ia de terno a recitais. Achava que era o *physique du role* obrigatório. Assistimos ao recital na concha aberta, sob uma noite linda, de céu limpo.. A experiência foi inebriante quando a orquestra tocou todo o terceiro ato da sinfonia *Tristão e Isolda*, de Wagner – sinfonia baseada em uma lenda medieval. A Lua e a estrela no céu nos davam uma vista impossível de não se alegrar.

O programa oficial após o concerto era sempre jantar. Havíamos marcado com os amigos Theo e Marinna em um restaurante novo de comida tailandesa no centro histórico de Recife.

Theo e Marinna não curtiam os clássicos, mas os jantares sim. Como eu e Mirtes não dirigíamos, pegamos um transporte público, um hover-bonde Ele percorria todo o campus e nos deixava no miolo do distrito histórico. Eu adorava o hover-bonde porque além de confortável, de se locomover sem barulho, ele passava por terrenos irregulares e, assim, qualquer viagem era mais rápida.

*

O centro histórico de Recife surgiu em fins da primeira metade do século XVI. É o ponto de origem da povoação da cidade, exatamente a entrada do porto.

Para atender ao crescimento econômico foram construídas residências para os trabalhadores portuários e, assim, nasceu o bairro.

Inicialmente, a região chamava-se Arrecife dos Navios e se estendia, desordenadamente, por uma área de dez hectares, com a

construção de casas em qualquer lugar. A abertura de ruas obedecia apenas à vontade dos que ali se fixavam. O nome da cidade, Recife, com certeza veio dessa primeira expressão: 'Arrecife de Navios'.

Durante o breve domínio holandês sob o território brasileiro, por volta de 1637, o bairro começou a ser ordenado e tomar a forma preservada que adoramos até hoje. São pouco mais de 15 charmosas ruas com prédios antiquíssimos, lindamente preservados.

Em frente ao bairro, do outro lado da faixa de água, existe o Parque de Escultura. Da nossa margem, avistamos dezenas de esculturas, lindas e antigas. Uma delas um totem indígena que se propõe a proteger a entrada do porto. Outra evoca espíritos que protegiam os armazéns. Todas têm um viés místico.

Passamos várias noites nesse cenário encantador. Hoje, jantamos na Torre Malakoff. Uma estrutura 1834, um arsenal da Marinha, em homenagem à Guerra da Criméia. Essa homenagem não teve grande significado para o local, pois a população da cidade não tinha relacionamento algum com esse outro país europeu, mas o nome pegou e ficou.

Quando os arsenais foram extintos – e guerras não ocorriam mais – a Torre virou um observatório astronômico, com esse delicioso restaurante.

Chegamos ao The Thai Nam às 20h. Nossos amigos já estavam presentes.

– Olá, Pete. – era como Theo me chamava.

– Como vai o nosso casal 20? – respondi, em uma referência a um clássico da Era de Hollywood, sabendo que ninguém entenderia.

As mulheres se abraçaram e beijaram. Os latinos são muito físicos, sensoriais. Gostam de se tocar, apalpar, beijar. Com tantos anos de Brasil, já me acostumei mas não é algo que eu faça automaticamente.

Pedi o *Phad Thai*, Theo pediu o *Goong Plaa*. As mulheres preferiram pratos menos picantes, como o *Frango ao curry e coco*. A culinária tailandesa era interessante, muito criativa, exótica, picante. Adorávamos experimentar novos sabores.

A conversa da noite foi o novo curso de Psicologia Digital da UNB. O assunto havia me fascinado tanto que não via a hora de me inscrever. Pensamos em como as relações humanas mudam em função dos hábitos, costumes e tecnologia. Brincando de imaginar a vida sem tecnologia, imaginar que antigamente não existia aerocarro, aviões supersônicos, estações espaciais, replicadores e a uber rede.

Mudando de assunto, o Theo nos contou da última viagem deles. Foram para o Monte Roraima. Uma montanha localizada na tríplice fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana. É uma formação rochosa interessante, como um grande platô delimitado por falésias de cerca de mil metros de altura. Seu platô apresenta um ambiente totalmente diferente da floresta tropical e da savana que se estende a seus pés.

Descoberto apenas no século XIX, o monte Roraima foi escalado pela primeira vez em 1884, por uma expedição britânica chefiada por Everard Ferdinand im Thurn. As histórias do lugar mágico inspirou um dos maiores autores que já tivemos, o Sir Arthur Conan Doyle quando escreveu o ótimo livro O Mundo Perdido.

Hoje, para alcançar o platô, usamos pequenos heli-jatos. São pequenos jatos pessoais que levam duas pessoas e bagagem. Os dois motores são eletromagnéticos e muito confortáveis. Fazem pouco barulho e zero trepidação. Gosto muito de viajar nesses brinquedos de adultos.

Theo e Marinna nos mostram as holo-fotos da viagem. Projetam-nas em cima da mesa do restaurante mesmo, entre um café e outro. Realmente, deve ter sido uma viagem mágica e com essas histórias deliciosas decidimos que nossa próxima viagem será para esse destino.

Com amigos tão queridos, a hora voa e quando percebemos já passava das 23h. Terminamos de jantar e pegamos uma carona com eles até a casa de Mirtes.

No caminho brincam muito conosco, provocam. Queriam saber quando iríamos morar juntos. Afinal, já estávamos há dois anos no curso e praticamente juntos este tempo todo.

Subimos. A Mirtes mora em um lindo apartamento. Pequeno, todo desarrumado. Casa de uma típica taurina: muito exigente e de bom gosto para quase tudo.

Antes do boa noite, a cobrança esperada.

– Quando você virá morar aqui? – metralha, Mirtes.

Na verdade, acho que não existe mais motivo para não morarmos juntos. Aliás, nunca existiu. Acho que era só uma situação cômoda, cada um no seu lugar. Não somos de brigar, nos damos muito bem e sempre achamos que deveríamos ficar juntos. Já havíamos falado sobre isso muitas e muitas vezes.

Enfim, decidimos que o dia chegara. Amanhã, eu entregaria meu apartamento e mudaria com minhas malas e livros para o

apartamento da Mirtes.

*

O terceiro ano, academicamente, foi um ano de muito estudo e diversão. Foi quando o curso de Investigação Digital passou para atividades mais práticas.

Investigação Digital era um ramo relativamente novo de ciência, não devia ter 400 anos. A premissa principal era que através da tecnologia e da nossa interação com o mundo digital podemos investigar qualquer assunto e identificar origens, motivos, consequências.

Alguns achavam que tratava-se de investigação policial pura e simplesmente mas, não, desde o final do século XXII o homem ficou cada vez mais conectado e integrado à tecnologia. Assim, todas as suas atividades – estudar, trabalhar, se divertir – eram apoiadas pela tecnologia e portanto tudo que fazemos deixa uma trilha digital.

Era uma ciência mal compreendida e até pouco admirada. Os fatos que iriam se desenrolar me alçariam a uma posição de necessidade no teatro dos eventos exatamente por ter esses conhecimentos, além de Psicologia Digital.

Este ramo da ciência era mais curioso ainda. A premissa é que a vida conectada gerava uma série de angustias, frustrações, tensões sociais e alegrias e que através do estudo das relações digitais de um indivíduo você poderia entendê-lo melhor. Até prever atos e comportamentos. A Psicologia Digital era largamente usada por empresas em processos seletivos, por exemplo.

Também aproveitei o terceiro ano para viajar muito pelo Brasil. Fomos ao Pantanal matogrossense, uma área alagada no centro-oeste do país com 250 mil km². Como amantes da natureza, aquilo nos encantou. Ficamos em um hotel flutuante – O Hotel Pantaneiro – que literalmente flutua em colchões de ar sobre a lâmina d'água. Assim, nos protegemos dos predadores da região, como as onças pintadas e os jacarés.

Foi uma daquelas aventuras para guardarmos na memória e contarmos para nossos futuros filhos. Acordávamos às seis horas com o sol nascendo, a luz fraca amarelo-laranja entrando pela janela de nosso quarto, delicadamente nos aquecendo.

O quarto era uma simulação de uma casa indígena – com todo conforto da modernidade. Muito vime e cortinas de voil, pisos, paredes e tetos de madeira.

O café da manhã era típico e exótico, exatamente como gostávamos. E os passeios eram 'caçar' crocodilo com lanterna, safari fotográfico de pássaros e investigação botânica. Foram 15 dias de alegria fazendo algumas das coisas que mais gostávamos.

Nosso relacionamento se fortalecia durante essas breves viagens. Era o tempo que passávamos juntos, o carinho que trocávamos e, mais importante, era a confirmação que gostávamos das mesmas coisas.

De volta à civilização, a única novidade era o meu envolvimento com a montagem do próximo recital na Concha Acústica. Além de espectador, eu seria protagonista. Aliás, protagonista não, pois estes eram os músicos – eu seria coadjuvante mesmo. De qualquer modo, era uma promoção de espectador à coadjuvante. Como eu não sabia tocar nada – e nunca conseguiria

aprender – acho que a única maneira de participar nesse tipo de evento seria ajudando na montagem.

Foi um processo hercúleo. Ao final, fiquei cansado, imaginando como tem gente que faz isso como profissão. Tive que entrar em contato com várias orquestras até conseguir uma que tivesse interesse e agenda para vir ao Brasil. Não por acaso, consegui fechar com uma pequena escola de música do meu estado natal, Little Rock. Era a *Music School of Arkansas*. Pequena, nova e promissora. Já havia ganhado prêmios universitários nos Estados Unidos.

Eu queria, além de ajudar os garotos a mostrarem seu valor e a crescerem mais tecnicamente, dar-lhes a oportunidade de conhecer um país tão diferente do deles. Um país tropical, quente, com um povo amável e hospitaleiro.

Reservamos um dia quente de julho para o recital. Tive que providenciar patrocinadores para bancar a viagem e estadia dos integrantes da *Music School of Arkansas*. Os músicos na verdade não receberiam nada – não tínhamos orçamento para isto e eram todos, afinal, amadores. A experiência compensaria qualquer falta de recurso financeiro.

O acordo era trazer os músicos para fazerem duas apresentações, em seis dias. Era tempo suficiente, inclusive para uma visita rápida ao Bioma Amazonas.

Quando subiram ao palco principal, às 19h do dia 8 de Julho de 2526, com a casa cheia, mil lugares tomados, meu coração disparou! Era agora ou nunca. Será que escolhi o grupo certo? Será que a plateia gostaria?

O nervosismo, toda a ansiedade de produzir eventos não é para mim. É para quem tem coração forte.

A orquestra começou com uma linda performance dos metais tocando *Aquarela do Brasil*. Uma das mais lindas músicas de amor ao país. O público, quase todo de brasileiros (e os que não o eram com certeza eram amantes do país) veio à loucura! Em um evento de música clássica se espera que a plateia permaneça em silêncio mas nesta hora não deu para resistir: foram aplausos fora de hora, assovios e gritos! É estranho, o brasileiro é muito emotivo e, sempre, sempre demonstra.

A noite foi maravilhosa. Após uma hora e meia de performance impecável, a orquestra dos meninos terminou com *Brasil, meu Brasil brasileiro...* Outro hino de amor ao país. Agora não teve como segurar. O público gritou, jogou aos ares o que tivesse à mão! Parecia final de campeonato. Todos, TODOS se levantaram, aplaudiram muito e ovacionaram os meninos. Que alegria. Que satisfação.

Mirtes me abraça e beija.

– Parabéns, estou muito orgulhosa de você. Esta foi uma noite para eu não esquecer.

*

Os próximos anos de faculdade foram longe de Mirtes. Mudei para o Rio de Janeiro, capital do país, por força do estágio obrigatório. Investigação Digital é um trabalho árduo intelectual – e das máquinas, claro – muito grande. É uma atividade que se

aprende praticando. E, se Recife era um polo de alta tecnologia no Brasil, Rio de Janeiro era o polo investigativo.

Rio de Janeiro era uma cidade apaixonante. *Cidade Maravilhosa* cantavam seus habitantes. Estavam cobertos de razão! Primeiramente, era emoldurada por uma baía translúcida, cheia de vida marinha com golfinhos e baleias, e muitos e muitos quilômetros de praias oceânicas.

Era sol quente quase o ano todo, o que convidava a todos a vestirem menos roupas e cultivarem a saúde. As caminhadas na orla eram obrigatórias.

O povo era um capítulo à parte. O brasileiro de modo geral é muito receptivo e simpático mas, no Rio de Janeiro, eles tem um *joie de vivre* único.

Eles têm, por exemplo, uma comemoração anual chamada Carnaval, que consiste em festas de ruas e paradas de carros alegóricos, que é inigualável no mundo todo. A música – um tal de samba – é contagiante. É impossível não querer pular da cadeira e dançar. As pessoas usam fantasias incríveis e por quatro dias só querem saber de alegria. É uma comemoração que sobrevive a mais de 500 anos.

Os dois anos no Rio de Janeiro foram, bons e divertidos. Mirtes me visitava nos feriados, e eu ia para Recife em alguns finais de semana. Assim, como eu, ela se apaixonou pela cidade.

Em um destes carnavais tivemos uma experiência única: conheci o organizador de uma das agremiações e fomos convidados a desfilarmos. A emoção e excitação pela expectativa foram indescritíveis. Decidimos nos preparar com afincos para não parecermos dois estrangeiros na festa. A Mirtes, como boa brasileira,

pegou o jeito de dançar o samba muito rapidamente, mas eu, não. Eu era uma lástima! Só não desisti porque nessa festa tão alegre ninguém se importaria com mais um 'gringo' [6] sambando mal.

De qualquer forma, Mirtes estava decidida a me ensinar alguns passos – a vergonha na pista do desfile não seria total, afinal! Sempre que ela estava na cidade íamos à Escola de Samba para praticar. O ambiente era incrível. Um enorme barracão, para umas duas mil pessoas, som ensurdecedor de tambores, tamborins, surdos, repiques e outros instrumentos tropicais que eu nunca havia visto. E, centenas de pessoas dançando cadenciadamente.

Acho que depois de uns dez ou quinze ensaios eu conseguia passar por sambista júnior. Ou seja, fazer os passinhos mais simples: 1, 2, 1, 2. Costumávamos chegar cedo à quadra da escola e ficar até o final do baile. Acabávamos exaustos e felizes.

Veza ou outra, ficávamos tão empolgados que íamos a um mirante – e são muitos na *Cidade Maravilhosa* - para assistir ao nascer do sol. Não há palavras para descrever este evento que pode parecer tão habitual quando ocorre numa cidade linda como esta.

É claro que as belezas do Rio de Janeiro, o samba, o sol pesaram na minha escolha para fazer o estágio. Mas, sinceramente, o que pesou mais foi o expertise do centro de investigação técnica da polícia daqui.

Em algum momento do passado, por volta do século XX, o Rio de Janeiro foi uma das cidades mais violentas do mundo. Era a época das drogas naturais como cocaína e maconha. Hoje, essas drogas já caíram em desuso e as virtuais assumiram seus lugares. E o combate, que na época era como uma verdadeira guerra, passou a ser mais de inteligência, passou a ser um combate financeiro. Sem

falar que, graças a muitas décadas de trabalho duro, o consumo de drogas caiu a ponto de não ser nem considerado mais um caso de saúde pública.

Mas, o Rio de Janeiro passou por esta fase de guerra contra as drogas – como muitas outras cidades em outros países – e, conseguiu virar o jogo. Muito devido às investigações digitais que começaram a empreender já no início do século XXI.

Através da investigação digital, a polícia local conseguiu rastrear desde a forma que os traficantes se comunicavam para contrabando e distribuição das remessas de drogas como, também, o caminho percorrido pelo dinheiro deles– o dinheiro de sangue.

Atacando os meios de comunicação e bancários, a polícia do Rio conseguiu incapacitar os grandes cartéis e, assim, começou a virar o jogo.

Como resultado – ou talvez por isto tenham tido tanto sucesso – eles criaram um gigantesco centro de investigação policial de ponta incomparável no mundo. A taxa de conclusão de crimes deste centro era de 99,9%. Eu TINHA que estar lá!

Tive a oportunidade de participar – e aprender – na maior operação de combate às drogas que o país já havia patrocinado. As drogas do momento não são mais as drogas orgânicas – cultivadas ou fabricadas. É claro que as principais drogas cultivadas como marijuana, cocaína, heroína e crack tem seus adeptos e, as drogas sintéticas como LSD e metanfetamina também. Mas o que realmente desafiava as autoridades e havia se tornado um problema de segurança pública eram as drogas virtuais.

Uma nova geração de traficantes, os traficantes digitais, desenvolviam programas que, quando um indivíduo se conectava ao

site deles, conectavam eletrodos na sua frente, além de óculos de imersão total 3D com fones de ouvido. As pessoas entravam em transe, em um estado de embriaguez e alucinação profunda e incontrolável.

Esta tecnologia foi desenvolvida pelos ramos da psiquiatria como auxiliar no tratamento de diversos transtornos como a bipolaridade e esquizofrenia. Mas, como sempre, mentes do mal sempre conseguem pensar em outras utilizações para o que quer que seja. Logo, programadores conseguiram desenvolver programas que, conectados à parafernália descrita acima, teriam acesso à mente do usuário e conseguiam alterar padrões cerebrais estimulando o centro do sono e vigília e os centros dos sentidos e, assim, provocar alucinações hiper-realistas.

O problema dessa tecnologia era o abuso. Os programas interferiam na mente humana além do limite seguro e, assim, usuários desprevenidos e despreparados, se tornavam verdadeiros zumbis. Os danos cerebrais eram, na maioria das vezes, irreversíveis. Em outros casos, o uso prolongado levava simplesmente à morte.

Os programas foram, então, banidos país após país. Muitos países criaram leis rígidas contra quem desenvolvesse, comercializasse e usasse este tipo de programa. O Brasil estava na lista.

Aí entraram os traficantes. Vendo uma possível nova fonte de renda, à medida que as receitas com a venda tradicional de drogas havia minguado, passaram a desenvolver estes programas e a distribuí-los na uber rede. O trabalho dos policiais passou a ser primeiramente digital: achar os sites que estavam rodando os

programas e neutralizá-los. Depois, achar os donos dos sites e programas.

A polícia do Rio de Janeiro chefiava uma força tarefa internacional focada em desmontar uma das maiores organizações criminosas que oferecia este tipo de entorpecente digital. Nesse ambiente desafiador é que tive a oportunidade de trabalhar. Minha colaboração foi pequena, mas, mesmo assim, ver como especialistas conduziram esta tarefa foi gratificante.

Após um cerco digital de três meses conseguimos isolar o grupo por trás desta grande ação. Eram originários do Leste Europeu com ramificações na Indonésia. O principal motivo que tornava tão difícil identificá-los é que usavam muitos subterfúgios tecnológicos para esconder suas trilhas digitais. Por exemplo, ficavam migrando a base do programa – o site – de país em país a cada minuto. Sempre tomando cuidado para apagar o rastro de origem e migrando para países onde a droga virtual ainda não era considerada um crime.

Eventualmente, o cerco se fechou e, em uma ação coordenada entre as polícias do Brasil, da Comunidade Europeia e da Nova Zelândia, conseguimos desmontar a operação. Ela envolvia centenas de pessoas em 12 países.

Este período de vida, estudo e trabalho no Rio de Janeiro, me trouxe muitas alegrias. A mim e à Mirtes. E, profissionalmente, contribuiu em definitivo para o que eu me tornaria. Foram estas primeiras lições que me prepararam para tudo que eu ainda iria enfrentar.

*

Vivíamos em um moderno apartamento em Boa Viagem. Eram 400 metros quadrados decorados com lembranças dos muitos países que estivemos. O trabalho da Mirtes a levava ao mundo todo, e eu ia junto.

Nossa sala era de granito travertino, janelões envidraçados debruçavam sobre o mar do Atlântico, numa praia de areia curta e tubarões vorazes. A praia de Boa Viagem era como um amor proibido: podia-se olhar mas jamais experimentar.

Na sala, havia muitos objetos da antiga Pérsia – eu adorava a cultura da antiguidade dessa região. Eram histórias fascinantes das mil e uma noites, de grandes astrônomos e matemáticos.

A Mirtes adorava tudo que fosse africano. Em uma parede, tínhamos 32 máscaras tribais. As preferidas dela eram as da tribo *Hamer*, da Etiópia e *Ndebele*, da África do Sul.

Eu gostava mais das máscaras da tribo *Dassanech*, do Sudão. Eles acreditavam que as máscaras possuíam a força mística dos espíritos e que quem as usasse poderia aplicar estas forças para o bem da comunidade. Eu também acreditava.

Toda manhã, acordávamos com o sol invadindo a nossa sala. Essa energia cósmica primordial saudava-nos com um bom dia que compensaria qualquer noite mal dormida.

Tomávamos nosso café da manhã na sala mesmo, para aproveitar esta energia, a brisa do mar e para contemplar a vista tentando entender onde o azul do céu se fundia com o azul do mar. São nestas manhãs abençoadas que agradecemos a terra tão incrivelmente linda e abençoada em que vivemos.

Decidimos aproveitar o dia que nos foi oferecido e nos arrumamos para nossa caminhada diária. Mirtes está toda equipada: roupa de corrida, tênis última geração, monitor de performance, camisa para monitorar funções biológicas. Eu, prefiro colocar uma simples camiseta, shorts e tênis. Afinal, é só uma caminhada. Já participamos de algumas corridas – por lazer – mas, hoje, o plano é só uma breve caminhada de 45 minutos para começar o dia.

Pegamos Nikolas, nosso poodle querido, para o passeio de sábado na orla. Como ele era pequeno, o apelidamos de “Toy”. Ele também era ranzinza e muito esperto. Por exemplo, sempre sabia quando o fim de semana chegava e já nos acordava pedindo para o levar na caminhada. Há 20 anos ele nos acompanha, e a expectativa de vida canina hoje em dia já bate os 40. Penso com estranheza sobre uma época que estes animaizinhos viviam apenas dez anos.

A caminhada é relaxante. O sol nos aquece levemente, sem incomodar. Cruzamos com muitas outras pessoas que também caminham ou correm pela orla de Boa Viagem.

Lembro de ver um ou outro surfista na água. Apesar dos tubarões, eles se arriscam no mar pois suas pranchas são dotadas de repelentes supersônicos contra estes enormes e violentos animais. Mas, volta e meia, uma espécie parece não ligar para o incômodo que o aparelho gera e ataca assim mesmo. Desconfio que os surfistas não só gostam de surfar, mas também gostam da adrenalina extra que esta praia proporciona.

Conversamos sobre amenidades, o dia indo e sobre nosso cão sem imaginar o que nos aguardava. Sem saber que a vida estava por mudar. Retornamos.

Enquanto nos arrumamos, enquanto ainda estou na ducha de nossa suíte, Mirtes vê uma reportagem perturbadora na holo-tevé.

– MORTES SUSPEITAS EM NAIROBI. – começa o apresentador.

– Acredita-se que milhares de pessoas já morreram por algum tipo de intoxicação alimentar.

– Cidadãos começaram a dar entrada em hospitais da região com crises agudas que rapidamente levam à morte.

Inicialmente, os médicos não conseguiram identificar o motivo e consideraram os casos como apenas uma insuspeita intoxicação alimentar.

–Logo depois, descobriu-se que a contaminação se deu por uma bactéria relativamente de fácil combate – e que deveria ter sido eliminada no tratamento de água da cidade: a legionella pneumophila.

– Mas, os cientistas ainda não sabem porque esta bactéria está matando.

*

Às 8h50 de 19 de Maio de 2558, o governo do Brasil ligou para minha esposa.

O holo-telefone tocou. O sistema ficava pousado sobre uma escrivaninha recuperada do século X, no canto esquerda da sala.

Com o comando de voz, a Mirtes aciona o holo-telefone:

– Alô?

O sistema é acionado, surge uma imagem de um senhor. Só aparece o seu rosto em cima da antiguidade.

O holo-telefone projeta uma imagem 3D com perfeição assustadora. Se a imagem selecionada pelo seu interlocutor fosse somente seu rosto – como era o caso – você iria conversar com uma ‘cabeça flutuante’. Algo meio assustador ou, dependendo do humor, meio engraçado.

– Dra. Lauvin? – disse a cabeça.

– Sim, quem fala?

– Aqui é Carla Francis do departamento de Estado do Brasil. Espero não ter acordado a senhora mas temo que o assunto seja urgente e grave.

– Não tem problema. Em que posso ajudá-la, Sra. Francis?

– A senhora lembra dos incidentes bacteriológicos que atingiram as cinco capitais há três meses?

– Lógico.

– Não foram ao acaso. – diz Francis, assustando-a.

– Foram orquestrados. Uma força tarefa está sendo montada para entender o que está acontecendo. Precisamos da senhora. – finaliza.

E assim, simples assim, entramos na linha de frente de uma guerra silenciosa e cruel. Em uma hora um aerocarro oficial buscava a Mirtes em casa. A vida mudaria. Tudo ficaria mais difícil a partir daí.

O dia que começara com uma caminhada à beira mar, com um dos céus mais azuis e sol mais amarelo que eu já vira, transformara-se em cinza. Assim que o aerocarro chegou para buscar a Mirtes nuvens haviam invadido o céu e o sol havia fugido. Na distância, viam-se relâmpagos. O ar ficara pesado. Nuvens *Asperatus*[\[Z\]](#) invadiram os céus com suas formas assustadoras,

tortuosas. Elas nunca foram vistas por este canto do globo. Chegaram de forma inesperada. Olhar para nuvens *Asperatus* é como ver um mar em fúria, por baixo.

O caminho para o aeroporto era rápido. Em cerca de vinte minutos Mirtes estaria fazendo o *check-in*. Mas não neste dia. Foi como se o dia ficasse de luto repentinamente.

Quando as primeiras gotas d'água atingiram o para-brisa do carro, parecia apenas mais uma chuva passageira. Chegou rápida. O dia ensolarado fechou-se quase que instantaneamente. Não havia vento, mas a chuva que começou a cair era de gotas grandes, gordas. Faziam barulho quando batiam no para-brisa, na fibra de carbono do automóvel, no chão da rua.

As ruas começaram a encher imediatamente. O trânsito ficou pesado e depois parado. Esta não seria uma viagem de lazer e até o traslado para o aeroporto parecia saber disso. Os vinte minutos previstos viraram quarenta, que viraram sessenta. O céu nublado, a chuva inesperada, o trânsito pesado, tudo fazia a Mirtes pensar que não era uma viagem comum, de rotina, por prazer. O traslado ao aeroporto antevia o que estava por vir.

PARTE DOIS

Na última curva, a desgraça ou a salvação.

- ***frase em para-choque de caminhão***

MARCO ZERO

Durante muitos séculos, a humanidade viveu em paz. A última grande guerra havia sido A Guerra Cibernética dos anos 2312 a 2323. Países lutavam digitalmente e havia pouca casualidade.

Por mais de 200 anos vivemos em paz. Mas a paz começara a desmoronar após a descoberta de um time de geneticistas em Nairóbi em 2540. Eles conseguiram mapear os marcadores de origem genética com precisão de n a décima potência. O que significa que independente da cor ou aparência, seria possível saber a árvore genealógica, do ponto de vista genético, até cem gerações anteriores. Com um simples teste, você poderia saber se seus antepassados eram de uma linhagem direta de algum ponto em comum ou se havia miscigenação.

Pessoas começaram a mapear seus antepassados primeiramente por curiosidade e diversão. Depois, começaram a perceber que este perfil genético era único, como uma identidade.

Alguns começaram a se comunicar e reunir virtualmente em torno de características comuns. Como, por exemplo, descendente anglo-saxões. Estes grupos começaram invariavelmente a se identificar como diferente dos miscigenados. Não é necessário esforço para perceber o que começava a se desvendar: pessoas de origens sem miscigenação saberiam disto. E pessoas com passado miscigenado também.

O mundo viveria uma crise de identidade que não havia sido percebida ainda pelos sociólogos e antropólogos. Os países se uniam em grande grupos políticos, já existia o embrião do que seriam as 'Três Uniões' – três grandes grupos que reuniriam todos os países sob um governo único. Este processo de integração, que havia experimentado os passos iniciais nas primeiras décadas do século XXI, permitiu, por exemplo, que cidadãos de quaisquer países imigrassem para outro permanecendo com seus direitos intactos.

A moeda dos países havia sido unificada com leis, programas sociais e educacionais. O que começava a acontecer era uma grande crise de identidade. O cidadão não sabia mais se era alemão, francês, angolano ou argentino. Ele era do 'mundo' geopolítico como conhecíamos.

O que parecia ótimo, em princípio, começou a gerar frustração e vazio existencial. As antigas perguntas da humanidade: "quem sou", "de onde venho" e "para onde vou" pareceram mais atuais que nunca.

Então, era de se esperar que um movimento que unisse pessoas em torno de algo, resgatando sua história, a história dos seus antecedentes, encontrasse respaldo.

Os grupos começaram a se comunicar virtualmente de forma organizada e corriqueira. Rapidamente, os encontros passaram a ser ao vivo, simultaneamente em dezenas de países.

Em pouco tempo, estes grupos começaram a defender leis e direitos diferenciados para seus membros. Alguns líderes radicais surgiram com bandeiras xenófobas e racistas e começaram a lutar pelo resgate de diferenciais sociais que acreditavam haver perdido em detrimento do equilíbrio social de toda a sociedade.

A humanidade sempre volta por seus instintos mais primitivos. Logo, grupos isolados começaram a se organizar e comunicar em uma só voz. O discurso se unificou, começaram a ver os 'outros' como diferente. E o conceito de diferente foi traduzido como inferior em menos tempo que você possa imaginar.

E não é sempre assim que começava? Algumas pessoas se acham mais merecedoras do que outras e, quando não conseguem o que querem de forma política e negociada, partem para a luta armada. Tudo pelo objetivo egoísta que perseguem.

Tínhamos, agora, grupos tão díspares, como islâmicos sunitas, hindus radicais, judeus serfaditas e mongóis estranhamente unidos, se achando superiores a todos os outros.

Eles defendiam cruzamento somente entre pessoas das mesmas raças, casamentos arranjados, volumosa prole e, mais grave, e seguidores para eles pois, afinal, eram 'superiores'.

A história da humanidade muitas vezes se repete: os mouros conquistando os cristãos. Os cristãos conquistando os mouros. Os negros sendo escravizados. Os judeus sendo perseguidos e exterminados.

A guerra que se avizinhava não foi diferente: algumas pessoas perseguindo outras. Foi assim que começou.

A diferença era que não havia nações e tanques. Fuzis e mísseis. A guerra também não foi cibernética. Aliás, foi muito pouco digital. Teve muito pouco contato humano e nenhuma arma fora empregada diretamente. Foi uma guerra suja. Bacteriológica, contaminante.

A guerra não era contra países, povos, ou raças. Não era de brancos contra negros ou amarelo contra brancos. Não eram ricos contra pobres nem de partido político A contra partido político B. Era de um grupo genético contra o mundo. Era de quem se achava escolhido na loteria genética contra todos nós.

O que fez esta guerra diferente é que não era uma luta entre países, mas sim entre pessoas diferentes entre si. A guerra era bacteriológica. Através de manipulação genética um grupo criou uma bactéria capaz de matar seletivamente.

No início, não havia um padrão, mas era um fato relevante. Foi a Dra. Elizabeth Pearl quem percebeu o elo entre as pessoas que estavam morrendo. Dra. Pearl teve uma epifania quando percebeu que pessoas das etnias *masai* e *cambas* não estavam morrendo enquanto membros das etnias *quicuios* e *calenjins* sim. “Não pode ser coincidência”, pensou consigo mesma.

Graças ao avanço dos estudos genéticos do Dr. Mugabi – que havia conseguido mapear todas as etnias, tribos, raças e povos do mundo – esta constatação foi possível pela Dra. Pearl.

Estava claro agora que os ataques eram racistas e criminosos. Porém, descobrir o mecanismo que fizera esta “infecção seletiva” se provaria uma tarefa hercúlea, se não impossível. Bem como

entender como uma bactéria simples – e pouco mortal – havia se tornado o maior risco à humanidade em tempos modernos.

Esta guerra não disparou uma bala. Não foi lançado um míssil. Foi uma guerra silenciosa. E, exatamente por isto, muito mais vil. Muito mais perigosa.

O primeiro ataque se deu ao colocarem o agente patógeno no reservatório de água de Nairóbi, Quênia. As pessoas beberiam a água normalmente e, sem saber, se contaminariam sem salvação. Ao longo dos próximos meses, milhões morreriam!

CONTAMINAÇÃO NÃO FOI AO ACASO!

Diria a manchete do *New York Times* digital, em 20 de maio de 2558.

O Mal havia acordado. Após mais de duzentos anos de silêncio. Mas o Mal sempre, sempre volta.

O medo e pavor tomaram conta do mundo. De todos: mulheres, homens e crianças. Dos políticos e empresários. Dos professores e alunos. Era como se um véu negro cobrisse a Terra. O véu do medo e da dúvida: como seria o amanhã?

*

Nairóbi é a capital do Quênia, país do leste africano. Como a terceira maior capital do continente, eles têm uma cadeira permanente no Parlamento da União Afro–Americana. É uma cidade moderna com raízes fortemente mantidas nas suas culturas ancestrais e onde a população tem uma ligação quase mística com a

natureza. Seus mais de 10 milhões de habitantes são conhecidos pela hospitalidade, pela generosidade e pela paixão por sua história.

A viagem do Gabinete da Crise não traz novidade. O grupo parte de um avião supersônico de Brasília direto à capital. São recepcionados pelo Ministro da Saúde do Quênia, Sr. Edwin Kipron e prontamente levados para o que se tornaria seu QG no país. Na saída do aeroporto, Mirtes lê a seguinte manchete do maior jornal local, o *Nairóbi Times*:

CENTENAS DE MORTOS

População desesperada. Autoridades não sabem ainda do que se trata.

No trajeto para o QG pouco se conversa. Todos estão tensos, na expectativa de conhecer exatamente o tamanho do que estão enfrentando.

Mirtes nota pouca gente nas ruas. Lembra pouco a Nairóbi que aprendemos a amar: uma cidade vibrante, com um povo festivo.

O grupo chega ao prédio que será seu QG por tempo indeterminado. É um imponente e moderno prédio. O mesmo onde a Polícia Federal tem sua matriz (não por acaso). O grupo é conduzido ao décimo terceiro andar, à sala de conferência onde são apresentados aos fatos conhecidos até o momento.

A força tarefa reúne cientistas e militares dos quatro países referência em pesquisa genética e biológica: Quênia, China, Canadá e Rússia.

Havia representantes dos governos dos respectivos países e alguns militares de alta patente. Mas como ainda não sabia-se que o

ataque havia sido proposital, o grupo de combate principal haveria de ser composto por cientistas.

Dr. Tau Chizoba era especialista em virologia e botânica. Era também doutor em medicina. Um homem grande, forte, pele bem negra como seus antepassados. Era muito educado como um homem refinado da ciência deveria ser. Também era muito místico e acreditava na força espiritual dos seus antepassados. Tinha seus 143 anos. Era o mais velho do grupo.

Dra. Jing Kun era descendente direto da dinastia Chin. Seus antepassados governaram a China entre os anos de 221 a.C e 206 a.C. Ela era uma moça pequena, media uns 1,50 metros. Muito magra e branca. Tinha os cabelos lisos, escorridos e nunca sorria. Não havia como saber suas emoções. Era como o gelo. Era também a mais nova do grupo: 32 anos e a maior especialista viva em vacinação.

Há muito, a China deixou de ser uma sociedade agrícola, tornou-se industrial e, finalmente, uma sociedade baseada na indústria dos serviços. Mas as suas origens estavam no campo, nas lavouras. E, embora muito das endemias de épocas passadas haviam sido resolvidas, a China teve uma grave crise de tuberculose atemporal.

Em 2515, no noroeste chinês, mas especificamente na Mongólia, a tuberculose ressurgiu e matou dezenas de milhares de pessoas em menos de dois anos. Foi a crise de saúde pública mais grave em muitos séculos.

Nesta época, a Dra. Jing era uma proeminente pesquisadora da Universidade Democrática de Pequim mas ainda não estava a frente da saúde pública do país. Foi diplomada *Summa Cum*

Laude[8] e era uma das 300 cientistas do ano da capa da revista *People*.

Na Mongólia, as autoridades falhavam ao combater este surto. Pareciam estar perdidos e totalmente despreparados para o que estavam enfrentando. Provavelmente, pelo fato da tuberculose ter sido erradicada do mundo a mais de 350 anos e esta nova bactéria, mais resistente, fez as autoridades ficarem perdidas.

Então, surgiu o nome da promissora jovem doutora que poderia colaborar no combate a este surto epidêmico.

Quando Dra. Jing assumiu os trabalhos à frente do combate a esta endemia, já existia um estado de calamidade pública em três grandes centros da região e diversas pequenas vilas. Concentrava-se no noroeste da região, mais especificamente em Uvs, Zavhan e Bayan-Ölgiy. Seu pai era de Uvs e Dra. Jing passou boa parte da infância visitando a região. Ela conhecia a cultura e a geografia local e soube planejar as ações de saúde pública. Também soube se comunicar com a população mais humilde com mais facilidade e assertividade. Assim que Dra. Jing conseguiu isolar a nova bactéria e desenvolver um antibiótico eficaz, o combate foi rápido. Em pouco menos de três meses a crise estava suplantada e a Dra. Jung Kun alçada à nova estrela da saúde pública chinesa e mundial.

Dra. Elizabeth Pearl, do Canadá, era a expansiva do grupo. Descendente de ingleses colonizadores do século XVI achava que o mundo de hoje era melhor que o de ontem. E que o de amanhã seria melhor ainda. Se otimismo tivesse nome seria Elizabeth Pearl. Tinha 52 anos, casada pela segunda vez (na sua segunda infância) e já tinha dois filhos. Ambos seguiam seus passos: nano-genética.

Ela era alta, 1,75 metros, branca e loura. Bonita e desengonçada. Vestia-se de um jeito moderno demais para uma cientista. Gostava de música e dançar. Por vezes, era possível duvidar que fosse realmente da Academia. Mas, era só começar a expor suas ideias que qualquer dúvida se dissipava: era um gênio moderno!

E havia o Dr. Alexandr Nikolaievitch. Ele era o típico russo: feições fortes, masculinas. Corpulento. Bebedor de vodka ao extremo. Mau humorado sempre. Desconfiando como nunca. Era especialista em guerra química e armas biológicas. A pessoa certa para este time.

Dr. Nikolaievitch viera integrar o grupo contrariado. Ele achava que a Rússia deveria ser a líder na força tarefa e que deveria conduzir tudo de Moscou. Só que a liderança seria de outra pessoa. Seria da Dra. Leuin.

A sala do Comitê Central de Crise era uma sala asséptica. Havia uma mesa oval enorme, para 18 pessoas, um telão central à frente e dois menores ladeando à direita e à esquerda.

Pela parede lateral, de vidro, havia um gabinete militar formado para a crise. Os militares, dos quatro países, pareciam mais interessados em monitorar o grupo da Dra. Leuin do que discutir estratégias de ação.

Ao grupo foi oferecido todos os recursos que precisassem, técnico e humano. O Ministro da Saúde do Quênia, Sr. Kipron, recebe os cientistas e agradece a Dra. Leuin por atender prontamente o seu chamado.

- Senhores, sabemos agora que a grande crise epidemiológica do Quênia não foi um acaso da natureza. Às 23h de ontem, o

Governo Popular do Quênia recebeu o seguinte comunicado. – diz, Sr. Kipron.

**NÃO À MISCIGENAÇÃO. A TERRA ESTÁ SE EXAURINDO.
VIVA A LIMPEZA GENÉTICA.**

Assinado: PPP.

– Quem ou o que é este PPP? - perguntam Dra. Jing e Dr. Nikolaievitch, quase em uníssono.

– A única organização que conhecemos com a sigla PPP é um partido. O Partido Pelo Povo. Não faz muito sentido este comunicado ter vindo deste partido, mas já estamos investigando. – responde, Sr. Kipron.

– No final de maio, os principais hospitais do Quênia começaram a registrar mortes relâmpagos, insuspeitas de cidadãos, mas ninguém conectou os mortos entre si, muito menos as capitais. Logo estas mortes chegaram a milhares. Todos os Centros de Pesquisa e Controle de Endemias estavam em alerta máximo. Identificaram que a contaminação iniciava-se pela água. Uma bactéria, a *Legionella pneumophila*. – finaliza Sr. Kipron.

A *Legionella pneumophila* é uma bactéria aeróbica que ficou conhecida devido á um trágico acidente na Filadélfia, EUA, em 1976, onde repentinamente 34 pessoas morreram e 221 contraíram uma pneumonia grave.

É uma bactéria conhecida e de simples combate e cura. Mas, esta, por algum motivo era mais resistente e estava matando!

Sr. Kipron informa que um alerta geral foi emitido pedindo as populações destas cidades para só consumirem água filtrada e

fervida.

- Identificamos que a super bactéria mata algumas etnias e não outras. – acrescenta, Dra. Pearl. – Mas, ainda não sabemos o mecanismo de seletividade dela. Nem como ela se tornou tão resistente ao cloro e aos antibióticos. Estamos de fato combatendo um dos mais mortais patógenos a assolar a humanidade.

- Duas horas após a contaminação – continua Dra. Pearl - o hospedeiro começava a tossir muco, em mais poucos minutos a tosse passa a ser de sangue. Segue-se febre alta e o plasma sanguíneo começa a engrossar. Cerca de quatro horas após a contaminação, o paciente chora sangue, em mais duas horas, transpira-o. E, em até 12 horas, o paciente morre por insuficiência cardíaca crônica.

Dr. Edwin Kipron continua.

– Senhores e senhoras sabemos até agora o seguinte:

RELATÓRIO DE CRISE

*DE ABRIL A MAIO DE 2558, 121.393 PESSOAS MORTAS.
A PRIMEIRA CONTAMINAÇÃO DEVE TER ACONTECIDO NO
FINAL DE MARÇO.*

1. Estamos lutando contra uma bactéria altamente mortal. Mata em menos de 24 horas.
2. São centenas de mortos todos os dias.
3. Recebemos uma mensagem de um grupo que se autodenomina *PPP*. Não sabemos quem são, mas estamos

investigando.

4. Não sabemos suas motivações. Não sabemos onde começou nem como.
5. Não sabemos como combater, prevenir ou curar o surto bacteriológico.

– Precisamos dos senhores para responder estas perguntas o quanto antes. Nosso povo está sofrendo, está morrendo. E não temos vergonha de admitir, estamos perdidos.

Que grupo é este o PPP? Como uma bactéria conhecida e frágil como a *Legionella pneumophila* se tornou mortal? Como combater e curar? São muitas perguntas e muito pouco tempo para tentar respondê-las.

Enquanto a Polícia Federal investiga o PPP, tenta descobrir como o patógeno é introduzido na água de consumo da cidade, e quem está por trás, ao grupo técnico, liderado pela Dra. Mirtes Leuin cabe a pesquisa biológica. O mecanismo de ação do mesmo, e como combatê-lo.

Na primeira reunião do grupo, o nome do eminente Dr. Mugabi é lembrado. O maior geneticista vivo. Ele é de Nairóbi e tem que ser incluído nos esforços de pesquisa.

Dr. Robert Mugabi é um homem simples, pequeno, até frágil. Tem 86 anos mas não aparenta mais que 40. Lidera a maior e melhor equipe de geneticistas do mundo e seu grupo conseguiu mapear o genoma que indica nossas origens.

Sua fama aumentou quando publicou uma pesquisa com o mapeamento dos marcadores de origem genética – que indicavam a árvore genealógica de um indivíduo por 100 gerações. A aplicação

prática desta pesquisa foi muito combatida pois poderia ensejar a xenofobia, racismo e preconceito mas o fato é que foi um trabalho brilhante e profundo realizado pelo maior geneticista vivo. Ele teria que fazer parte da equipe.

*

Sr. Kipron é amigo de longa data do Sr. Mugabi e prontamente dirige-se à sua residência.

Apesar da certa diferença de idade, Dr. Robert tem 86 anos e Sr. Kipron 45, são amigos de longa data. Conheceram-se na Universidade de Medicina do Quênia. O Edwin era estudante e Robert professor de Genética I & II. Logo se entenderam bem e, apesar do Edwin não ter talento para a pesquisa, nem docência – aliás, nem para a prática de medicina em si – encontraram muitos assuntos em comum quando o tema era leitura. Ambos eram apaixonados pelos clássicos policiais. Leram todas as obras de Sherlock Holmes e Agatha Christie e, como eu, gostavam das versões em papéis.

Chegaram a fundar um Clube do Livro Policial onde reuniam-se mensalmente um pequeno grupo de *connoisseurs* do gênero para rever e discutir entusiasticamente a leitura feita. A cada reunião, votavam no livro seguinte a ser lido e, assim, tiveram muitas reuniões e muitos assuntos meses à fio.

Edwin Kipron se mostrou desde cedo um articulador. Ele que organizou o grupo e sempre liderou as reuniões. Tinha um grande séquito de amigos e os fazia quase por encanto. Era, por esta ótica,

o inverso de Robert Mugabi. Este era introspectivo, tímido. O pesquisador solitário.

Provavelmente, por este traço expansivo – e por ter pouca paciência para aprofundar seus estudos – que Edwin simplesmente passou pelo curso de medicina e seguiu uma carreira política. Era um político em ascensão. Já havia tido todos os cargos possíveis: líder estudantil, direção de partido, Secretaria Municipal de Saúde e, agora, era o Ministro de Saúde do seu país. Não podia almejar mais. Mas, infelizmente, também estava diante do maior desafio de sua vida.

Já Robert Mugabi era um homem com ambições mais simples. Gostava da vida acadêmica e, era um homem verdadeiramente bom. Durante sua vida na universidade ele fez questão de conseguir bolsas de estudos para jovens do bairro de Kibera. Até uns 300 anos, Kibera era a maior favela do mundo. Com a erradicação da fome no mundo e a crise habitacional também equacionada restava ajudar as populações carentes conseguindo mais estudos e estudos de melhor qualidade.

Ele fora muito ativo em Kibera e, além de selecionar pessoalmente jovens para o seu curso de medicina, intermediava com os governos e corporações para que eles conseguissem bolsas. Em alguns casos, parece que ele mesmo bancava os estudos de alunos selecionados – que não haviam conseguido bolsa – sem que estes soubessem.

Ele era um homem discreto e a última coisa que queria era autopromoção. Ele queria apenas garantir um futuro melhor para estes jovens, que carinhosamente chamava de 'meus meninos'.

Mugabi e sua esposa, Tamlire, adotaram cinco crianças ao longo dos últimos anos: três meninas e dois meninos. Eles gostavam de adotar jovens ao invés de crianças. Jovens sempre são rejeitados para adoção e quando a família Mugabi os conhecia eram jovens com problemas educacionais. Mesmo assim, Mugabi conseguiu levar os cinco filhos à faculdade tendo dos deles, inclusive, concluído medicina.

*

Chovia torrencialmente em Nairóbi. Às 23h30, só se escutava o barulho da água.

- Dr. Mugabi, é Edwin. – fala Kipron ao intercom residencial do Dr. Mugabi

– Alô, Edwin? Que faz aqui a esta hora? – atende Mugabi, acionando a porta para que o amigo entre. – Suba.

O apartamento de Dr. Mugabi é espartano. A porta já está aberta e Charles a empurra levemente. Dr. Mugabi não está na antessala e Charles ouvi um barulho mecânico, um zumbido, vindo de um dos quartos. Segue atrás de Mugabi e acha-o dentro de seu escritório – que está todo desarrumado – destruindo papéis na fragmentadora.

– O que traz você aqui tão repentinamente? – indaga Mugabi.

– As mortes, por envenenamento, não foram ao acaso. – avisa Kipron – Recebemos esta mensagem hoje:

**NÃO À MISCIGENAÇÃO. A TERRA ESTÁ SE EXAURINDO.
VIVA A LIMPEZA GENÉTICA.**

Assinado: PPP.

– Reunimos uma equipe técnica para rastrear a bactéria mortal, mas precisamos de você no time. – finaliza Edwin.

Mugabi não responde. Contempla a mensagem. Parece perdido no tempo, nos seus pensamentos...

– Dr. Mugabi, amigo, preciso levá-lo comigo AGORA. – exige Edwin.

– De certa forma eu já esperava por esta tragédia. – responde Mugabi.

*

Os integrantes do Grupo aguardam a chegada do Dr. Mugabi no QG. É como se faltasse ele para começarem os trabalhos.

As apresentações formais são dispensadas. Todos sem exceção são famosos e conhecidos em suas áreas. A Dr. Leuvin, líder do grupo por definição, trata de exigir que comecem os trabalhos.

- Caros colegas, nossa primeira missão será no laboratório de análise nuclear. Temos que identificar o patógeno, sua origem e mecanismo de ação. – sentencia a Dra. Leuvin.

*

Quando Dr. Mugabi e seu time isolaram os marcadores genéticos históricos, a aplicação prática que ele pretendia era a

produção de remédios direcionados para cada tipo genético. Os remédios seriam mais eficazes e com menos efeitos colaterais – defendia Dr. Mugabi em seus estudos. Mas, alguns membros do grupo acharam que poderiam ir além e também criar bactérias e vírus adaptáveis a cada grupo genético. Dr. Mugabi opôs fortemente a isto e um racha aconteceu no grupo de pesquisa.

Os riscos não compensavam este rumo que a pesquisa estava tomando. Este *know-how* difundido poderia, por exemplo, levar à criação de remédio para determinados grupos genéticos e, deixar outros grupos, menos favorecido, à deriva.

Por isto, quando conheceu o patógeno fatal logo percebeu que deveria ser um produto do seu estudo já que estava agindo seletivamente, apesar dos outros técnicos e políticos ainda não terem percebido isto.

*

Dra Leuvin acomodou-se no espaçoso sofá de sua suíte no Hilton. A preocupação do porvir invadia sua mente. O mundo tornara-se complicado. O homem tornara-se complicado.

Telefonou através do holo-fone para mim. Seu primeiro contato desde que chegara.

- Alô, Peter?

Eu podia vê-la claramente no holo-projetor. O semblante cansado. Cansado da viagem para Brasília – Nairóbi. Cansada de toda tragédia que vira e que iria ver ainda.

– Sim, querida, sou eu. Como está o clima aí?

– O pior possível. Relatos de mortes chegam a todo momento. Escolas fecharam temporariamente. Pessoas têm medo de irem a restaurante e bares. – me conta ela.

– O cenário é pior do que pensávamos?

- Muito pior, amor. Vejo o medo, o pavor, nos semblantes das pessoas. Lembra como o queniano era um povo alegre, divertido, receptivo?

Concordo com um *hum hum*.

- A alegria se foi. A incerteza do amanhã, do hoje, tomou conta de suas almas.

- Temos que achar a causa disto, e a solução, o quanto antes.

- Penso em como a crueldade humana não tem fim. Como o Mal sempre ressurge em diferentes formas.

– Lembra de como tivemos bons momentos nesta cidade? - diz Mirtes - Os jantares com os amigos do grupo de pesquisa da Universidade. Os safaris fotográficos.

Nairóbi tinha um dos outros biomas. Era um dos mais interessantes pois abrigava uma vida animal fascinante: leões, elefantes, girafas. Animais que com certeza não existiriam se não fosse o bioma.

Como adorávamos estes ambientes, havíamos voltado à Nairóbi pelo menos seis vezes na última década. Não havia programa melhor para mim do que o contato com a natureza.

Vocês vão conseguir, querida. – tento tranquilizá-la - A vida voltará a ser segura e alegre. Fique bem, te amo muito. No final tudo ficará bem.

Lembro-me de uma frase que li em um livro "*Em tempos sombrios, as declarações de amor sempre fazem a casa cair*".[9]

– Obrigada, querido. Também de amo mais que tudo. Mas tenho outro assunto para lhe falar. – continua Mirtes.

– O Grupo acha que você é necessário aqui. Por conta do seu *expertise* em Investigação Digital e Psicologia Digital. Sabemos que além de uma complexa investigação no mundo real, teremos um grande embate no mundo virtual também. Você pode vir? – me pede Mirtes.

– Claro, querida, imediatamente.

Com este pensamento, nos despedimos para que ela pudesse ter seu merecido descanso.

Realmente, meu *expertise* em investigação digital ajudaria no processo investigativo e meu *expertise* em Psicologia Digital ajudaria na investigação e combate cibernético.

Peguei o primeiro supersônico para Nairóbi. No trajeto, me peguei pensando naqueles safaris fotográficos que eu e Mirtes fizemos e gostamos tanto e como agora era diferente. Estava indo para ajudar no maior desafio que já tive em minha vida: minhas ações e decisões dos próximos dias e semanas seriam cruciais para a solução, ou não, do maior ataque que a população da Terra já sofrera. Se bem sucedido, salvaríamos milhares, talvez milhões. Se não, a tragédia continuaria sob nossas almas.

*

Um das melhores viagens que fizemos a África foi um safari na África do Sul. A África do Sul tem algumas reservas florestais e faz um esforço, mesmo que parcial, pela preservação da fauna local.

São muito criticados por não terem criado um bioma em detrimento da exploração de suas terras. Mas, seus governantes ainda não entenderam que a manutenção da natureza é primordial para a sobrevivência humana. É bem mais importante que a exploração econômica e a ganância.

Este safari que fizemos foi marcante pois saímos com o único propósito de conhecer girafas. Isto mesmo: aqueles mamíferos, quadrúpedes com pescoços longuíssimos. Coloridos e simpáticos.

Foi no verão de 2529, e planejamos com afinco o que seria um passeio romântico em último grau: curtir uns dias de descanso junto à natureza, em um hotel deslumbrante e, ainda de cara, ver e conviver com estes gigantes adoráveis.

Viajamos com grande expectativa. Nunca havíamos visto girafas antes. Sabemos que existiram zoológicos onde cidadãos poderia ver uma variedade de animais mas a muito tempo estas prisões foram proibidas. Agora, a única maneira de ver animais era da maneira correta: em seu habitat natural. E é isto que esperávamos ver, girafas na floresta.

Ficamos hospedados no *Hotel du Giraffe* distante uns 300 km de Johannesburgo. O nome não podia ser mais apropriado pois este era localizado dentro de uma reserva de girafas e, era de se esperar vê-las com facilidade todos os dias.

Mas, no terceiro dia, ainda não tendo visto uma sequer, fomos dormir exaustos e frustrados. Tínhamos apenas mais dois dias pela frente e receávamos não realizar nosso sonho nesta viagem.

No quarto dia, no café da manhã, fomos abençoados com uma das experiências mais inesperadas e gratificantes. Sentamos numa mesa na janela do grande salão de chá do hotel. O hotel era

um antigo palacete, de construção majestosa e as janelas eram muito, muito grandes. Provavelmente quatro metros de altura, por dois de largura.

Entre uma contemplada no lindo dia de sol que se descortinava no horizonte e uma ida gulosa à mesa farta do café da manhã continental, não percebemos a vista tão desejada: girafas entraram na área interna do quintal do hotel e majestosamente caminhavam em nossa direção!

Aos poucos, uma a uma, foram colocando suas lindas e enormes cabeças – amarelas com pintas negras, com dois pequenos chifres peludos na ponta – dentro das janelas para pedir frutas e guloseimas.

Mirtes gritou. Foi um misto de susto e excitação.

– Aiiii. – assim que um destes monstros bondosos enfiou sua língua em nossos pratos.

Os garçons orientavam a todos para dar-lhes as frutas: bananas, maçãs, uvas. Especialmente, as maçãs. Elas A-D-O-R-A-V-A-M.

Foram minutos de alegria e diversão. Tiramos muitas fotos e agradecemos ter vindo à África do Sul e esperado por este momento. Cada segundo valeu.

*

Mirtes me busca no aeroporto. Está tensa e desolada.

– Qual o status atual e como você está, querida?

– Estou me segurando. Relatórios de mortos chegam de hora em hora. É assustador – relata Mirtes.

– Não deixe isto te afetar. Vamos descobrir como prevenir e curar esta pandemia.

– Mortos às dezenas todos os dias, já são mais de 100 mil. – exclama Mirtes – A progressão é assustadora! Onde chegará se não a detivermos? Milhões?

Apavorei-me! O tempo estava contra nós.

No caminho para o QG, temos que parar numa praça montada com barracas de guerra. São toldos enormes. Paramos para buscar a Dra. Jing Kun, a especialista em vacinação, mas decido entrar para conhecer a realidade do que enfrentamos.

Mirtes pede que eu não entre. Não é minha realidade. Nunca lidei com a vida e morte na minha profissão. Ela quer me poupar. Mas, como sou teimoso, não a ouço. Entro na barraca principal, a primeira. São dezenas de macas e todas ocupadas. Acho que eram umas vinte fileiras de 10 macas cada. Em cada maca, uma pessoa e todas recebendo soro. Enfermeiros e enfermeiras correndo de um lado ao outro. Percebo que existe uma organização: esta primeira barraca recepcionava as pessoas recém contaminadas e, ainda, em relativo estado de saúde. Dra. Kun não está aqui.

Na barraca logo após esta funciona um posto intermediário. Acho que ela deva ter o mesmo tamanho da anterior. Aqui já encontro homens e mulheres em estado terminal. Vejo pessoas tossindo sangue, outros desnutridos, esqueléticos, fiapos de pessoas que, com certeza, outrora foram. Os enfermeiros e médicos parecem mais agitados nesta barraca. São em maior número e atendem freneticamente as pessoas.

Ouçó um *tuuuuu*, um som seco contínuo. Vejo algumas pessoas de jaleco branco, médicos e enfermeiros correram em

direção a uma das macas, umas três fileiras à frente.

Alcançam uma senhora que, descubro, seu coração acabara de parar de bater. Vejo-os conectando estimuladores neuronais na testa da senhora e ativando-o imediatamente, levando ela a uma contração das costas. Seu corpo faz um arco, pés e cabeças apoiados na maca, corpo curvado em riste. O estimulador produz um som estalado, curto. Ela volta a cair na maca. Ainda sem pulso.

Vejo a rotina se repetir duas, três, quatro vezes. Sai sangue pelos seus olhos, nariz e boca. Ela não parece reagir. Mirtes puxa-me com força e fala:

– Vamos em frente. Temos que achar a Dra. Kun e seguir.

Entramos na última barraca. Esta era maior que as outras e, nesta, encontro poucas pessoas...vivas. Nesta eu encontro a morte. As pessoas já estão cobertas. Parentes ao lado chorando. Só sinto dor e sofrimento e penso em como isto pôde acontecer tão rápido. E por que existe tanto Mal na humanidade, como alguém é capaz de fazer isto.

O ar é pesado e o cheiro de material desinfetante é repugnante. Quase na última fileira desta barraca, avistamos a Dra. Kun ao lado de uma maca. Ela chora.

Mirtes pede para que eu espere. Decido sair. Talvez ela tivesse razão e eu não devesse ter entrado nas barracas. Não é minha realidade. O máximo que já convivi com a morte foi ir ao enterro de um ou dois amigos. O máximo que já passei num hospital foi para tratar uma crise hipertensiva.

É, estas imagens me perturbaram. Me arrependo de não ter ouvido minha esposa.

*

Chegamos ao hotel e subimos todos para descansar em nossos quartos. É cedo ainda, cerca de 20hs, mas depois do que vi, não sinto vontade de confraternizar. Vou jantar no quarto e tentar descansar para amanhã mergulhar neste desafio. No maior desafio que já enfrentara.

Jantamos a sós. Não conversamos muito. Mirtes está esgotada física e mentalmente. Acho que ela também só pensa em dormir.

*

A noite era negra. Uma neblina densa me sufocava. Não havia luz da lua ou das estrelas, mas ainda assim eu conseguia avistar o rio e o barqueiro.

À minha frente corpos amontoados. Muitos fedendo já em putrefação. Nos mais próximos de mim ainda percebia movimento. Alguns esticavam os braços lentamente e gemiam. Eu conseguia sentir a dor e sofrimento deles.

Nas fileiras seguintes, os pacientes estavam imóveis. Estavam vestidos, com sangue a escorrer, negro, por todos seus poros. Não percebo movimento, nem sentimento, nem nada. Só sinto o cheiro de enxofre.

Lentamente vou andando, passando por cima das fileiras de corpos. Não sei porque, mas sou quase que puxado à frente. Uma força me leva a andar.

Após estes corpos me deparo com os pútridos. São dezenas, não, centenas de corpos em decomposição. Não vejo suas faces; há muito se foram. Não vejo roupas; já se decompuseram. Não sinto dor; já não sentem mais nada. Só vejo carcaças e os animais que se alimentam delas tomando os corpos como que fossem banquetes. Estão cobertos de larvas vivas, insetos, vermes, ratos e abutres voando acima.

Vejo ainda, na borda do rio, outras pessoas andando de um lado para o outro. Parecem hipnotizadas, estão sofrendo, gemendo baixo. Estão suplicando para serem levados. Estão implorando para que suas vidas encontrem um fim. São os mortos vivos. Aqueles que Caronte não deixará fazer a travessia até a última morada. Vagavam na margem do rio *Estige*.

Por fim, vejo Caronte. Em pé no seu barco levando as almas que selecionara. Preferi não vê-lo. Era a visão mais terrível que já vira. Era a Morte. A própria Morte.

Meu corpo estava gelado mas, apesar disto, eu estava encharcado em suor. Meu coração acelerado e minha mente vagava desorientadamente. Pareço flutuar acima deste mar de putrefação e dor. Olho para baixo e vejo-me no terceiro grupo, apodrecendo, abutres e criaturas indescritíveis acima, rondando, se preparando para o banquete mórbido. Um abutre pousa sobre meu peito e prepara seu bico entortado para me fatiar e se saciar.

Tentava levantar, tentava gritar mas, nada! Não conseguia!

Agora via Caronte se aproximar. Ele olhava para mim. O olhar que eu nunca quis ver mas, neste momento, quase peço para ele me levar.

O abutre bica! Seu bico torto, enrugado, negro e frio penetra em minha pele. Tento gritar mas nada sai. A dor transcende qualquer outra que já havia sentido. Minha visão fica turva. Sinto o cheiro de sangue – meu sangue!

O abutre arranca um pedaço de carne fresca de meu peito! Vejo ele jogar seu bico fétido para trás balançando o troféu em forma de carne humana. Sangue respinga em mim. Sangue brota do rasgo deixado pelo meu nêmesis.

Já não sinto mais dor. Apago por um segundo – acho. Quando consigo abrir os olhos novamente vejo mais duas aves da morte se aproximarem. Sinto um gosto metálico na boca, parece alumínio. Sinto que minha hora chegou.

Gritei: – ahhhhhhh.

Acordo banhado em suor. Coração quase explodindo, na boca.

Mirtes acorda. Nem pergunta o que houve. Sabe que tive um pesadelo. O pior que já tive. Era o primeiro e com certeza não seria o último.

Não dormi mais esta noite. Esperei o sol acordar na esperança de dias melhores.

*

Nosso dia começa cedo. Às 6h30, já estamos tomando café da manhã no hotel. Olho a volta e só vejo tristeza. As pessoas estão apáticas, se movem com lerdeza entre as mesas e o buffet. É como se ninguém tivesse pressa para sair para seus compromissos.

No buffet e nas mesas somente comida cozida, frita ou assada. Água, somente fervida. Frutas são proibidas. O salão é

grande e está cheio de hospedes, mas pouco se ouve. Longas e pesadas cortinas cinza descem do teto, ao longo das janelas, dando um ar mais sombrio ao ambiente. Na mistura de cheiro de ovo cozido, bacon e pães sente-se também o cheio do medo e tristeza. Na parede, pendurado, um cartaz:

LAVE AS MÃOS DEMORADAMENTE.

JAMAIS COMA ALIMENTOS CRUS.

NÃO CONSUMA SUCOS.

NÃO BEBA ÁGUA DE QUALQUER TIPO SEM FERVER.

– Ministério da Saúde do Quênia

Um jornal televisivo está passando na holo-tevé do salão. O som está baixo, mas percebo claramente que as notícias são todas em torno do surto bacteriológico. O apresentador tem um semblante pesado. Nem diria que tem um olhar triste, diria um olhar grave.

Nas imagens, vejo hospitais de campanha, pessoas chorando e corpos sendo velados e enterrados. Isto não é uma maneira de começar o dia. Não é assim que devemos viver.

Tomamos nosso café quase sem nos comunicar. Lembrei de como sempre curtimos estes cafés da manhã continentais dos hotéis turísticos. Mirtes e eu sempre viajamos muito e criamos nosso próprio sistema de catalogação de hotéis e cidade: se o hotel tivesse um bom café continental e uma boa cama ganharia cinco estrelas. Se a cidade propiciasse boas aventuras na natureza também ganharia cinco estrelas. Tanto este hotel quanto esta cidade já haviam merecido nossas cinco estrelas em um passado que agora parecia cada vez mais remoto. Hoje não. Nem o hotel nem a cidade

mereciam as estrelas. Talvez não merecessem nem uma. Mas, isto não era culpa deles. Não sabíamos a quem culpar, mas sabíamos que iríamos descobrir. E que, também, iríamos descobrir a cura para esta pandemia. Acabamos nosso café e corremos para o QG.

*

– Sabemos que a contaminação é pela bactéria *Legionella pneumophila* e sabemos que o meio de contaminação é a água. Diz Mirtes na primeira reunião do dia no QG.

– O primeiro passo é soltarmos um comunicado geral informando a população para só consumir água fervida.

– O segundo passo é identificarmos os pontos de contaminação. Esta bactéria tem que chegar à água que as pessoas consomem. Por onde podemos começar a investigar?

– Acredito que devemos começar pela reserva subterrânea de Turkana. – informa Sr. Kipron.

Em meados do século XXI, o Quênia descobriu um aquífero gigante, cerca de 250 bilhões de metros cúbicos de águas com renovação constante de 3,4 bilhões m³/ano que acabou se tornando o grande fornecedor para Nairóbi e o país em geral.

Esta reserva ficava a centenas de metros abaixo da terra e tinha uma quantidade suficiente para o país inteiro, o ano todo.

O grupo se divide: eu e o chefe da Polícia Federal, Sr. Charles, iremos ao aquífero.

Dra. Lauvin, Dr. Chizoba, Dr. Mugabi, Dra. Jing e Dra. Elizabeth Pearl irão se concentrar em buscar formas de curar e combater o patógeno.

*

Charles Tergat era o típico policial. Durão, forte, decidido. Aprendo que ele havia passado pelo seu calvário particular na exata semana anterior a nossa chegada: sua companheira de mais de 20 anos havia falecido da bactéria que agora matava seu povo sem dó nem piedade.

Recebera uma ligação numa terça-feira nublada. Jacqueline Right, sua companheira, havia sido internada no Hospital Militar do Quênia.

Mal teve tempo para se despedir da amiga. Chegara ao hospital e a doença já estava avançada. Quando pensamos que ela mata em oito horas, qualquer minuto é dramático. Das primeiras crises à hora que Charles chegou ao hospital militar haviam passado apenas duas horas e meia. O que são sete horas para se despedir de quem se ama?

Ao invés de lamentar e se afundar em tristeza e depressão, Charles jogou este sentimento para o lado, para o fundo do seu coração e disse:

– Agora não! Mais tarde choramos. Agora, vamos achar e prender quem fez isto. Por você, meu amor, minha vida, Jacqueline, pelo meu povo e pelo mundo.

Ele não deixou o lado da amiga nem um segundo apenas. E prometeu lutar por ela, lutar por todos contra o que estava devastando-a neste momento. Este era o policial Charles Tergat.

*

A reserva Turkana fica 743 quilômetros de Nairóbi. Pegamos a rodovia no sentido norte. Serão cerca de três, quatro horas até o aquífero. A estrada está relativamente vazia e a noite iluminada. A velocidade que Charles estava imprimindo reflete a nossa apreensão em querer chegar ao nosso destino.

Temos companhia de grandes caminhões de carga, o que torna nossa viagem mais perigosa. A estrada é uma rodovia Federal de elevação eletromagnética, de mão dupla, sem mureta dividindo as pistas e conhecida como 'rodovia da morte' pelo número de acidentes fatais que ocorrem nela. Os veículos modernos percorrem-na sobre um colchão eletromagnético mas veículos mais antigos – especialmente alguns tipos de caminhões, ainda rodam sobre o asfalto. Este convívio entre as duas tecnologias cria uma situação de risco já que os veículos eletro-levitados são mais velozes e ágeis. Sempre detestei estas rodovias mistas. Charles dirige feito um alucinado costurando entre caminhões, ônibus e outros carros. Ora está a 200 km/h, ora acelera a 240–260 km/h.

Logo alcançamos uma carreta em baixa velocidade trafegando direto sobre o asfalto. Ela parece carregar grãos, está abarrotada e deixa parte da sua carga cair, criando uma trilha no asfalto como João e Maria criaram com migalhas de pão. No para choque traseiro leio uma frase daquela que caminhoneiros teimam em escrever sei lá por qual motivo: ***Na última curva, a desgraça ou a salvação.*** Fico pensando se quer dizer algo.

No céu, uma meia lua ilumina levemente nosso caminho, exibindo a estrada emoldurada por grandes pinheiros. Falamos pouco.

No km 680, entramos à direita e percorremos uma estrada vicinal por mais 60 quilômetros. Vejo somente grandes extensões de terrenos com cercas baixas e casas distantes da estrada. São sítios, muitos bem antigos, que ainda preservam casas coloniais, de madeira. O carro está com o vidro fechado mas sinto o cheiro de grama entrar pelos pequenos dutos de ar condicionado. É um cheiro refrescante que gosto muito.

Passamos pela Kalemngorok que parece abandonada de tão vazia. Acho que pela hora, nestas pequenas cidades, só encontramos sonâmbulos e fantasmas. Se eles realmente existirem. Só vejo pequenos prédios de dois, três andares, e muitas casas. A estrada tem postes de iluminação neste trecho que passa pela cidade. A luz amarelada banha a estrada e acendem algumas fachadas de prédios e lojas. No final da avenida principal, uma bonita rua de mão dupla e arborizada no calçamento que divide as duas pistas. Vejo uma pequena igreja Batista. Depois dela, vemos a entrada do aquífero.

A entrada é protegida por cerca infravermelha, guardada por segurança armados. Como é a maior, e quase exclusiva fonte de água do país era de se esperar que fosse bem guardado. Imagino como alguém conseguiu entrar nesta fortaleza e contaminar a bacia?

Após identificação passamos pela guarita e somos recebidos pela diretora do reservatório, a Sra. Joan Kiptron.

A maior reserva de água subterrânea do mundo é também a mais profunda.

– Iremos pegar o elevador três até o poço Norte. – avisa Sra. Joan

Descemos. Parece interminável. São 400 metros até a primeira parada. Quando saímos, temos uma das visões mais impressionantes que já tive: uma visão parcial do aquífero, uma lâmina d'água, escura, iluminada levemente, artificialmente, a perder de vista. Estamos numa gruta. Meio artificial, meio natural. Sinto um frio estranho e uma brisa inesperada, um cheiro fresco mas de ar parado impregna o ambiente. Vejo também aeradores em constante movimento.

Nosso foco está em descobrir como um patógeno pode entrar neste sistema ainda mais que seriam necessários milhares de toneladas deste para causar algum impacto significativo. Isto demandaria tempo para ser despejado e, o mais importante, uma linha de acesso direta e constante. A quantidade necessária a ponto de impactar uma cidade do porte de Nairóbi teria que ser na ordem de centenas de toneladas.

Joan nos leva a sala de monitoramento e controle. Tenta nos explicar que o aquífero é inexpugnável: é alimentado subterraneamente por três rios e seis grandes saídas alimentam três regiões diferentes do Quênia, inclusive duas levam água a Nairóbi.

Peço análise microbiologia detalhada de sete pontos da reserva. Peço que me seja fornecida imediatamente.

Enquanto isto, nós três revisamos as gravações de segurança das duas câmeras da entrada do reservatório. Voltamos as gravações em uma semana, e revemos em câmera rápida por alguma coisa que nos saltasse aos olhos.

Charles distribui seus homens para inspecionar toda instalação da administração do aquífero de cima abaixo. E o

escritório Central da Polícia Federal verifica o histórico dos doze profissionais do reservatório.

Após a primeira hora os cinco homens que Charles distribui retornam adiantando que, em princípio, não viram nada que chamasse atentado. O reservatório não tem outras entradas, não havia nada de anormal ocorrendo.

Também estamos procurando uma pessoa em particular: Luthier Roth. A minha investigação digital havia identificado que este senhor trabalhava no aquífero e era membro de um partido conhecido por ser de extrema direita. O Partido Pelo Povo – PPP. Um pequeno partido mas com uma bandeira radical, xenófoba e racista. Podia não ser nada mas chamou minha atenção e ao Charles, mais ainda.

- Preciso falar com este Luthier. – avisa Charles à Joan.

Joan chama Luthier no intercomm:

– Luthier, comparecer à administração imediatamente.

Ao aproximar, Luthier identifica Charles – ou pressente algo – e, ao invés de entrar na sala da administração onde estamos, retorna correndo por onde veio.

*

Anos atrás, Charles investigava um *serial killer* em Nairóbi. Este indivíduo já havia matado cinco crianças – todas meninas – quando Charles e seus homens conseguiram prendê-lo.

Ele cooptava as vítimas na saída da escola com brinquedos e doces, a estratégia mais antiga entre os pedófilos assassinos. Depois levava-as para seu esconderijo e acabava matando-as.

Charles conseguiu capturá-lo quando sequestrava uma nova vítima. Pelo que soube, foi um trabalho exemplar de inteligência investigativa.

Charles sentia-se confortável no confronto. Ele vinha de uma família de policiais e a lei era a sua vida. Acho que ele era daqueles policiais que quando tivesse que trabalhar atrás de uma mesa, iria se aposentar. Para Charles, a investigação, o desafio, a perseguição e luta eram o que o mantinham vivo.

A prisão deste *serial killer* foi resultado de um ano de investigação. E, a prisão, foi consequência de uma perseguição raivosa pelas ruas de Nairóbi que quase custou a vida do próprio Charles. Quando Charles cercou o criminoso houve uma intensa troca de tiros. Charles, mesmo ferido, conseguiu alcançá-lo e prendê-lo.

Mas, mesmo após a prisão, sabendo que os crimes acabariam ali, com aquela prisão Charles continuou investigando o caso até achar o esconderijo do criminoso, a residência onde havia crescido e mapeado toda sua vida, familiares e amigos. Somente após isto é que Charles encerrou o caso acreditando que o criminoso era fruto de seus próprios desvios morais e psíquicos e, realmente, depois da sua prisão, nunca mais ocorreram estes crimes em Nairóbi. Este é o quão meticuloso e obstinado Charles é.

*

Luthier corria pelo corredor Sul do aquífero. Charles e eu na sua cola. Derrubando tonéis, caixas, o que visse no caminho, Luthier tentava se distanciar de nós.

Não podíamos atirar nele, afinal ele não havia feito nada além de fugir. Estávamos em desvantagem; aqui era a 'casa' dele.

Luthier parte por uma porta, entramos na sequência apenas para vê-lo descer uma longa escada de ferro. Charles, cansa-se da corrida e tira sua pistola paralisante. Ela emite uma descarga elétrica que interfere com as ondas T do nosso sistema nervoso e paralisa a pessoa que estiver na sua alça de mira. Curiosamente, como o mecanismo não emite som audível, ela emite um som artificial para indicar que está em uso. É um zumbido agudo constante intercalado com zumbidos graves – os 'tiros'. Charles aperta uma vez: *zzzzzTUM*. Duas: *zzzzzTUM*. Três: *zzzzTUM*.

– Droga, detesto estas armas. Gosto mesmo é de atirar para valer. – reclama Charles ao perceber que errara os três 'tiros elétricos'.

Luthier termina a escada de frente à lâmina d'água e..mergulha!

– Droga, droga, droga. – continua Charles a reclamar. – Lá vamos nós nos molhar.

Nem tiramos os sapatos, pulamos os dois n'água no mesmo instante. Pensando bem, nem sei porque fizemos isto. Iríamos nadar até onde? Prendê-lo debaixo d' água?

Luthier mergulha e mergulhamos com ele. Nas águas escuras e frias de Turkana mal vemos à frente. Nas laterais do reservatório existem lâmpadas submersas e no teto outras tantas, mas como o aquífero é gigantesco, esta pouca iluminação descortina muito pouco à frente.

Consigo perceber que nosso perseguido adentra uma passagem subterrânea, uma ligação com alguma outra bacia. É por

lá que seguimos.

Quando saímos do outro lado me esforço para tirar a cabeça d'água. Acho que já estava a um minuto submerso e meu folego acabara a tempos. A água doce não ajuda na flutuação e como estamos com todas nossas roupas ficamos ainda mais pesados. Estou ofegante, pronto para desistir e perguntando-me de que adiantava estar nadando atrás de alguém num lugar destes. Olho para o lado e vejo meu amigo saindo desta piscina, atrás de Luthier, que já estava preparando-se para correr novamente.

Charles mal consegue pular em suas pernas e fazê-lo cair. O que se segue é uma briga amadora: Luthier chutando Charles. Charles tentando segurar seus calcanhares. No momento que consigo sair da piscina, Luthier já estava de pé iniciando novamente sua corrida. Parto atrás dele com o resto de folego que tenho, mas ele entra num elevador e sobe. Foge.

*

Charles e eu pegamos o aerocarro da polícia e saímos da reserva em direção a casa do Luthier. Sua residência ficava no centro antigo de Nairóbi, levaríamos cerca de duas horas e meia, três, para chegar.

Já era 23h47 quando estacionamos, vendo luzes acessas em seu apartamento já sabíamos que estaria em casa: terceiro andar, no quinto prédio da rua Mundi Mbingo.

Caminhamos em direção ao prédio. Instantes antes de chegarmos à porta, a luz do quarto se apaga. Estranho.

Ao tocar no intercomm, ouvimos um buzz de longe mas ninguém atende.

Um automóvel velho vira a esquina em alta velocidade, vindo por detrás do prédio, e passa enlouquecido por nós. Era Luthier ao volante. Ele estava em fuga!

Corremos para nosso aerocarro, Charles liga-o instantaneamente por comando de voz e bruscamente sai da vaga que estacionamos virando 180 graus para iniciar a perseguição.

A viatura da polícia é um Mark III. É rápido, 450 h/p, e multipropósito. Pode flutuar sobre lagos e subir morros, além de ter um sistema de rastreamento inteligente e outros recursos. Só precisamos ver o alvo para usá-los.

Sabemos que ele percorreu a Av. Kenyatta em grande velocidade e é por lá que seguimos. Em menos de um minuto o alcançamos. Tendo ele em vista, Charles aciona o sistema de rastreamento. O sistema mira no carro à frente e trava uma mira virtual. Agora, mesmo que Luthier consiga nos despistar o sistema de rastreamento nos mostrará qual caminho ele seguiu. O sistema funciona bem mas tem duas limitações: o objeto a ser perseguido tem que estar na 'mira' para ser ligado – como foi o caso – e, ele só consegue documentar o rastro do alvo por até 650 metros. É apenas um coadjuvante na tarefa de perseguir.

Zigzagueamos por entre os outros carros. Me seguro como posso. Corpo contraído, pernas e braços esticados, tentando me segurar.

– Cuidado, cuidado! Grito apavorado. Charles nem me responde. Está absorto na tarefa de dirigir agressivamente em altas velocidades. Como hoje em dia a maioria das viagens de carro são

feitas em veículos com piloto automático, quase nunca alguém pega no manche. Torço para ele ter brincado muito em simuladores de jogos de corridas.

Luthier nos avista em sua cola e faz um curva rápida à direita, entramos quase que ao mesmo tempo.

Ele está decidido a não deixar que o alcancemos. Agora sobe no meio fio da calçada. Ainda bem que são meia-noite e nesta parte da cidade não se vê alma viva. Não precisamos subir a calçada; seguimos paralelo a ele agora.

Mais uma curva violenta, agora à esquerda. Ele entra num pequeno beco. Passamos direto.

Nosso sistema de rastreamento mostra onde ele vai no *heads-up display*. Vamos contornando o quarteirão para encontrá-lo do outro lado.

Ele sai do beco à nossa frente, quase colidindo conosco, virando bruscamente à esquerda, entrando na vida principal. Sinto meu coração à boca!

Segue enlouquecidamente numa disparada à frente batendo sua lateral em dois ou três carros parados. Isto é suficiente para diminuir sua velocidade ao ponto de colarmos nele.

Charles me pede para acionar o cancelador de sistemas – um mecanismo que somente viaturas policiais têm: à distância de até três metros ele desliga qualquer sistema eletrônico em seu alcance.

– Acione! Agora! – grita Charles comigo.

Aperto o botão e vemos o carro do Luthier desacelerar instantaneamente: VU–VU–VU–VU–VUUUUU...

Batemos na sua traseira e num golpe inesperado ele dá uma guinada à direita, aproveitando que ainda está em velocidade, e se

lança numa escadaria para pedestres, ladeira abaixo!

A descida o coloca a mais de três metros de nós e instantaneamente ele consegue ligar seu veículo novamente.

Descemos juntos, na sequência imediata. Agora me seguro em todas as partes possíveis do carro.

Luthier vai em direção ao bairro boêmio de Nairóbi. Sabemos que não deve estar cheio como de costume, a população está com medo. De qualquer forma, haverá gente na rua.

As ruas estão, surpreendentemente cheias. Agora temo pela vida delas. Luthier passa cortando entre carros e pessoas sem diminuir um segundo.

Vejo pessoas se jogando no chão, gritando e correndo. Até agora ele não atropela ninguém.

Sobe uma calçada, pessoas pulam de suas cadeiras poucos segundos antes dele as atingir em cheio. Seguimos em paralelo pela rua, por segurança.

Ele volta à rua e, parecendo enlouquecido, sobe na outra calçada. Agora me parece mais claro o que ele quer. Ele acerta em cheio uma mesa com vários jovens bebendo e se divertindo.

Vejo-os voando pelo impacto. Gritos. Cadeiras e mesas lançadas longe. Confusão total. Ele quer nos parar.

Charles mantém-se frio:

– Peça uma ambulância. – diz sem tirar os olhos do Luthier e sem diminuir a velocidade minimamente. Este cara seria preso e seria AGORA, pensara Charles.

Luthier vira bruscamente, desta vez à esquerda, entrando na Rodovia Uhuru e não tem sorte. Vem um caminhão na contramão.

A colisão é instantânea. Uma explosão seca pode ser ouvida por quarteirões junto com um fogo azulado e fumaça branca.

Conseguimos frear a tempo de não colidirmos também.

Luthier estava morto. Nosso suspeito estava morto. Nosso único suspeito.

*

Mirtes foi chamada para uma entrevista no QNB, Quênia News Broadcast, o mais importante jornal televisivo do país.

O estúdio era pequeno. Basicamente uma mesa com três cadeiras. No centro sentaria o apresentador e de cada lado os convidados. Os holofotes que iluminam a sala cegam qualquer um momentaneamente. Acho que isso deve ser necessário para aparecer na holo-tevé. A decoração era espartana. Basicamente um mapa do Quênia atrás da bancada.

A QNB montou esta reportagem para tentar levar informações para uma população desesperada. Era o jornal televisivo de maior credibilidade e penetração no país e a Mirtes achou válido usá-lo para tentar tranquilizar um pouco os cidadãos.

– Boa noite, Dra. Leuin. Obrigado em abrir um horário em sua agenda nestes dias tão difíceis. – fala o âncora.

William era velho de guerra na TV. Jornalista renomado. Era um homem de meia idade, negro, educado, conhecido por sua seriedade. Estava impecavelmente elegante, como sempre, num terno de giz azul marinho.

Também está presente ao debate o Sr. Langdon, professor de antropologia da Universidade de Nairóbi.

- Obrigado pela sua presença também, prof. Langdon.
- Obrigada pelo convite. – responde Mirtes.
- Boa noite à todos. – diz Langdon.

Professor Langdon era o estereótipo do professor universitário: cabelos desgrenhados e com o corte atrasado há pelo menos um mês. Óculos redondos (apesar de ninguém mais ter que conviver com miopia, ou qualquer problema oftalmológico), roupa casualmente desarrumada.

William continua:

– Temos a maior crise de saúde que este país já presenciou. Já temos centenas milhares mortos e nenhuma luz no final do túnel. Conte-nos algo bom. Nos dê uma esperança. – pede a Dra. Leuvin.

– Temos uma grande investigação em curso. Nossa equipe é formada por renomados cientistas como Dr. Tau Chizoba, Dra. Jing Kun, Dra. Elizabeth Pearl e outros. Já fizemos algumas descobertas importantes como o meio de contágio – a água – e que a bactéria é uma *Legionella pneumophila*.

– Sabendo o meio de contágio – continha Dra. Leuvin – pudemos orientar a população a só consumir água fervida. Agora, buscamos descobrir a via de infiltração desta bactéria nos aquíferos, e, obviamente, quem está por trás disto.

– Quem está por trás? Quem está por trás? Brada Prof. Langdon.

– Dra., nos poupe. NINGUÉM está por trás desta bactéria. Ela é fruto da evolução natural. As bactérias lutam contra nós a milênios. Esta é apenas mais uma super bactéria que descobriu algum ponto fraco e quer nos destruir!

– Como assim? Pergunta William.

– O governo quer que acreditemos que 'alguém' ou 'algo' está por trás desta tragédia – continua Langdon – porque, aí, poderá demonizar quem quer que seja e montar uma 'caça às bruxas'. Quando o inimigo é alguém existente, uma pessoa ou grupo, fica fácil mobilizar o apoio da população para aprovar as medidas que quiserem. O governo está enganando o povo só para ganhar mais autoridade e poder! É tudo uma farsa!

Dra. Leuvin contrai-se em sua cadeira. Mais um maluco defensor de teorias da conspiração...

– Mas, por que ... – inicia William, sendo interrompido pelo Prof. Langdon.

– Esta bactéria é uma evolução natural. É uma super bactéria criada pela própria natureza para nos destruir. Se não formos rápidos o suficiente, se o time da Dra. aí não for rápido o suficiente, morreremos todos, TODOS! Vaticina Prof. Langdon.

– William – fala respeitosamente a Dra. Leuvin – não foi para este tipo de debate que me convidaram. Estou disponível para uma conversa franca e científica e não para discorrer sobre teorias conspiratórias ou 'achismos'.

– Como? – fala Prof. Langdon, quase gritando – Uma verdade é uma verdade mesmo quando não queremos aceitar. Dra. Leuvin. Sabemos que a vida está em constante evolução e não é de hoje que surgem novas bactérias e vírus. Porque diz que minha teoria é conspiratória? Você, por acaso, tem explicação melhor que a minha? Melhor do que a simples percepção que esta bactéria é apenas mais uma evoluída para sobreviver no mundo que habita? William, na história da humanidade tivemos muitas bactérias e vírus. Até

descobriremos como combatê-las, mataram milhões. Foi assim com a Peste Negra, com a Aids, com o Ebola e com a Doença de Jorrett. Não era improvável que uma nova pandemia surgisse. Faz parte do eterno ciclo evolutivo deste planeta.

– Claro que a possibilidade de aparição natural de uma super bactéria existe mas, não é o caso. Sabemos que esta é uma simples bactéria alterada tecnicamente de forma brilhante complexa.

– Alterada com que finalidade, Dra.? Pergunta William.

– Não sabemos ainda. – diz a Dra. Leuvin.

– Percebe, William – fala Langdon novamente quase gritando – tudo se resume a 'um organismo alterado por alguém com objetivo de nos aniquilar'. É o governo preparando terreno para obter apoio popular para colocar os tanques na rua! A verdade é que este nosso governo, corrupto, perdeu apoio nos últimos anos que quer unir o povo em torno de um 'mal' único. Já vimos este filme muitas vezes, não é?

– O que tem a dizer sobre isto, Dra.? - pergunta William.

– É totalmente sem base o que este senhor diz, William. O governo do Quênia me trouxe do Brasil, trouxe a Dra. Jing da China, o Dr. Nikolaievitch da Rússia, assim como meu marido e muitos outros técnicos. Colocou todos os recursos inimagináveis à nossa disposição. Se tudo fosse apenas um esforço de propaganda política para que isso?

– MENTIRA! – grita Prof. Langdon.

William chama os intervalos comerciais para tentar acalmar os ânimos e continuar o telejornal de forma produtiva.

Uma das propagandas que possa parecer um pouco inapropriada – ou, pelo menos, fora de hora é sobre uma família que

tira férias e fica hospedada em um hotel à beira do lago Naivasha. Mostra-os se divertindo, brincando nas suas margens. Uma tranquilidade que, infelizmente, não se vê mais no país.

De volta ao estúdio, e após William conversar com seus dois convidados para que cada um dê uma última declaração e encerrar o programa, ele retoma:

– Telespectadores, temos hoje conosco Dra. a Leuvin e o Prof. Langdon para nos atualizar sobre as últimas informações sobre a "crise da bactéria". O que está sendo feito pelas autoridades? O que cada um de nós poderá fazer para se prevenir? Dra., suas últimas palavras, por favor. Dê um conselho à população.

– Obrigada, William. Quero dizer à população do Quênia para não se desesperar. Já sabemos qual é o patógeno causador das mortes e agora é apenas questão de pouco tempo até acharmos a prevenção e cura. Enquanto isto, consumam sempre comidas cozidas e água fervida. Isto é crucial.

– Obrigado, doutora. Agora, suas últimas palavras prof. Langdon.

– O mundo está num ponto de inflexão. Acho que esta bactéria é mais um Ebola, mais uma Peste Negra. Claro que acho que sobrevivemos – o homem é resiliente – mas acho que milhões morrerão até chegarmos à cura. Não acreditem na propaganda governista!

– Obrigado a ambos. Obrigado pela sua audiência. Este foi o QNB edição noturna. Até a próxima.

Dra. Mirtes sai rapidamente do estúdio, não se despede do prof. Langdon e se arrepende de ter aceito vir à entrevista. Não

estava preparada para ser massacrada desta forma. Só queria alertar a população para tomar cuidado e tranquilizá-la. Só isso.

*

De volta ao laboratório Mires recebe uma notícia perturbadora: Shelley Amber, uma amiga dos tempos de moradia e estudo na Inglaterra, estava mortalmente doente. Atingida pela *legionella*.

Mirtes e Shelley se deram bem desde o primeiro encontro. Conheceram-se num curso de pós-graduação em Genética pela Universidade de Cambridge. Passaram praticamente dois anos juntas. Dividiam apartamento e dividiam os mesmos gostos por filmes antigos. Filmes em preto e branco do início do cinema, do século XX.

Shelley era uma típica inglesa: pele bem branca, alta e um pouco corpulenta, tinha um andar desengonçado e, se não era feia também não podíamos dizer que era bonita. Era ruiva legítima daquelas com muitas sardas no rosto, nos ombros, no colo e nos braços. Era uma típica Londrina: mulher urbana, moderna. Apresentou à Mirtes todos os grandes restaurantes de Londres e, juntas, viajaram algumas vezes para o País de Gales, Irlanda e Escócia, onde ela havia se tornado fã ardorosa ao descobrir um antepassado da tradicional família McLeod que havia lutado contra o domínio do Rei Eduardo II.

Shelley também tentou fazer Mirtes gostar da estranha culinária inglesa. Mas entre um *Scottish* (essencialmente uma mistura de vísceras fervidas durante três horas dentro de um

estômago de carneiro com aveia e farelo) e um *Kidney Pie* (torta salgada de rim e outras carnes) Mirtes ficava com o segundo.

Mirtes já sabia que a amiga estava em Nairóbi a trabalho. Já vivia lá a quase um ano e as amigas ficavam em contato direto. Mas desde que chegara à cidade não havia conseguido contato com a amiga. E, agora, sabia o porquê. Descobriu Shelley enferma no Hospital Central de Nairóbi. Já estava lá há três dias e, como em todos os outros casos, não havia possibilidade de cura ainda.

À Mirtes restou fazer companhia à amiga. Levou uma imagem de Santa Rita de Cássia – a santa das causas impossíveis.

Santa Rita de Cássia ou a Santa das Causas Impossíveis nasceu em Rocca Porena, Itália, em 22 de Maio de 1381. Seu nascimento foi precedido por sinais maravilhosos e visões celestiais que fizeram seus pais perceberem algo da futura e providencial missão de Rita, que havia sido colocada no mundo para instrumento da misericórdia de Deus em favor da humanidade. Santa Rita tinham muitos devotos e muitos milagres lhe foram atribuídos. Mirtes, como Católica praticante, à adorava mas como pessoa da ciência sabia que esperar que um milagre curasse a amiga seria sofrer duas vezes: pela dor da própria amiga e pela esperança do milagre. Mesmo assim, Mirtes rezou para Santa Rita e, depois, trancou-se em tristeza.

Infelizmente, como era de se esperar, Shelley morreu. Eu não tinha tempo para consolar Mirtes e nem ela tinha tempo para o luto mas minha esposa era uma mulher sensível e a morte de sua grande amiga atingiu-a em cheio. Sei que é triste dizer isto mas a morte de estranhos pesa de forma diferente em nossas almas. Mirtes trancou-se no quarto do hotel, absorta em seus

pensamentos, em sua tristeza. Por dois dias e três noites não foi ao laboratório. Não saiu do quarto nem para comer e mal comia a comida que eu pedia à cozinha do hotel para entregar. Nestes dois dias não conversava comigo. Ficava basicamente chorando, soluçando e olhando para o além. Sabia do peso desta amizade para minha amada mas, confesso, que sua reação me assustou. Mais que nunca precisávamos da Dra. Mirtes ativa, com todas suas faculdades mentais e emocionais prontas e em ponto de bala. Precisávamos dela se iríamos achar uma cura.

Consegui tocar seu coração e trazê-la de volta aos trabalhos no dia que consegui fazê-la enxergar que a melhor forma de homenagear a amiga seria impedir que outras pessoas adoecessem e morressem. Eu tinha que focar na investigação do PPP, da origem da produção da bactéria e como ela contaminou o aquífero de Turkana e não podia ficar ao seu lado. Mirtes tinha que sair deste transe:

– Mirtes. – chamei, rispidamente.

Não obtive resposta, apenas um olhar de canto de olho.

– Estou colocando você de volta em um supersônico para o Brasil. Não posso investigar o PPP e cuidar de você ao mesmo tempo. Já avisei sua mãe para te encontrar em nossa casa e cuidar de você. – continuei.

– Mas como? A equipe vai continuar a pesquisa sem mim? – Finalmente ela me responde.

– Sim. Eles são todos gênios. Tenho certeza que descobrirão um antígeno.

– Mas, e se demorarem? Mais gente morrerá!

– Acho que você deveria voltar ao laboratório. Descobrir como matar esta super bactéria e o tratamento que devemos dar aos afetados. Esta seria a sua melhor homenagem à sua amiga Shelley. Mas, como você não tem forças para sair desta cama, deste quarto e eu preciso continuar minha investigação, estou lhe mandando de volta para convalescer em casa.

Acho que isto foi o suficiente para mexer com os brios da Mirtes. Sempre achei-a orgulhosa e corajosa e sabia que ela não desistiria desta batalha. Ainda mais agora. Sem uma palavra Mirtes, levantou-se, tomou um banho e somente aí me respondeu:

– Estou pronta. Vamos ao laboratório.

PPP

Sem o Luthier para interrogar as atenções se voltaram agora para o PPP, o Partido Pelo Povo. Charles consegue um mandado de buscas para o escritório central do partido. Épocas desesperadas parecem acelerar as decisões judiciais. Ainda bem.

Nos dirigimos ao comitê Central junto com seu time de detetives e, concomitante, outro grupo vai ao apartamento do Luthier por pistas, por algo que ajude-nos a entender porque ele fugiu, quem está por trás do ataque bacteriológico.

Na sede do PPP, nos encontramos com a diretoria do mesmo. São cinco membros do partido, todos mau encarados, já reunidos desde cedo, pós incidente de ontem à noite. Valker Kipsang é o presidente do partido. Um negro grande, feições nada amigáveis e de poucas palavras.

*

Valker Kipsang era um homem mau. Nasceu mau e morreria mau. Conta a história que na juventude ele se gabava de ter inventado 35 maneiras diferentes de matar gatos. Já matou pequenos felinos rodopiando-os no ar pela cauda e atirando-os longe, já matou partindo-lhes a coluna. Já matou fazendo-os de bola de futebol. Foram 35 maneiras diferentes. Cada uma mais cruel que a outra.

Valker nasceu na favela de Kibera. Kibera foi a maior favela da terra. Em meados do século XXI ela chegou a ter 4 milhões de habitantes. Pessoas muito pobres morando em barracos de madeira. Esgoto a céu aberto corria livre pelas ruas de terra. Faltava tudo: limpeza urbana, eletricidade, saúde pública e, principalmente, segurança, polícia.

Mas, a partir do Acordo Internacional pela erradicação da pobreza, assinado no século XXIII, todas as nações perseguiram com afinco o fim desta situação tão demeritória de vida para o ser humano. Kibera, como todas as outras favelas ao redor do mundo, recebeu recursos nacionais e internacionais. Um esforço magnífico foi feito para urbanizar estas localidades, prover treinamentos e emprego aos seus moradores. Por fim, esse gueto foi reduzido -a meros 90 mil favelados, que passaram a viver em condições melhores que aquelas do século XXI viviam. Mesmo assim, era uma comunidade muito pobre. Ainda carente de muitos serviços governamentais e, principalmente, longe dos olhos da polícia.

Neste ambiente, parcialmente recuperado mas sem a supervisão da lei e ordem, Valker Kipsang cresceu. Sua infância e juventude não foram muito diferentes da juventude de crianças deste perfil social: muita brincadeira de rua, gostava de jogar futebol

e gostava de brincar de comandos em ação – um brinquedo antigo onde você simula guerras e brigas com bonecos de plástico. Mas, as similaridades acabavam aí. Valker vinha de um lar destruído. Seu pai, viciado em drogas sintéticas havia matado a mãe a facadas. Na sua frente. Talvez por isto ele tenha se tornado uma criança agressiva, individualista, desconfiado e com medo de todo mundo.

Desde cedo, se mostrou intolerante a quem pensava diferente dele. Certa vez, surrou um garoto dois anos mais novo – e dez centímetros mais baixo – só porque não deixou-o entrar no time para jogar bola. Quebrou um braço e três costelas do menino.

Na adolescência, Valker começou a flertar com o crime. Praticava, inicialmente, pequenos delitos como furtos em supermercados, mas logo escalou para invasão e furtos de domicílios. Se tornou 'vendedor de objetos roubados'. Numa favela como Nova Kibera, existe mercado para tudo: eletrônicos, alimentos, roupas e drogas. Kibera se tornou o maior entreposto de drogas sintéticas da África e Valker, seu homem-forte.

Provavelmente por uns 15 anos, Valker reinou absoluto vendendo GLB-3, 5-MTA, e outras drogas sintéticas. E durante seu longo reinado deve ter matado dúzias de inimigos. Outros traficantes de Kibera ou de fora que tentavam tirar-lhe o lucrativo ponto de vendas. Mas em 2512, sua sorte de criminosos virou. Num confronto com uma gangue que tentava tomar-lhe o ponto de vendas ele matou a pessoa errada. Aliás, matou três mas uma pessoa em especial era um policial infiltrado. Somente com esta tragédia, a polícia local decidiu expor sua musculatura numa caçada que só terminaria com a prisão de Valker. Prenderam-no e construíram um caso sólido que passou rapidamente por um

juízo relâmpago levando Valker Kipsang a ser condenado à prisão perpétua na prisão de segurança máxima Kamiti.

Kamiti era o inferno na Terra. Nem homens da extirpe de Valker mereciam um lar como este. No século XXI, Kamiti chegou a abrigar o dobro de residentes da sua capacidade. Eram dezesseis mil homens amontoados em celas imundas e sem ventilação onde só caberiam oito mil. A maioria eram presos da guerra contra as drogas ou homicidas. Mas a partir do mesmo Acordo pela Erradicação da Pobreza Kamiti foi reformada, ampliada humanizada. Nas décadas seguintes sua população caiu para sete mil detentos. Além disto, agora sua capacidade já havia sido aumentada para espaçosos nove mil e quinhentos detentos. Havia, agora, o mínimo de humanidade na prisão. Mas, isto não fazia de Kamiti um hotel. Era um ambiente muito hostil onde somente homens muito fortes e resilientes conseguiam sobreviver. Ou, homens que conseguiam passar despercebidos, que levavam sua estada lá como uma sombra, imperceptível.

Valker não era um destes. Desde o início, se impôs com força bruta. Valker era um homem grande, um negro de 1,90, musculoso. Queixo quadrado, olhos pequenos. Uma cicatriz que atravessava a face esquerda, do olho à boca, fruto de uma briga de facas quando jovem. Nenhum sorriso nos lábios. Nunca. E sua personalidade era marcante como seu porte. Era um líder nato, liderava para o mal, mas liderava.

As pessoas na cadeia se separavam em grupo. Fazia parte da estratégia pela sobrevivência. Você tinha dois grupos antagônicos compostos de homens da extirpe do Valker que lotaram a cadeia em Sul e Norte. Cada um mandava na sua área e ocasionalmente

digladiavam por algo – e, inevitavelmente, alguém morria. Mas, na maior parte do tempo ficavam à distância, se fitando ao longe.

Depois, havia o grupo das 'Primas'. Eram os presos homossexuais. Unidos eram mais fortes para resistir às agressões e estupros mas não eram o sexo frágil. Usavam do sexo com os grupos mais fortes para conseguir a paz ou pequenos favores. E sexo numa prisão de segurança máxima é uma das maiores moedas de troca. Conseguiram quase tudo que queriam inclusive proteção contra agressões.

Havia os 'intelectuais'. Eram presos de melhor nível que passavam mais tempo na biblioteca que no descampado jogando ou na academia malhando. Não se metiam com ninguém e tentavam levar suas penas de forma mais incólume possível.

A Prisão de Segurança Máxima Kamiti não era para fracos. O alvorecer era cedo. Às sete da manhã quando a sirena tocava e o campo de força que encerrava os presos em suas celas era desligado. Este campo de força era uma corrente contínua de alta voltagem – cerca de 100KV e dez mil amperes. Atravessar o campo de força era como ser atingido por 'meio' raio numa noite chuvoso. Para muitos este tipo de campo de força era desumano. Mas, em Kamiti era necessário. A borda das paredes por onde saía a descarga elétrica emanava uma cor roxa, pulsando lentamente. Ela avisa o preso que o sistema estava ligado. Vez por outra um novato, desacreditando que pudesse existir um campo de força invisível, aventurava-se a atravessá-lo. Ele não era uma barreira intransponível mas é impossível passar por ele sem ser eletrocutado. O choque tão intenso causava uma fibrilação cardíaca. Muitos morrem ao tentar atravessá-lo. Outros, simplesmente agonizam em

dor até obterem socorro. De forma ou outra, ninguém atravessa o campo e ficava de pé.

Após seu desligamento de manhã todos os presos caminhavam para a cantina. Depois do péssimo café da manhã cada um ia para suas tarefas. O preso na SMK tinha que trabalhar. Alguns trabalhavam na enfermaria, outros na cantina, outros na limpeza mas Valker e seu grupo tinham trabalho pesado mesmo. O trabalho para este grupo tinha pouco haver com ressocialização e mais como punição. Era trabalho ao ar livre, no campo, cavando, plantando e colhendo. Claro que recebiam um soldo, depositado em uma conta bancária para retirada se saíssem da prisão. Ou, no caso dos condenados à prisão perpétua estes valores iam para seus familiares. Ninguém se atrevia a tentar fugir. Isto simplesmente não era possível pois todo preso, ao passar pelo processamento inicial, recebia um chip transdérmico que o acompanharia até a sua liberdade definitiva ou morte. Este chip, de cerca de cinco centímetros de comprimento por dois de largura, maleável e composto por material composto orgânico e silício. Era implantando de forma subcutânea na nuca do preso se conectando aos nervos raquidianos. O chip serviria para punir quem tentasse sair dos limites autorizados para ele andar. Era, portanto, uma 'cerca eletrônica'. Se um preso ousasse sair da sua área o sistema entrava em ação: uma descarga – desta vez de baixa voltagem e baixa amperagem – causava uma percepção de dor tão lancinante que quem já a sentiu diz preferir a morte por fogo ou asfixia. O preso cairia no chão sem controle algum, em total desespero. O sistema é tão eficiente que em 72 anos não houve uma tentativa de fuga de Kimiti.

Como eu disse a vida na SMK era muito dura. Mesmo para homens como o Valker e muito por causa de homens como o Valker. Ele conseguia fazer mais inimigos que amigos e os homens que estavam ao seu lado assim estavam por medo. Nunca ficou provado mais acredita-se que nos seus anos de cadeia Valker matou pelo menos duas pessoas.

Um travesti apelidado de Dolly virou objeto de desejo do Valker. Ele gostava dos novinhos. Jeito de menina, magrinhos. E Valker achava que o que ele quisesse ele podia tomar. Começou a assediar Dolly insistentemente, todo dia, toda hora que a visse. Mas, Dolly se valia do seu grupo para se proteger. Outros membros, enquanto homossexuais também, eram até mais agressivos que os homens de Valker. Ninguém podia estuprar ninguém. Era a regra.

Mas Valker não segue regras. Por questões óbvias, o grupo homossexual toma banho coletivamente, lógico, mas separado dos outros grupos. Certa vez, Valker conseguiu subornar os guardas para deixar ele e dois do seu grupo entrarem no banho na hora que Dolly e alguns companheiros estavam se banhando. Eles espancaram dois ou três destes que imediatamente correram do chuveiro e assim agarraram Dolly. Dolly foi do Valker por infundáveis dez minutos. Ele fez o que quis e só terminou quando se deu por satisfeito.

E como na prisão, nada fica incólume a notícia chegou à direção da mesma que tratou de colocar Valker e seus dois comparsas na solitária. Mas a solitária em uma prisão de segurança máxima como Kamiti não era uma solitária comum. Ela era considerada desumana até pelos policiais e legisladores mais duros. Muitos tentaram fechar o sistema de solitárias da SMK mas ela

resistia pois, alguns acreditavam, que só o fato dela poder ser usada já diminuía as tensões entre os presos. Ninguém queria se aventurar a parar lá.

Pois Valker e seus comparsas enfrentaram trinta dias de confinamento em uma gaveta em animação suspensa. A solitária de Kamiti levava ao extremo o conceito de 'punição' e 'solidão'. O preso era colocado numa maca de aço inox, entubado pelo nariz para receber seu alimento pastosos direto no estômago. Entubado por baixo, pelo reto, para manter-se limpo. Conectado pelas veias a um sistema que fornecia propofol anestésico em quantidades exatas para mantê-lo apenas adormecido mas consciente durante toda duração do tempo na solitária. E com os sistemas vitais obviamente monitorados 24 horas por dia afinal, ninguém queria um preso morto somente queriam um preso sadicamente punido. Era o sadismo levado ao extremo.

Estas solitárias ficavam em salas abandonadas na maioria das prisões, mas em Kamiti ela resistia. Talvez os hospedes aqui fossem mais desequilibrados. Mais psicopatas que outros, de outros locais, e a solitária não pudesse ser suprimida. Só o trajeto para estas salas já antevia o que aguardava o infeliz: passava-se por um corredor úmido e escuro, estreito de pouco mais de dez metros. Ao final, abria-se uma sala com pouca iluminação e uma parede com seis gavetas, três embaixo e três em cima.

Se existe algo de positivo numa solitária é que ele dá tempo ao seu ocupante de pensar no que fez e se arrepender. Pelo menos é isto que se espera. Sem poder fazer nada a não ser comer, dormir e fazer suas necessidades fisiológicas resta ao solitário apenas sua mente. Restaram apenas os sonhos. Não sei se este tempo foi útil

ao Valker para se arrepender de ter estuprado Dolly mas foi o suficiente para Dolly e seu grupo planejarem uma vingança. Ou assim achavam.

No primeiro dia em que Valker havia saído da solitária ele e seus comparsas foram cercados por aproximadamente 12 primas no pátio da SMK. O objetivo, nos parece, era Dolly furar Valker com um punhal improvisado: um cabo de escova de dente afiado. Mas, a confusão que se seguiu tornou impossível saber o que estava acontecendo. Quem segurava quem, quem batia em quem. O resultado é que Dolly caiu morto, pescoço quebrado, no chão empoeirado de terra seca da prisão de segurança máxima. Valker saiu andando. Sem ninguém poder confirmar que o golpe fatal veio das mãos dele.

A segunda morte que desconfiava-se deveria ter sido atribuída ao Valker foi do preso apelidado Big Bob. Big Bob estava preso por um duplo assassinato. Matara um casal com requintes de crueldade e fora condenado à prisão perpétua. Big Bob era um dos líderes da facção Sul rival da facção do Valker. Durante os três anos que conviveram juntos em Kamiti não foram poucas as vezes que os dois se agrediram mutuamente. Malhavam em horários diferentes desde que protagonizaram uma briga que quase destruiu a academia. Pesos e anilhas voavam em todas as direções. E Big Bob não tinha este apelido à toa. Era um negro grande, gordo e forte. Todos na cadeia sabiam que os dois se odiavam e que havia jurado morte um ao outro inúmeras vezes. Mas, dizem que o que acontece em Kamiti morre em Kamiti e após o aparente suicídio de Big Bob nenhum preso admitiu que os dois se estranhavam e ameaçavam mutuamente. Nas declarações durante a investigação da morte do

Big Bob, podia-se quase jurar que ele e Valker eram grandes amigos.

A história foi assim: em 7 de agosto de 2522 o toque de alvorecer soou como de costume. As duzentas e treze celas do Bloco C Sul abriram pontualmente como sempre. Os presos saíram de suas celas e ficaram postados à porta aguardando o costumeiro apito. Ao som, viraram à direita e caminharam em fila indiana para fora do bloco e direto para a cantina. Um guarda à frente do grupo e outro atrás acompanhavam. O que vinha atrás ia verificando um a um se todos os presos saíram de suas celas. Lawrence – este era o nome do guarda que vinha atrás da fila de presos nesta manhã – depara-se com Big Bob enforcado em sua cela! Ele estava com o lençol enrolado entorno do pescoço joelhos no chão, corpo à frente uns 45 graus, toalha amarrada na grade da cela, ao alto. Seu próprio corpo fez pressão de forma a enforcá-lo.

Big Bob já estava morto ao ser retirado da sua forca definitiva e, no que pese um traste destes não fazer falta no mundo, a prisão começou a obrigatória investigação sobre esta fatalidade com um dado alarmante: Big Bob aparentava marcas de agressões recentes e prévias ao enforcamento. Aparentemente, ele fora espancado e depois enforcado.

Mas, na cadeia as investigações perdem muito o sentido. Afinal se alguém cometeu um crime, já está preso. E numa cadeia onde a maioria dos presos assim o está em prisão perpétua fica até mais difícil punir adicionalmente alguém. Como a investigação logo esbarrou no silêncio estranho dos hóspedes deste triste local, Valker – ou quem quer que tenha matado Big Bob – saiu impune.

Agora, você deve se perguntar como um preso destes, condenado à prisão perpétua, acabou por sair da prisão. Em 2522, após uma década de críticas da comunidade internacional pela má qualidade de vida da Prisão de Segurança Máxima Kamiti o governo do Quênia decidiu rever penas, atenuar as que podiam, esvaziar a prisão e reformá-la. Com esta medida, que foi taxada por muitos opositores do governo como demagógica e perigosa – cerca de 500 detentos ganharam as ruas durante os cinco anos seguintes. Valker Kipsang saiu sob protestos da imprensa e destes opositores. Em 2527, Valker se tornou um homem livre.

Falei anteriormente como ele era um líder na cadeia. Era líder em Kibera, ele foi um líder na cadeia e agora, como um homem livre, pode exercer sua liderança com mais liberdade. Durante os anos encarcerados, Valker aproveitou para estudar Direito. Agora, como advogado, rapidamente fez novas amizades, impressionou pessoas e juntou-se ao Partido Pelo Povo – o PPP. Um pequeno partido com ideias xenófobas e racistas que acolheram alguém com a cabeça como a dele sem criticar ou fazer juízo de valor.

Em poucos anos, ele ascendeu à liderança do pequeno partido, se elegeu vereador por Nairóbi e depois Deputado. O pequeno partido cresceu e tornou-se mais que um incomodo num país receptivo à estrangeiros e imigrantes. Pessoas racistas e xenófobas simplesmente não cabiam mais neste mundo do século XXVI mas, infelizmente, elas teimam em continuar existindo.

*

– Polícia Federal, quem é o responsável por esta espelunca? – rasga Charles.

– Sou eu, Valker Kipsang, presidente do Partido PPP.

– Temos um mandado de buscas. Abram espaço. – exige Charles.

Entre os documentos do partido encontram muitos panfletos e cartazes de propaganda política – como era de se esperar nada que à primeira vista destoasse até que deparo-me com um trabalho do Dr. Mugabi sobre eugenia. É um artigo científico, de domínio público. Em princípio, não tem relação direta com nossa investigação, penso eu.

Depois, deparo-me com um documento apócrifo perturbador. O título é **GENOISMO**. Que diabos é isto? – nos perguntamos.

"A nova ordem social dominará. Somente os indivíduos puros poderão galgar posições de destaque e poder. O Genoismo é o mundo do futuro, hoje.

Temos que impor a limpeza genética em prol da sobrevivência humana. Os degenerados, estes indivíduos geneticamente maculados são a classe social inferior e só deve servir para trabalhos braçais.

O mundo se tornou o que conhecemos hoje, com a pobreza endêmica, falta de alimentos, miséria, tragédias ecológicas, guerras e tantas outras mazelas porque até hoje foi governado pelos degenerados.

Imperou a crença que a miscigenação seria boa para a humanidade mas os últimos séculos provaram este ser o maior engodo já perpetrado.

Um mundo onde os puros governem e os impuros sirvam é o caminho lógico. Sem miscigenação não se tem degradação genética, é por isto que devemos impor a nova ordem mundial. Para terminar este processo que vem paulatinamente destruindo nosso mundo.

Está em nossas mãos, em primeiro lugar, identificar os que são de uma linhagem pura para nos unirmos. Depois, conquistar o poder em todas as esferas para que possamos implantar o Genoismo em toda sua plenitude e o mais rapidamente quanto for possível.

A conquista do poder deve se dar em todas as frentes: nas grandes corporações, nos governos, nas forças militares, na política.

E, uma vez no poder devemos nos encastelar substituindo todas as posições quanto existirem nas mãos dos degenerados. À eles sobrarão apenas as posições mais baixas, de serviços braçais.

Os perdedores sempre irão lutar contra nós para tentarem manter o status quo, o poder em suas mãos frágeis. Resta-nos usar de todos os meios, de toda força e competência

para impedir isto. E, acredito, devemos atacar primeiro. Enquanto o inimigo dorme me berço esplêndido, não se importando com o mundo caótico que criou, só pensando no dinheiro e poder amealhado, não se importando com as mazelas que criou.

Enquanto ele regozija devemos bater, e bater forte, muito forte. Devemos eliminar quantos impuros conseguirmos num primeiro ataque para forçá-los a nos ouvir, a nos respeitar.

Após isto, e só após isto, irão sentar à mesa para negociar e, então, devemos exigir o que é nosso de direito!

Todos os povos puros, de todas as nações, devem se unir pois a luta não é apenas nossa. É de todos nós e, uma vez vencida, seremos unidos em prol de nosso mundo e sociedade. Juntos seremos imbatíveis.

E não se deixe levar pela conversa do inimigo. Ele tentará jogar irmão contra irmão. Ele semeará a discórdia. Ele perseguirá e prenderá irmão para jogar um contra o outro. Resista e lute de cabeça erguida, pois, o que é nosso não tardará a chegar e um mundo melhor para nós, nossos filhos e netos, se avizinha.

*

Na casa do Luthier nada chama a atenção. É um apartamento pequeno, espartano e bagunçado. Pelo que me descrevem parece-me um apartamento de alguém desorganizado e perturbado.

Em uma parede há um pôster nazista da Segunda Guerra Mundial. Em outra, cartazes do seu partido, o PPP. Um destes dizia:

***"Está infeliz com a invasão estrangeira?
Vote em nossos candidatos na próxima eleição".***

De volta ao laboratório, inicio meu trabalho de investigação digital a partir dos pen-drives e hds que encontramos nas duas residências.

Trabalho no que chamamos de *Digital Forensics*. É o processo de investigação digital que ocorre *off-line*. Ou seja, onde o investigado não está usando dos seus recursos tecnológicos. Como neste caso nosso investigado, Luthier, havia falecido, esta é a única forma de prosseguir.

O trabalho inicia-se com a coleta de dados. Etapa essencial onde, quanto mais informação me suprirem, mas matéria prima terei para analisar.

No laboratório da Polícia, tenho todos os recursos à minha disposição. Tecnológicos e humanos. Tenho à disposição um computador Lisa 12.500 x. É uma máquina de última geração dotada de Inteligência Artificial de segunda geração, memória infinita e redundante e tempo de processamento zero. Ou seja: tempo de processamento imediato!

Conecto-me à rede neural do Lisa 12.500x e agora posso comandá-lo por pensamentos, voz e tato. Às 13h22, começo a

minha pesquisa. Uso técnicas de rastreamento digital para recuperar arquivos deletados, saber por onde ele navegou e com quem ele se comunicou na uber rede.

Pela interpretação estatística destes dados consigo determinar a personalidade, caráter e seus prováveis próximos passos digitais do investigado. Mas no caso atual, não haveriam 'próximos passos'. Uso robôs para percorrer todas suas ações digitais das últimas semanas fazendo análise semântica dos seus atos.

Primeira descoberta importante: uma planta desativada do refrigerante Coca-cola nos arredores do Lago Turkana. Porque teriam uma planta desta fábrica?

Também descubro que eles se comunicaram com muita frequência com um grupo, na uber rede, intitulado Sociedade Gelaohui, ou Sociedade dos Irmãos com uma pessoa de nome Gong Lau. Mas toda vez que tento decifrar uma mensagem deles encontro uma barreira intransponível: está criptografado em 256 bits!

Todas as pesquisas sobre este grupo mostram-se infrutíferas. Charles solta um comunicado mundial para outras polícias informarem o que sabem deles. Recebemos retorno da Polícia Central da China dizendo que tem monitorado este grupo há cerca de oito meses em seu país.

Nos informam ser um grupo xenófobo, racista e defensor de limpeza étnica. Descobrimos algo!

Mas, no que esbarramos? Sociedades secretas sempre existiram desde o início dos tempos mas a Gelaohui deveria estar extinta a centenas de anos!

Não se sabe ao certo quando a Sociedade Gelaohui, ou Sociedade dos Irmãos, surgiu mas em meados do século XIX ela foi

muito ativa. Era xenófoba, anticatólica e participou de diversas revoltas sangrentas na tentativa de derrubar a dinastia Qing.

Aparentemente, havia ressurgido agora, em pleno século XXV e por mais incrível que parecesse tínhamos até agora mapeado ligações de um partido de extrema direita do Quênia, o PPP (Partido Pelo Povo) com este obscuro grupo.

Mas como um partido político se viu relacionado com uma seita que tinha códigos secretos, apertos de mão misteriosos, códigos de conduta, praticava atos criminosos e toda sorte de comportamentos exclusivos?

A Sociedade Gelaohui combateu a imigração na China, promoviam o ódio ao Ocidente, atacou missões e igrejas católicas. E o PPP parecia defender uma crença de superioridade do nativo “puro” do Quênia em contrapartida à imigrantes e miscigenados. Por mais estupefatos que estávamos tínhamos que aceitar que este fio de ligação – a xenofobia, racismo e preconceito – era o que conectava estes grupos tão díspares.

Era contra isto que lutávamos agora: grupos internacionais, ligados por um objetivo único, sórdido, de eliminar todos que eles acreditavam indignos da vida na Terra.

*

Terça-feira, 9h02. Reunimos o time todo no laboratório do QG. Charles quer informar a todos os achados até o momento e queremos saber dos andamentos da pesquisa do antígeno.

– Temos um antibiótico promissor sintetizado. Iremos iniciar os testes laboratoriais assim que esta reunião terminar. – informa

com otimismo a Dra. Leuvin.

A equipe da Dra. Leuvin conseguiu analisar com facilidade a bactéria *Legionella pneumophila*. Ela fora modificada geneticamente tornando-se resistente a cloro e mais mortal que originalmente. Mas, um antibiótico parece próximo agora. Depois, precisarão desenvolver uma nova forma de prevenção já que cloro não estava surtindo efeito e ferver toda água oferecida ao Quênia não parece uma opção válida.

Resta também o maior quebra-cabeças de todas: por que a bateria não estava matando mais pessoas? Sim, como uma bactéria introduzida no aquífero do país deveria atingir uma gama muito maior da população.

Interrompo para dizer que estamos lidando com grupos racistas que pregam a eugenia. E, que, encontramos artigos técnicos do Dr. Mugabi no PPP. Talvez estas informações façam algum sentido para o grupo da Dra. Leuvin.

Achamos também uma planta de uma antiga fábrica da Coca-cola, desativada, nas cercanias do aquífero. Acho que este é um grande candidato à fonte de introdução do patógeno na reserva de água.

- Iremos investigar isto hoje mesmo. – complementa Charles.

Enquanto saímos em direção à Turkana, novamente a equipe da Dra. Leuvin tem a nobre missão de testar o novo antibiótico e debruçar sobre as informações relativas à eugenia que jogamos em seus colos.

*

Estamos a caminho de Turkana novamente. Charles pede para homens do destacamento local irem até a fábrica mas espera por nos para proceder com a invasão. Serão mais de três horas até chegarmos lá. Se tivermos sorte, antes disto, teremos um retorno sobre o novo antibiótico que a equipe da Dra. Leuvin está testando.

Estamos finalmente na estrada vicinal que chegará à fábrica, recebo a aguardada chamada de Mirtes:

- Peter?

- Sim, Mirtes. Como foi o teste do antibiótico?

- A amostra foi danificada – conta-nos ela quase em estado de choque – perdemos o lote todo. Teremos que começar do zero.

- Como? Como isto aconteceu? - quase grito com ela.

- Não sabemos. Estávamos todos prontos para iniciar os testes. Estávamos somente eu, Dra. Kung e Dr. Mugabi e, quando efetivamente iríamos começar a inoculação dos antibióticos nos organismos simulados, percebemos que TODA a amostra de antibióticos estava contaminada, inutilizada.

- Como isto pode acontecer? Vocês não têm protocolos de segurança? Alguém entrou no laboratório?- pergunta Charles, gritando.

- Não, Sr. Charles. – responde Mirtes. – Acho muito estranho o que houve e até acredito em sabotagem. Aliás, só pode ter sido sabotagem. Mas, não sei como alguém teria entrado aqui e conseguido fazer isto.

Nisto, avistamos a fábrica da Coca-cola. Dois carros com homens da Polícia Federal já estão à porta nos aguardando. E...***bummmmmm***.

Uma grande explosão toma conta da fábrica!

Os dois carros e seus ocupantes são jogados longe.

O fogo toma instantaneamente as instalações. A fumaça que sobe é espessa, negra e deve ter pelo menos 30, 40 metros de altura.

Se houve alguma sabotagem no laboratório foi pela mesma pessoa que explodiu a fábrica.

Estamos chegando perto. Mas, quantas pessoas mais iriam morrer?

– Avisa ao grupo todo, Dr. Leuin, que estamos voltando. Quero interrogar a todos sem exceção. Alguém vazou a informação que iríamos à fábrica da Coca-cola e só pode ter saído do seu laboratório. – avisa Charles.

*

Quase oito horas após termos saído da reunião matinal com o grupo da Dra. Leuin, estávamos de volta ao mesmo laboratório. Agora, frustrados e com menos informações e avanços que esperávamos ter. O dia começara positivo: achávamos que teríamos finalmente um antibiótico e que descobriríamos mais algumas peças deste quebra-cabeças na antiga fábrica.

Mas, as vezes a vida é traiçoeira, estamos terminando o dia com mais mortes nas costas – mortes dos homens do Sr. Charles – e sem nosso precioso antibiótico.

O time está todo reunido: Dra. Lauvin, Dr. Chizoba, Dra. Jing, Dra. Elizabeth Pearl e Dr. Nikolaievitch.

- Onde está Dr. Mugabi? - pergunta Charles.

- Ele estava aqui agora mesmo. - afirma Dra. Elizabeth.

- Preciso de todos aqui agora! - insiste Charles.

Charles não era polido. Nem a situação permitia delicadezas em excesso. Ele havia acabado de perder quatro bons profissionais. Homens com família. Amigos seus.

Mirtes, Dr. Chizoba, Dr. Nikolaievitch saem à procura do Dr. Mugabi.

Mirtes pede aos faxineiros que também o procurem. Emite um chamado no intercomm do QG. Chamado que ecoa em todas as salas e andares.

Um por um, todos voltam ao laboratório de mãos vazias. Nada do Dr. Mugabi.

Até que...

- **Aiiiiii.**

Ouve-se um grito feminino, abafado, vindo do final do corredor. Todos correm em sua direção. Uma moça, uma das faxineiras, corre para fora de um banheiro feminino e soluça:

- Dr. Mugabi. Achei-o!

Dr. Mugabi está caído no chão do banheiro feminino. De bruços, sobre seu próprio vômito. Morto. Mais um morto para nossa contagem que não para de crescer.

EUGENIA

Então era isso. Eugenia. Tudo se resumia ao velho preconceito, racismo, xenofobia, travestido de uma nova, violenta e cruel forma de promover limpeza étnica por um pequeno grupo de seres humanos doentios, torpes.

O Mal estava adormecido mas, não tem jeito, passam-se décadas, passam-se séculos e ele ressurgiu. Protagonistas diferentes, desculpas diferentes. Mas sempre o mesmo Mal: matar pessoas em detrimento de outras.

Ao longo de nossa história gregos, celtas, povos indígenas e sociedades modernas eliminavam as pessoas deficientes, as malformadas ou as muito doentes. Eliminavam os deficientes. Eliminavam outros povos.

São muitas e muitas passagens de povos conquistando outros, impondo suas religiões ou etnia, escravizando ou massacrando os que consideravam diferentes. Como Genghis Kahn que no século XIII usou de violência sádica, torturas e massacres em massa para expandir seus domínios. Seus exércitos subjugaram outras etnias chinesas e de outros países como a Pérsia – impondo o domínio de seu povo, os mongóis, na maior extensão territorial que qualquer conquistador jamais conseguira: 20 milhões de km².

Ou o império Otomano dos Séculos XIII ao XV que era o Estado mais forte do mundo na época, englobando boa parte do Oriente Médio, do Leste Europeu e do norte da África e impondo sua religião – o islamismo – e seu modo de viver entre os povos conquistados. Cristãos foram conquistados, mortos, escravizados ou desprezados como cidadãos de segunda classe ou, simplesmente, expulso de seus territórios.

Tudo isto acabou resultando no movimento 'eugênico' que tornou-se especialmente forte no início do século XX.

Foi o antropólogo Francis Galton ([1822–1911](#)) que cunhou o termo eugenia definindo-o como: "o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente".

Apesar de tão controverso o conceito foi basilar para a criação da ideologia de "pureza racial". Galton abriu as portas científicas para justificar a seleção, segregação e mortes de pessoas diferentes em relação ao um grupo dominante. Se antes dele existiram muitos conquistadores que usaram da eugenia mesmo antes do termo ser cunhado – após eles, vários outros, em maior ou menor escala,

aproveitaram-se dos seus argumentos científicos para justificar a barbárie.

Adolf Hitler com a eugenia nazista foi um destes. O nazismo, de Adolf Hitler, foi uma ideologia política que dominou a Alemanha nas décadas de 1920 a 1940 e impôs suas crenças higienistas através da força conquistando inúmeros países da Europa e matando milhões de criminosos, degenerados, dissidentes, homossexuais, doentes mentais e judeus os tidos por eles como fracos, por considerá-los inferiores.

A eugenia nazista foi a política social e racial do governo onde acreditavam na superioridade de uma suposta raça ariana. A guerra que sucedeu a ascensão do nazismo levou 60 milhões de pessoas à morte.

E, agora, aflorava novamente através destes indivíduos que, com sua guerra bacteriológica pretendiam eliminar todos que eles não consideravam "puros". Todos que não tivessem uma descendência única.

Para entendermos este novo movimento eugênico temos que olhar os últimos 500 anos de movimentos sociais e demográficos. Marc Bloc[10] já dizia: *"para se entender o presente temos que olhar o passado"*. Durante quase todo o século vinte e vinte um houve intenso fluxo migratório principalmente para América do Norte e Europa Ocidental. O migrante, geralmente pobre, buscava uma chance melhor de vida. Um país onde tivesse melhor acesso à moradia, saúde, educação e emprego. Este fluxo gerava uma pressão adicional nos combatidos serviços públicos existentes à época. Mas, com todas as dificuldades, os Estados Unidos conseguiu lidar com estas pressões sociais com certa tranquilidade.

Provavelmente pelo DNA de sua nação, afinal o EUA foi fundado, criado por imigrantes. Eles não podiam simplesmente fechar as portas, negar um futuro para pessoas que, como seus antepassados buscavam uma vida nova melhor no Novo Continente.

Já na Europa foi diferente. De certa forma desacostumada a pressões migratórias não lidou bem com esta nova realidade. No final do século XX, a Europa se unificou em uma comunidade única. Eram, inicialmente, 28 países com uma mesma constituição, moeda e passaporte. Qualquer cidadão natural de um dos países do bloco poderia migrar e trabalhar em qualquer um dos países do bloco. Esta dinâmica foi relativamente bem administrada com facilidade. Porém, a qualidade de vida, a mobilidade entre países, o desemprego em alguns países e farto potencial de emprego em outros, criou um poderoso ímã para os mais necessitados, desempregados, desamparados oriundos de países pobres. Países árabes do Norte da África ou do Oriente médio começaram a fornecer imigrantes para a Europa.

Estes povos, na sua maioria muçulmanos, trazia, além das necessidades sociais como emprego, saúde, educação, alimentação, hábitos e cultura tão díspares da cultura cristã europeia. Foi apenas uma questão de anos para conflitos começarem a eclodir. Os nacionalistas pregavam que o imigrante, muçulmano estava roubando seus empregos. O imigrante defendida sua cultura e suplicava por oportunidades. Este caldeirão efervesceu e partidos políticos de direita começaram a ganhar eleições. Primeiro ganhavam apenas algumas cadeiras no legislativo. Depois, prefeituras. Finalmente, presidência de países. Em 2101, o partido de extrema direita *Aurora Dourada* ganhou as eleições majoritárias

na Grécia elegendo seu presidente. Foi a primeira vez que um líder de extrema direita assumia o maior posto político em um país da Europa desde Hitler. O que se viu a partir daí já era de se esperar. A Grécia fechou as portas para os imigrantes, cadastrou os que já residiam lá e começou a restringir seus direitos numa tentativa clara de influenciar estes para deixar o país. Aconteceram conflitos e em agosto de 2102 o congresso Nacional do país aprovou uma nova lei marcial que deportava qualquer imigrante que cometesse um crime – por menor que fosse.

Após isto, foi uma reação em cadeia: a Suécia seguiu a Grécia criando uma série de leis rígidas contra imigrantes muçulmanos. A França, provavelmente o país que mais estava sofrendo com estas migrações, acompanhou. Também fechou as fronteiras para pessoas buscando refúgio em seu país. Depois foi a vez da Itália.

É claro que as imigrações ilegais não pararam. E, sendo ilegais, estes indivíduos eram tratados como criminosos: presos e deportados. Este turbilhão acabou levando a conflitos nas ruas dos países. Eram piquetes, protestos, quebradeira. Ao final do século XXII a onda xenófoba alcançou seu auge quando um político de extrema direita, Domenico Ippolito, assumiu como Primeiro Ministro da Itália e recrudescer as leis contra migrantes. Ele começou a deportar qualquer imigrante sem consideração com seus direitos. A Itália virou um caldeirão com protestos quase todo dia, mercados saqueados, ônibus queimados. A situação estava claramente saindo do controle.

Mas, aí, algo aconteceu: outros dirigentes perceberam o perigo que se avizinhava. A população da Itália também não desejava um novo *"Duce"* nas suas mãos. Em 2178, o Parlamento

Europeu conseguiu costurar uma lei de anistia para os imigrantes permitindo que eles permanecem no país que estavam como cidadãos mas também elaboraram uma lei mais rígida para quem quisesse imigrar dali para frente. Esta Carta pareceu agradar a todos e, por mais de 300 anos tivemos paz. Até agora.

Agora, quando olho para trás, principalmente para minha infância, com olhos diferentes, olhos inquisitivos, tenho a nítida percepção do preconceito e racismo que permeia o nosso dia a dia, às vezes como aparente inocência. São as brincadeiras, as provocações. É algo velado, não chamamos de preconceito mas, olhando no detalhe acho só traços do que poderia ser um preconceito enraizado. Lembro-me, por exemplo, do zelador da escola que falava em tom jocoso que "negros e mexicanos só serviam para emprego doméstico". Na época eu era muito pequeno para entender a dimensão deste tipo de comentário mas, hoje, percebo as raízes do que, ao escalar, alimentariam o ódio entre pessoas. Levaria e levou a guerras e agora a florava mais grave do que nunca. É verdade que a sociedade havia evoluído. Acho que à medida que os povos se miscigenavam, o preconceito diminuía. A tintura da pele das pessoas se diluía na sopa de nosso DNA. O preconceito tinha que diminuir, afinal as pessoas passaram a ser quase indistintas em suas origens, umas das outras. Até agora.

Antigamente, a muitos anos, bastava olhar a cor da pele, os traços faciais, e você saberia a origem deste ou destas pessoas mas, com a miscigenação fruto das migrações e integração entre países, esta percepção através de aspectos físicos ficou impossibilitada. Mas, com os estudos do Dr. Mugabi novamente conseguimos distinguir a

origem dos indivíduos. E, foi neste novo fato, neste novo recurso, que o preconceito se apoia para crescer.

Achávamos que estávamos a salvo dele, do preconceito, do racismo, do fascismo e da xenofobia. Mas, ao que tudo indica, nos enganamos pois o Mal sempre ressurgirá só que desta vez ele surgirá pior, mais maquiavélico, mais elaborado, mais sorrateiro. Desta vez, para descobri-lo, combatê-lo e acabar com ele precisamos de muito esforço e sorte. Principalmente, muita sorte.

*

Que história começávamos a desvendar – pensávamos Charles e eu. Uma bactéria inofensiva tornava-se mortal, matava alguns enquanto poupava outros, um partido xenófobo estava ligando a isto tudo de alguma maneira...Quanto ainda faltávamos descobrir?

Mas os ventos começaram a mudar. Quando a investigação lançou olhos sobre a fábrica desativa de refrigerante forçou os facínoras a agirem para apagar seus rastros. Com a destruição da mesma a contaminação do aquífero estava suspensa. Nairóbi não havia ainda saído das trevas mas poderia respirar. Em pouco tempo toda a água da cidade, e país, estaria própria para consumo. E, no QG da Mirtes a busca por uma prevenção e cura continuava a todo vapor – e com chances concretas de achar algo em poucos dias.

Quanto à nossa parte, investigativa, sinto que ainda estávamos no início do caminho. Descobrimos um partido político, o PPP, que incentiva o ódio racial, a xenofobia e que incitam um movimento novo chamado 'Genoismo'.

Descobrimos um geneticista renomado que de alguma forma estava ligado a este movimento. Que por algum motivo tirou a sua própria vida. E descobrimos uma estanha ligação deste partido com um obscuro e centenário grupo chinês chamado Gelaohui. Como estas peças todas se encaixavam nós ainda não sabíamos mas, iríamos descobrir. Rumamos para o PPP.

*

Chegamos apenas para descobrir que a mesma estava fechada. Ninguém atendia a porta. Como Charles ainda tinha um mandado de busca válido não teve vergonha de derrubar a porta imediatamente.

Encontramos tudo mais revirado do que deixamos. Documentos, não existiam mais. Na verdade, nada que nos sirva de dica sobre o que aconteceu aqui. Parece que encerraram as atividades e, provavelmente, iriam submergir na sociedade. Charles decide emitir uma ordem de vigilância para Valker Kipsang. Para o caso dele tentar sair da cidade ou país.

Mas, é tarde demais. Uma vez que o nome de Kipsang é introduzido no Sistema Central da Polícia Federal do Quênia, qualquer movimento em público que ele faça, ou tenha feito recentemente, acenderá uma luz vermelha. O sistema rastreará ele por diversos mecanismos: se estiver em seu aero-carro, através de câmeras nas ruas monitorando o veículo. Se estiver transitando a pé, câmeras monitoram rostos – de todo mundo – e, ao identificar ele, nos alertariam. Se tentar sair da cidade em transporte público, terá

que colocar o olho para a identificação por íris. Saberíamos instantaneamente e ele seria retido.

Mas, ele já havia partido. Ontem, dia 27 de junho, logo após a explosão da fábrica, ele embarcara num voo para Xangai, China. Tenho a sensação de *Presque vu* – aquela sensação que de que algo irá acontecer.

*

Quase a mesmo tempo que ficamos sabendo da viagem súbita do Valker Kipsang a Xangai recebo um telefonema perturbador de Mirtes:

Peter?

Sim?

A Rede Mundial de Prevenção à Saúde Pública acaba de emitir um alerta: Estourou um surto de *Legionella pneumophila* em Xangai! Silêncio. Não era coincidência. Os documentos fazendo referência a esta tal de 'Gelaohui' e Gong Lau, Kipsang voando às pressas para Xangai, surto em Xangai. Tudo estava relacionado.

E, assim, meu destino estava selado: iria para Xangai na primeira oportunidade.

Tenho que ficar e terminar de localizar, prender e processar a quadrilha do PPP – avisa-me Charles.

Mirtes também ficará. Tem que trabalhar no antígeno e nas estratégias de prevenção à um novo surto. Penso, novamente, como o Mandarim me fará falta. Fez falta quando eu quis estudar medicina em Pequim, me faria falta agora.

PARTE TRÊS

***Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre,
não há homem nem mulher porque todos vós sois
um em Cristo Jesus.***

– Gálatas 3:28

ZANHE (上海)

Chego a Xangai em meio a relatos de milhares de mortes. O governo local foi rápido em perceber que a pandemia que se instalava não era obra do acaso muito em função do que estava acontecendo em Nairóbi. Apesar dos relatos de mortes ainda estarem crescendo exponencialmente era muito provável que conseguiria frear a progressão da crise, pois já sabia que a contaminação era através da água. O fato de ser a segunda cidade impactada trazia este benefício: alguém já havia sofrido antes e aprendido com seus erros.

As autoridades locais já haviam soltado comunicados em todas as mídias para que a população só consumisse água fervida. Também estavam debruçados sobre os dois reservatórios de água – do rio Huangpu e do rio Yangtze – para tentar descobrir a fonte da contaminação. Os hospitais estavam prontos para receber os infectados – que seriam dezenas de milhares no mínimo. O país estava pronto. Pronto o melhor que podia para uma crise tão dramática que chegava tão rapidamente e com tamanha força.

Chego num dia de calor excruciante em Xangai. A maior cidade da República Democrática da China, com mais de 60 milhões de habitantes. É uma das mais modernas metrópoles do mundo,

banhada pelo Oceano Pacífico e cortada pelo Rio Huangpu é uma cidade linda.

Xangai fora uma vila com a economia baseada na pesca. Este tempo há muitos e muitos séculos se foi, mas alguns hábitos estão enraizados nos moradores como o consumo de peixe e a indústria têxtil – que é uma das maiores do mundo. Hoje é o maior hub industrial do mundo, sede das 500 maiores empresas e qualquer tragédia em Xangai impactaria a economia e vidas pelo globo..

Vou direto à sede da polícia local onde devo conhecer o homem com quem irei trabalhar: Sr. Chow Li.

Chow Li é um homem jovem. É a sexta geração de uma família de homens da lei. Ele foi condecorado quando conseguiu desbaratar uma gangue de narcotraficantes local. Acha que a lei é para todos e é conhecido pelos seus colegas como um homem impiedoso com quem vai contra ela.

Chow Li se considera apolítico, mas sua família é ativa do Partido Comunista Chinês. Orgulha-se muito do seu passado maoísta e mostra-me orgulhoso uma foto na sua mesa com seu avô e o tataraneto do Mao em um congresso do partido.

- Peter, prazer em conhecê-lo, finalmente. Fez boa viagem? – indaga Chow.

- Já estávamos em comunicação constante desde que eu e Charles descobrimos ligações do PPP com os Gelaohui.

- Fiz ótima viagem, obrigado. O que você conseguiu descobrir sobre os Gelaohui?

Vamos para a sala de reuniões onde Chow Li me mostra um quadro na parede.

- Acreditava-se que os Gelaohui estavam extintos desde meados do século 19. Eles pregavam a xenofobia radical. Defendiam a superioridade do povo chinês sobre todos os outros. Mas isso tudo você já sabe, certo?

- Certo. – respondi.

Ficamos muito surpresos com seu primeiro contato falando deles. – continua Chow Li – ninguém havia ouvido falar deles. Procurei registros históricos e somente quando achei um em uma investigação há cinco anos é que consegui evoluir na minha investigação. Prenderam um pequeno grupo de jovens que estava atacando estrangeiros nas ruas dos subúrbios de Xangai. Este grupo, de cinco ou seis pessoas, se não me engano, perseguia ocidentais e os agredia com socos, pontapés e pauladas. Seria apenas um caso corriqueiro de violência – contra estrangeiros mas corriqueira – e, assim foi tratado. Todos os meliantes foram fichados, processados e passaram uns dias presos.

- Mas qual a ligação deles com os Gelaohui? – perguntei.

- Então, como eu não achava nada sobre este grupo – já estava começando a crer que as informações que você tinha era uma cortina de fumaça – decidi começar a investigar somente crimes de ódio. Foi assim que esbarrei neste caso. Examinando as fichas dos meliantes mais detalhadamente, descobri algo que me saltou aos olhos: um dos meliantes tinha a inscrição 哥老會 na parte interna do pulso direito.

- O que quer dizer isto? – perguntei, achando que já saberia a resposta.

- Gelaohui! – responde meu amigo asiático.

Chow Li me conta que essa era a única informação concreta que conseguiu descobrir sobre o grupo: uma pequena tatuagem em um jovem preso há cinco anos. Nosso primeiro passo seria, portanto, visitar este jovem.

*

Procuramos Dahai Zhang em Puxi – último registro que a polícia tem dele. Nas ruas, a tarefa de achá-lo é mais fácil do que imaginávamos. Chow Li mostra a foto de Dahai para alguns pequenos traficantes nas ruelas do bairro e, provavelmente por pavor ao Chow Li, um deles rapidamente entrega o endereço de Dahai.

Achamos um prédio de tijolos velho, com muitas roupas penduradas nas janelas, portas descascadas, crianças brincando nas ruas. É uma comuna moderna, onde centenas de pessoas compartilham apartamentos minúsculos e mal cuidados. Aposto que a maioria dos moradores daqui vive de trabalho braçal ou é desempregada.

Batemos na porta 2A uma, duas, três vezes sem sucesso. Ninguém responde. Chow Li, impaciente, derruba a porta de onde parece ser a residência do Dahai. Três homens correm sem direção, tentando fugir pela única porta do apartamento mas, neste momento, Chow Li já está com a arma à mostra e ordena que todos sentem.

Dahai Zhang está sentado no sofá velho. O apartamento um pardieiro, um lixo completo. Na mesa, à frente do sofá, um narguilé. Dahai está tão entorpecido que nem oferece resistência.

– Dahai! – grita Chow Li – viemos aqui para saber dos Gelaohui!

Imediatamente, ele se endireita no sofá como se o efeito entorpecente passasse instantaneamente, mas não fala nada.

– FALA Dahai! Ou quer que eu leve você preso agora por tráfico de drogas?! – ameaça Chow Li, segurando-o pela gola da camisa.

– Não vendo drogas. Pelo que eu saiba, consumir não é crime. – finalmente responde Dahai.

– Sim, você está traficando. Você acha que sua palavra vale mais que a minha? vaticina Chow Li. – Fale sobre os Gelaohui. Onde encontrá-los? Assim deixaremos você em paz para continuar destruindo sua vida, com seus amiguinhos.

– Não sei de Gelaohui algum. Nem sei o que é isto. – resmungo Dahai.

Chow Li pega o braço do Dahai torcendo-o para dentro, virando seu pulso. Dahai faz uma careta e solta um gemido. A tatuagem aparece.

– Que PORRA é esta então! – grita meu novo amigo policial.

– Fiz isto de farra! Não sei o que é, nem o que quer dizer. – insiste Dahai.

É nítido que Dahai Zhang não irá falar. Mesmo assim, e talvez com um fio de esperança, Chow Li o algema e o leva para a delegacia. Ele é fichado por porte de narcóticos e resistência à prisão. Sabemos que não ficará preso, mas a estratégia é tentar fazê-lo falar, ganhar tempo para grampear seu telefone e, também, assustá-lo de forma que talvez faça contato com algum membro da seita secreta.

Na delegacia nada muda. Dahai não abre o bico e pede por um defensor público. Em menos de 24 horas, ele ganhará as ruas novamente. Apesar disto, a equipe técnica da polícia local consegue grampear seu telefone residencial. Agora, é só esperar para ver se algo cai na rede.

*

Aproveito para, finalmente, me recolher ao hotel, me refrescar e descansar um pouco. Existem estruturas mais elevadas que o Hotel Sky Heaven. Existem hotéis nas nuvens, por exemplo, que ficam sempre flutuando, ancorados em algum ponto da terra. Mas como sempre fui uma pessoa 'pé no chão' fico o mais próximo da terra possível. Sim, prefiro hotéis no estilo antigo: bem fincados no chão. Minha estada em Xangai já se mostrou eletrizante, cansativa. Aproveito estas breves horas de sono pois não acredito que terei muitos outros.

O telefone parece gritar para me acordar!

Do outro lado, Chow Li.

– Ele mordeu a isca!

Mal Dahai Zhang chegou em casa e ligou para alguém. Não usou nomes. Apenas disse: "*a polícia está perguntando por vocês*" e seu interlocutor havia respondido para ele calar a boca e ir para o lugar de sempre.

Chow Li me pega no hotel e seguimos para um local indicado pelos seus homens. Eles estavam acampados em Puxi aguardando Dahai sair de casa. Seguiram-no por toda a cidade até um armazém velho em um antigo e desativado cais. Dahai está no

armazém e se encontra com alguém. Não sabemos se é apenas um ou um grupo de pessoas. Não sabemos nem se estão armados mas, uma coisa sabemos: são Gelaohui.

O armazém é uma estrutura portentosa. Deve ter 24 metros de altura, centenas de janelas, a maioria quebrada. Os homens de Chow dizem que Dahai entrou pelo portão principal, que agora está fechado. Vamos tentar uma entrada lateral.

O ambiente está escuro – sem iluminação artificial alguma. Só vemos um pouco melhor onde a luz do sol consegue entrar – o que não é muito no dia nublado e chuvoso de hoje. Mas, percorremos poucos metros dentro do armazém até ouvirmos vozes. Meu companheiro policial achou melhor somente nós dois entrarmos para não fazermos muito barulho, enquanto seus homens continuam guardando a porta.

Por entre algumas divisórias quebradas vemos homens juntos, em pé, conversando. Chow Li discerne algumas poucas palavras: estão furiosos com Dahai por ter chamado atenção sobre eles. Falam de *“o plano está em risco”* e *“que a hora é agora”*.

Vemos apenas dois homens discutindo fervorosamente com Dahai. De repente, sem aviso, um dos homens saca uma pistola e atira nele. Sua cabeça explode! Sangue e restos do crânio e cérebro se espalham por três, quatro metros. Acho que neste momento, eu piso em falso e ouvimos um barulho metálico. Os dois homens viram em nossa direção, gritam algo e começam a atirar. Pulo no chão enquanto Chow Li rola a uma distância segura de mim. Vejo ele descarregar sua arma na direção dos membros da seita forçando-os a correr.

Chow Li joga uma pistola para mim. É uma Smith & Wesson Pacifier III, que descarrega 28 balins por segundo através do percursor eletromagnético. Tem um pente de 380 e, se eu mantiver o botão do gatilho apertado, ela descarrega todas em sequência. "A pistola para tempos de paz", diz a propaganda da S&W. Ela não mata o oponente, "apenas" consegue incapacitá-lo. Duvido.

– Atiraaaa! – grita Chow li.

Nunca atirei na vida. Tremendo mais do que imaginava, aperto o botão de disparo: zzz, zzz, zzz. Quase sem barulho. Sem coice, vários balins voam em direção aos membros do Gelaohui que nos encurralaram na fábrica desativada de computadores em Xangai.

Chow Li me puxa pelo braço, subimos um lance de escadas e passamos por uma porta. Ouço atrás de mim o zumbido de balas e balins. Ouço o impacto deles nas paredes de metal. Meu coração parece que vai explodir!

Atravessamos três portas, acho. Chow Li atravessa o salão e desce pela escada de ferro até um pátio. Dou de cara com um homem apontando uma mini submetralhadora para mim.

Sem pensar, viro a S&W em sua direção e aperto o botão sem largar. Zzz, zzz, zzz balins após balins impactam o sujeito antes que ele consiga disparar sua arma em mim direção. Ele cai, dedo no gatilho, disparando contra a parede, o chão, todos os lugares.

Ele cai sobre mim. Imóvel. Matei um homem. Matei pela primeira vez.

–Venha!– grita Chow li.

Não há tempo para perder. Pelo menos outros quatro homens nos procuram para nos matar.

Empurro-o de cima de mim. Estou coberto em sangue. O homem tem dezenas de perfurações, talvez centenas, feitas pelos balins. O sangue escorre pra cima de mim. Parece que me banhei nele.

Sem tempo para me examinar os ferimentos, atravesso o salão em direção à mesma escada que Chow Li havia percorrido. Um, dois, três longos segundos se passam até eu alcançá-la. Ouço tiros em minha direção novamente! Vejo de onde vem e tento me defender de alguma forma mas, só tenho tempo de, instintivamente e inutilmente, levantar a mão esquerda como se tentasse me proteger. Sou atingido por uma rachada de balins!

Minha mão esquerda recebe a carga quase completa. Mal percebo meu dedo mindinho sumir no impacto. O sangue respinga no meu rosto quando outra carga de balins atinge meu abdômen, do lado esquerdo do corpo. Caio rodopiando sobre as escadas. Aquelas que meu amigo havia decido segundos atrás, são e salvo.

Rolo os degraus sem controle algum, são 20 lances de escada, estou rolando em meu próprio sangue e a velocidade só parece aumentar.

Termino o lance de escada sobre meu braço direito. Quase ouço o estalo do rádio e ulna quebrando. Sinto uma dor lancinante. Minha cabeça bate no chão e quica duas vezes. Só consigo pensar que minha vida chegara ao fim: alguém me alcançaria e terminaria o serviço.

Ato contínuo. Ouço tiros vindos de baixo, próximos a mim. É Chow Li revidando quem quer que fosse, que atirava de cima.

*

Acordo grogue numa sala branca muito, muito iluminada. A luz está enevoada e vejo pessoas de branco ao meu redor. Onde estava? Havia 'subido' ? Estava entrando no Reino do Céu ? Ouço alguém dizer.

– Aumente o estímulo neuronal. Ele está recuperando sua consciência, mas preciso de mais 15 minutos ao menos.

Apaguei novamente.

Quando acordo de vez percebo que estou em um hospital. No último instante, Chow Li conseguiu me puxar do pé da escada, me trazer para o hospital em nosso aerocarro. O *First American Bethesda Hospital* é um hospital criado e mantido por conterrâneos meus em plena Xangai. Não sei se era uma preocupação legítima dele mas, de qualquer forma, era bom porque eu poderia me comunicar mais facilmente com a equipe médica.

Dr. Jack Burroughs está de pé, ao lado da minha cama. Saúda-me com um alegre "Bom dia Peter! Rapaz de sorte você!"

Murmuro um bom dia e pergunto o que houve, se era grave e se eu sobreviveria.

Ele ri.

– Claro, meu jovem. Parece que você levou dois tiros certos. No primeiro, você teve seu dedinho mindinho, da mão esquerda, obliterado além de ter o dedo anular, da mesma mão, decepado na segunda falange. No segundo tiro – continua ele – você recebeu uma carga de balins no abdômen. Mas não houve prejuízo de nenhum órgão interno.

– Só isso? Lembro-me de achar que havia quebrado o braço.

– Sim, sim, Quebrou o braço direito. O rádio e a ulna.

– E como isto tudo pode ser 'sorte' ? - resmungo para o Dr. Burroughs.

– Acontece que tudo que você teve é facilmente 'consertado'. Tanto que você já está em franca recuperação.

A medicina é uma das grandes vantagens de se viver no século 26. Dr. Burroughs me explica alguns dos procedimentos adotados no meu caso.

– No caso dos balins foi só me colocar em uma 'mesa eletromagnética'. Esta traquitana gigante puxou os balins para fora do meu corpo. Depois, lasers e antibióticos fariam o serviço de fechar os buracos e impedir infecções. – conta o Dr. Burroughs em detalhes.

– No caso dos dedinhos, a solução é ainda mais criativa: cultivamos dois dedos novinhos para você – com seu próprio material genético – e implantamos nos devidos lugares. A única coisa engraçada é que "enquanto você é um *velhaco* os seus dedinhos novos são de recém nascidos. – ele gargalha.

Ótimo. Meu médico é um piadista.

– Agora – finaliza ele – é só se recuperar e fazer fisioterapia para os dedinhos. Acho que em uma semana você poderá deixar o hospital.

Penso: será que posso esperar uma semana? Acho que não.

Chow Li entra no quarto com um sorriso no rosto. Nestes últimos dias juntos, acabamos cultivando uma certa amizade. Momentos intensos e de superação sempre unem as pessoas.

– Primeiramente, deixe-me agradecer-lo por ter me defendido e trazido para cá.

– Não precisa Peter, não fiz nada que você não faria e nada que não fizesse com outro companheiro. Como você está se sentido?

– Acho que bem. Ainda entendendo a minha situação. Preciso falar com a Mirtes. Me empresta o seu biocomm?

*

Estamos sempre conectados. Conectados em rede a todo mundo e a todo repositório de conhecimento através do 'biocomm'. Claro que não estamos o tempo todo. Temos que carregar o aparelho conosco. Eu, por exemplo, estou sem o meu já que quase passei desta para melhor, e estou acordando de uma mesa cirúrgica.

O biocomm parece um adesivo do tamanho de um pequeno cartão. É autocolante e o usuário o prende onde desejar: na sua roupa, pasta, corpo. Eu sempre carrego no bolso mesmo. Acho menos obstrutivo assim, mas, tem quem cole no corpo.

Por sorte, o Chow Li carrega junto ao coldre.. Se ele mesmo fizesse a ligação não precisaria me entregar. O biocomm usa a voltagem do corpo humano como bateria eterna e irradia ondas de rádio – para comunicação – também através da gente. Nos tornamos antenas vivas, quem diria!

Cada ser humano é uma antena. Minha mensagem vai pingando em cada antena viva até chegar ao seu destinatário. Ao chegar ele atenderá com um comando de voz e conversaremos normalmente, como se estivéssemos lado a lado. O som da minha voz é capturado pela vibração do meu corpo – e transmitida. E o som que recebo do meu interlocutor é transmitida diretamente pela

pele para ramificações nervosas que a leva ao centro da audição no cérebro. É simples e funcional.

*

Ligo para Mirtes. Ela está no QG de Nairóbi ainda pesquisando antígenos para a super bactéria.

– Querida?

– Olá, Peter! Estava preocupada. Não converso com você há dois dias. Aconteceu alguma coisa?

Tento não alarmá-la

– Estou bem agora. Estou no *First American Bethesda Hospital* mas, garanto que estou cem por cento.

- Como? No hospital? O que houve? Não me enrole!

Acho que não consegui não alarmá-la.

- Nada demais querida, estou bem. Só queria tranquilizá-la.

Quando estiver no hotel falamos com mais calma – continuo.

- Quero saber o que houve! - exige Mirtes.

– Persequimos uns membros da Gelaohui e eu me feri. Mas estou bem.

- E quando será isto? Quando vai voltar par ao hotel?

– Hoje ainda. – menti.

– Ok, quero que você tome mais cuidado, querido.

– Pode deixar, Mirtes. E a sua pesquisa, novidades?

– Sim. Não sabíamos como uma bactéria tão frágil havia se tornado tão resistente ao cloro e se tornado tão mortal. Agora já sabemos: a *legionella* foi incorporada geneticamente a outra bactéria, a *streptococcus* tornando-se resistente à fagocitose[11].

Ainda não sabemos como ela se tornou mais resistente ao cloro e não temos, ainda, ideia alguma de como funciona o mecanismo de seletividade. Ou seja, por que ela mata algumas pessoas e não outras. Mas estou bem otimista com nossos avanços. – explica Mirtes.

Despeço-me, com mais otimismo. A equipe de minha esposa conseguiu grandes avanço em pouco tempo. Prometo-lhe que vou me cuidar e fazer contato todos os dias apesar de não saber se conseguirei cumprir a promessa.

– Chow Li, alguma novidade? Conseguiu prender alguém da Gelaohui?

– Não, meu amigo. Após trazê-lo ao hospital voltei com um time da polícia local ao depósito, mas os dois indivíduos que havíamos atingidos não estavam mais lá. Haviam resgatado seus corpos!

– Preciso sair daqui para continuarmos nossa busca. – aviso ao Chow Li.

– Mas, você ouviu o Dr. Você tem que ficar aqui uma semana ao menos.

– Impossível, Chow Li, vamos embora hoje à noite. E você vai me tirar daqui.

Chow Li fizera como combinamos e conseguiu furtar uma roupa de médico do almoxarifado do hospital. Deixou-a jogada, escondida, embaixo de minha maca. Às duas da manhã,, quando o movimento era de apenas alguns enfermeiros e enfermeiras, vesti-me de médico e caminhei para o elevador de serviço. Ele só abria com uma chave especial – que só os funcionários tinham. Mas, meu

amigo Chow Li era um policial diligente e também havia conseguido uma cópia para mim.

Tranquilamente, sem levantar suspeitas, percorri o corredor escuro até o elevador de serviço, coloquei a chave e chamei-o ao 3º andar. Desci até o subsolo onde ele parou na cozinha do hospital. Havia pouca iluminação e algumas pessoas trabalhavam nas refeições para os mais de 200 profissionais que atendiam ao hospital e seus 780 pacientes. Apressei o passo, cabisbaixo, sem olhar para os lados. Acho que ouvi alguém dar uma 'boa noite', mas achei melhor ignorar.

Alcansei a rua e do outro lado avistei um aero carro com uma leve iluminação azul no seu interior. Era o carro do Chow Li ligado.

Entrei discretamente e fomos para meu hotel. Precisava descansar e me preparar espiritualmente ao menos – porque fisicamente eu não estaria pronto mesmo – para os dias seguintes. Nosso trabalho ainda estava no início.

Tomei talvez o banho mais demorado de minha vida. Deixei a água do chuveiro escorrer como se quisesse lavar a alma. Queria tirar aquela imagem de sangue respingando em mim. Queria apagar a imagem do homem que tive que matar.

Sai do chuveiro envolto em uma toalha grossa de algodão muito branco. Sentei-me numa poltrona, na janela do meu quarto no andar 318 do Hotel Sky Heaven, observando o céu cinza da poluição da maior cidade industrial do mundo.

Xangai é uma cidade plana e do meu quarto, em dia claro sem poluição, é possível avistar 20 km à frente. Mas hoje não. Hoje só vejo poucos prédios à frente. Mal identifico o Rio Yangtze à minha

esquerda. Mal vejo os helicópteros indo e vindo. Penso em todas as vezes que vim a Xangai para reuniões do Conselho. Em nenhuma delas fiquei coberto em sangue de outro homem. Homem este que – Deus me perdoe – eu tive que matar. Adormeço.

*

O homem encapuzado se aproxima de mim. Não consigo ver seu rosto mas vejo os olhos brilhando. Parecem avermelhados. Ele se move sem andar. É como se flutuasse. O ar ficou denso, grosso. Mal consigo respirar. Não ouço nada. É como se o som deixasse de existir.

O céu está negro. Não está negro como a noite. Está negro como se as estrelas não existissem. O homem encapuzado flutua lentamente em minha direção. Tento levantar da poltrona, mas parece que carrego o peso de cem homens. Faço força, me contraio, empurro com os braços. O suor corre pela minha testa. Solto um urro mas...nada.

Agora ouço sons. São gritos ao longe. Mas, não são gritos de sustos. São gritos de dor. Dor de quem está queimando. Dor insuportável. Dor interminável.

Caronte está sobre mim. Apresenta um cajado. Estica a mão esquerda, sem pele, só feridas purulentas e ossos. Sinto o fedor de enxofre e de pus. Com a mão espalmada para cima, dobra os dedos em sua direção, me chamando para ir contigo.

Uma força começa a me puxar em sua direção, mas, agora, ao invés de tentar levantar, tento me segurar na poltrona. Num

último esforço, com um grito arrancado do fundo dos meus pulmões, acordo!

Ensopado. Pareço ter saído de uma sauna. Exausto. Mais que antes. Preciso dormir. Só consigo pensar nisto. Preciso dormir. Mas minha mente começa a vagar. Começo a questionar o que estou fazendo e se deveria estar aqui. Não é minha realidade – penso. Finalmente adormeço.

*

São cinco da manhã. Estou com insônia. Por um instante olho à volta e não reconheço onde estou. Tomo um banho quente e demorado. Ao sair, vejo uma inscrição à mão no espelho sob a pia. Nele está escrito uma única palavra: “Gelaohui”. Num átimo, vem tudo à minha mente: as mortes em Nairóbi, Dr. Mugabi, a emboscada no armazém. Agradeço a minha mania de anotar lembretes para mim mesmo em qualquer lugar disponível, espelhos de banheiro sendo minha preferência.

Um telefonema me tira do quase transe.. São 6h30 e Chow Li me chama do outro lado da linha:

– Peter, acorde. Tenho novidades. – me diz com um inglês quase perfeito.

– Oi, Chow Li. O que houve?

– Descobri o paradeiro dos Gelaohui. Nós vamos fazer uma pequena viagem aos subterrâneos da cidade.

– Como assim? – pergunto.

– Já ouviu falar dos Metrovinos? – questiona meu amigo.

Eu já havia ouvido falar. Um povo obscuro, discreto, diferente. As histórias pareciam quase como lendas.

– Sim, claro. – respondo sonolento – Confesso que achava que era uma lenda urbana.

– Não, são verdadeiros. Eles existem e eu já até conheci um cidadão deste grupo. Meus homens prenderam um vagabundo ontem que após alguns `incentivos' disse que ouviu falar que os Gelaohui estavam de volta sob proteção dos Metrovinos.

METROVINOS

Acaçada por Valker Kipsang e Gong Lau havia nos levado aos subterrâneos de Xangai. O metrô havia sido o maior do mundo com uma extensão total de quase 5 mil quilômetros, se estendendo além dos limites da cidade. Já foi o orgulho da cidade e a maior referência no gênero. Mas o grande terremoto de 2108 o destruiu, sem possibilidade de recuperação. Ainda assim, os resultados do terremoto, de escala 8,1 , foram considerados até brandos. As edificações estavam bem preparadas, a população foi evacuada ou recolhida para plataformas aéreas. Com isso, foram, “apenas” 20.000 mortos. Uma migalha frente a uma tragédia destas numa megalópole que na época já tinha mais de 35 milhões de habitantes. Quando a terra cedeu, grande parte do metrô ficou soterrado. Outras ficaram submersas quando reservas subterrâneas de água romperam inundando-as.

A busca por sobreviventes foi a mais dramática possível. Na primeira semana, os bombeiros conseguiram retirar cerca de 270 pessoas dos escombros. Eram passageiros que estavam nos

primeiros pisos das estações. O acesso às plataformas de embarque – e aos túneis – demoraria muito mais.

Nas próximas cinco semanas, a prefeitura trabalhou em seis frentes diferentes. Escavando e retirando escombros e corpos. Aos poucos os sobreviventes diminuíram. E, a cada dia que se passava sabia-se que as chances de encontrar sobreviventes era cada vez menor. A última semana em que encontraram alguém vivo foi na sétima. Tiraram um homem, jovem, que havia ficado preso num bolsão da estação Dapuquiao. Mas, famílias clamavam para que as autoridades não cessassem as buscas. Muitas e muitas pessoas ainda estavam desaparecidas.

Cedendo aos protestos, a prefeitura deu continuidade as escavações. Especialistas achavam que seria impossível encontrar outros sobreviventes – passados quase dois meses. Mas, por mais três meses os trabalhos persistiram. E, infelizmente, em uma manhã de abril, os bombeiros conseguiram abrir caminho até a plataforma de Xintiandi para encontrar 732 mortos. A maioria por inanição e muitos por esmagamento. Foi a gota d'água. Os especialistas e a prefeitura decidiram que era impossível haver sobreviventes e que profanar a tumba, a última morada destes infelizes, seria uma ofensa maior do que a descoberta dos corpos.

Então, em 27 de abril de 2108, as autoridades lacraram o metrô de Xangai. Foi uma cerimônia triste, pesada, com muito choro e sofrimento. Mas, acreditou o povo Chinês que este seria o melhor para as almas aprisionadas por lá.

A bem da verdade, após o surgimento dos aero-transportes, os transportes subterrâneos perderem sentido. Afinal, acima do chão, no ar, existem quase infinitas vias imaginárias que se pode

demarcar, permitindo uma infinidade de aero-transportes levar centenas de milhares de pessoas aos seus destinos. Os metrô do mundo estavam caindo em desuso.

Mas, o que não se sabia é que o metrô, apesar de totalmente soterrado continha bolsões internos e que de fato existiam sobreviventes. Aprendeu-se depois que cerca de 3.000 pessoas sobreviveram em pontos diferentes. Estas pessoas tentaram em vão sair dos escombros. Mas, sem máquinas e ferramentas, não conseguiram transpassar as paredes e piso de concreto armado e sem meio de comunicação com o exterior para avisar que estavam vivos não conseguiram pedir para o resgate prosseguir.

Aos poucos, começaram a se adaptar a nova realidade. Começaram a se organizar para sobreviver. Criaram uma base de apoio na parte subterrânea da *Shanghai Railway Station* – a superfície estava inacessível. De lá, iniciaram a organização de uma nova sociedade.

Nos seis meses seguintes, tudo que fizeram foi sobreviver e tentar achar uma saída. Montavam times de quatro pessoas que exploravam os túneis em busca de uma saída. Outros ficavam para trás e organizavam a comida que conseguiam recuperar dos mercados e vendas das estações que ainda estavam acessíveis. Mas, semana após semanas, meses após meses, o desânimo crescia entre os sobreviventes.

Estavam vivendo no escuro, sem luz elétrica, com dificuldade para conseguir água e comida. Até a contagem do tempo era difícil. Alguém – não se lembram de quem – conseguiu recuperar o grande relógio que fica em exposição na *Shanghai Railway Station*. Ele era mecânico – à corda – e foi colocado num pedestal, na parte norte da

plataforma, para servir de guia para os cidadãos deste novo mundo. Passaram a contar as horas, determinar quando era dia e noite, contar os dias e semanas. Com o tempo, o Relógio Central – como veio a ser conhecido – tornou-se quase um objeto religioso, que deveria ser protegido a todo custo pois sem ele os sobreviventes nunca saberiam se era dia ou noite. Nem o quanto estavam envelhecendo neste lugar lúgubre.

Pouco depois destes primeiros seis meses de sobrevivência, os ânimos se esgotaram. Uma sensação crescente de abandono e incapacidade tomou conta desta sociedade em formação. Os mais religiosos, que haviam mergulhado na fé, agora se mostravam céticos e com medo. E, finalmente, tomaram a iniciativa de tentar reconstruir a vida neste local ou morreriam ali. A comida encontrada nos mercados estava acabando. A vida na escuridão, sem serviço médico, sem conforto, era inviável por muito mais tempo. Crianças já haviam nascido nestes ambientes – de mães que já estavam grávidas quando pegaram o metrô no fatídico dia do terremoto. Essas crianças precisavam de cuidados. Finalmente se conscientizaram que estavam sozinhos. Que precisariam se organizar se quisessem sobreviver.

Os anos se passaram e a população residente nos subterrâneos foi aumentando. Em menos de cinco anos, a partir das primeiras ocupações, já eram cerca de 10.000 habitantes. Todos ateus. Após aquele primeiro ano do terremoto – quando ainda tinham esperanças de conseguir sair do subsolo – passaram a desacreditar em um Deus misericordioso. Achavam que Ele havia os esquecidos para morrer e, portanto, decidiram esquecer Dele também.

Um grupo começou a se organizar em torno do Relógio Central e passaram a venerá-lo mais do que o normal. Em pouco tempo, havia cultos, hinos e rezas para este símbolo. Símbolo da sobrevivência deles.

Agora, para conseguir sobreviver com a mínima qualidade de vida, estes esquecidos tiveram que reaprender a construir uma civilização. Dos restos que encontraram nos mercados conseguiram fazer algumas plantações – especialmente de cogumelos e raízes – e a alimentação deles passou a ser 100% vegetal. Como havia água corrente no subsolo, destes córregos improvisados tiravam água para todas as necessidades e, tão importante quanto, adaptaram um motor de uma locomotiva, acoplado a uma roda, para gerar energia elétrica. Inicialmente, esta energia elétrica só servia para iluminar a vegetação para ajudá-los a cultivar alimento para sobreviver. Com o tempo, expandiram as ramificações de fornecimentos de energia elétrica e passaram a iluminar as plataformas das estações.

Esta nova ordem, que estava se formando nas barbas da sociedade organizada da superfície, começou a se formar e estabelecer regras próprias. Aboliram as relações familiares tradicionais, de homem e mulher, e passaram a praticar o poliamor. Homens e mulheres poderiam, e deveriam, se relacionar com mais de uma pessoa simultaneamente. Este comportamento nasceu como uma estratégia para crescimento de sua comunidade. E, através dos anos e das décadas, funcionou.

Cerca de 80 anos depois do Grande Terremoto, descendentes dos cidadãos presos nos subterrâneos conseguiram pressionar o governo de Xangai em busca de corpos.

Começaram as escavações pela estação Xangai South mas, assim que conseguiram atravessar a massa de concreto e aço retorcido, os bombeiros foram recebidos sob ataque. Surpreendidos, pois esperavam encontrar somente corpos - não estavam armados - duas dúzias deles sucumbiram aos ferimentos feitos por armas primitivas como lanças e flechas.

As autoridades comunicaram que encontraram pessoas no subsolo mas que eram agressivas e não queriam ser resgatadas. Mas, concluíram os antropologistas e sociólogos da época que ninguém poderia viver nas condições que eles viviam. Não tinham luz do sol, não tinha acesso aos serviços públicos básicos. E, estavam construindo uma nova sociedade e elaborando suas próprias regras. Isto apavorou os políticos. Uma força social estava se desenvolvendo e ninguém tinha ingerência sobre ela. Então, em novembro de 2189, houve uma grande invasão perpetrada pelo governo de Xangai. Um batalhão da polícia e bombeiros invadiram a estação. O resultado foi o pior possível. Este episódio até hoje é contado nas escolas como o *Massacre dos Metrovinos*. Estima-se que até metade da sua população na época, cerca de 30.000 pessoas, morreram defendendo o que acreditavam ser sua terra e sua propriedade, seu estilo de vida e sua opção. Do lado da polícia, mais de 3,5 mil morreram. Por pressão dos organismos internacionais, e por perceber que o massacre não teria fim, o governo recuou.

E, no dia 5 de Janeiro de 2190, foi assinada a *Carta Major Metrovinos-Xangai* que concedia, em definitivo, o direito à propriedade subterrânea de todo complexo que um dia fora o metrô

de Xangai. Esta mesma carta reconhecia os Metrovinos como comunidade. E ao fazer isto os inseria novamente na sociedade.

Antropologistas, sociólogos e organizações de defesa das liberdades e direitos humanos festejaram achando que a Carta traria o grupo de volta ao convívio social. Mas, o que se viu a partir daí foi mais inquietante, mais estranho ainda. Eles, os Metrovinos, exigiram que a entrada do metrô fosse lacrada novamente e, assim, submergiram nos subterrâneos de seu recente conquistado território.

Ficaram, incomunicáveis por mais 300 anos. Muitas e muitas tentativas de contato foram feitas, mas eles recusaram responder. Imaginou-se que haviam morrido. Imaginou-se que haviam decidido viver em isolamento total contra os 'da superfície' – como nos chamavam. Mas, a verdade, ninguém sabia ao certo.

*

Jay Yeoh era um garoto de 10 anos de idade. Tinha um cachorro vira lata de nome Bug que o acompanhava a todo lugar. Era seu amigo nesta terra inóspita, seu grande companheiro. Em 12 de julho de 2490, Bug correu pela linha dois do metrô – como sempre fazia – procurando brincar com Jay. Mas, desta vez, Bug foi além do costume e forçou o garoto a uma incursão atrás dele. Para uma criança, era terminantemente proibido entrar nos túneis desacompanhado. Para adultos, as regras eram claras: os motivos da incursão deveriam ser informados com antecedência. O grupo a entrar não podia ser menos de três e, mesmo assim, a partir de certo ponto a entrada era simplesmente proibida. Eram continuações

de trilhos, de linhas, que já forma exploradas muitas e muitas vezes em anos anteriores e que guardavam apenas escombros.

Naquela manhã – que bem poderia ser uma tarde ou noite pois no subsolo não há luz do sol – Jay entrou sem avisar os adultos, sem pedir autorização e sozinho. Atrás de Bug.

Bug não parou quando Jay gritou por ele. Nem parou quando Jay caiu nos trilhos e ralou os joelhos. O cachorro parecia motivado. Nunca havia agido desta maneira, mas era como se tivesse que continuar. Anos mais tarde, surgiriam lendas como um cachorro enviado de Deus liderou os Metrovinos à luz novamente. Talvez fosse isso: Bug estava em uma missão.

Talvez tenha se passado 30 minutos, talvez mais, e Jay seguia Bug por buracos e reentrâncias nos escombros. Bug era cego – de nascença – como todos os cachorros nascidos neste ambiente inóspito. Mas parecia não precisar da visão para se locomover com rapidez pelos escombros do subsolo. E Jay seguia os latidos que Bug teimava em repetir sempre que seu amigo gritava seu nome. Só sabemos que, de repente, Jay ouviu outro som. Não era apenas os latidos do seu amigo. Era um sino.

O sino tocou onze vezes. Jay não contou, mas soube depois que foram onze. Cada badalada paralisava um pouco mais o garoto. Nunca havia ouvido este som, não sabia do que se tratava e de onde vinha. Mas, apesar do medo e apreensão, Jay sabia que não podia desistir até alcançar seu animalzinho. Ele continuou atrás do Bug, seguindo agora, também, o som do sino.

Nos subterrâneos, nesta parte pelo menos, não se enxerga nada. Por isto, Jay movimentava-se lentamente. Quase que exclusivamente no tato. Pisava em escombros com todo o cuidado.

Tinha medo de cortar o pé ou de cair em algum buraco e nunca mais ser achado. Mas, em algum momento do percurso, que não soube explicar, depois viu algo pela primeira vez na vida: a luz do sol.

A uns cinquenta metros à sua frente, no final de um corredor de escombros, havia uma pequena abertura, uns cinquenta centímetros de diâmetro, por onde passava a luz calma de um sol nublado. O coração do menino acelerou. Sentia uma lufada de vento e um cheiro que nunca havia sentido.

- *Buuuuuug.* – gritou

Ouviu latidos de longe. Vinham do outro lado do buraco.

Em 15 minutos, Jay alcançou a borda do buraco. A luz que entrava era forte demais para seus olhos acostumados à total escuridão. Mas, lá fora, ouvia Bug chamá-lo. Jay ficou sentado ali, atrás do buraco, esperando um pouco. Pensando no que fazer. Com os olhos semicerrados esticava o braço para onde o raio de sol penetrava os escombros e sentia o calor da nossa estrela maior. Adorava aquela sensação diferente.

Jay não tinha como sair. Aquela luz o cegaria. Seus pequenos olhos não estavam preparados para esta realidade e, assim, só poderia continuar sentado, sentindo o sol em sua pele e gritando pelo seu amigo.

Acho que após perceber em definitivo que ele não sairia por aquele buraco, Bug retornou e pulou no colo do amigo. Abraçaram-se e voltaram juntos para os escombros. Mas, agora estava marcado para sempre.

Jay não falou da sua experiência com sua mãe. Queria voltar lá, mas queria dar um jeito de sair. Queria ver o que havia do

outro lado. Um mundo destruído como muitos diziam? Um mundo de pobreza, guerras e peste? Ou um eldorado, a Terra Prometida como outros achavam. Seu coração pré-adolescente mal conseguia conter a ansiedade pela expectativa da próxima incursão ao buraco. Desta vez, ele iria preparado.

O dia seguinte de Jay foi dedicado a localizar um pedaço de filme escuro – daqueles que recobrem vidro. Tarefa cumprida com facilidade nos escombros perto de sua residência. Pegou um par de óculos – também escuros – que havia achado numa das suas muitas aventuras e envolveu-o com este filme achado. Assim, pensava que teria uma proteção reforçada contra aquele brilho que quase o cegou

Às 9h05 do dia seguinte, partiu com Bug para sua aventura. A aventura que mudaria a sua vida e a dos seus conterrâneos. Pediu que Bug o levasse pelo mesmo caminho. E, como dois dias antes, Bug parecia saber exatamente o que fazer. Desta vez seguiram juntos e mais rapidamente. De certa forma, já sabiam o caminho e o destino. Em determinado momento, chegando perto do buraco, Jay ouviu um badalar de sino. Só um. Ainda não sabia o que isto significava, mas sabia que o barulho vinha de fora e que estava perto.

Lá estava ele. O sol entrando por um buraco. Quarenta centímetros de diâmetro? Cinquenta? Jay sabia que conseguiria passar por ele afinal, era apenas um garoto magrinho. Bug atravessou correndo, num pulo só. Jay parou. Colocou os óculos escuros – agora reforçados com o filme preto – e calmamente e com medo começou a se puxar pelo buraco.

Bug latia lá de fora. O sol começava a esquentar sua pele. Sentiu o vento no rosto e um ar refrescante como nunca havia sentido antes. Atravessou por completo esta última etapa da viagem de olhos fechados. Usava os óculos, fechara os olhos e ainda colocava as mãos a proteger do sol. Aos poucos foi abrindo os olhos, com medo e com cuidado. Os óculos deram certo. O sol não machucava mais seus olhos e o que viu ficou marcado em sua retina: viu Bug correndo numa grama verde – nunca havia visto uma grama verde. Aliás, nunca havia visto cores naturais e vivas. As únicas cores que conhecia eram as pinturas desbotadas dos vagões do metrô.

Correu para Bug. Correu com Bug. Por longos dez minutos foram crianças.. Correndo e rolando na grama.

Jay deitou-se na grama e ouviu o sino recomeçar. Uma badalada por vez. Olhou em volta e finalmente viu de onde vinha o som: era o sino da torre da igreja de São José, Igreja da Diocese de Xangai. Para um povo ateu, uma igreja católica havia guiado-os até a saída dos subterrâneos. Nada mais seria como antes.

*

Jay não conseguiu, desta vez, não contar a novidade para sua mãe. Ele contou assim que voltou para casa. Sentia um misto de alegria, agitação. Usou palavras como: lindo, verde, ar puro.

As consequências desta descoberta do garoto Jay Yeoh foram as mais inesperadas. De certa forma, no seu coração infantil, ele imaginava que todos adorariam saber que “a superfície” não era devastada como eles acreditavam. Não era coberta de peste e

morte. Era na verdade um lugar lindo, com um cheiro fresco de grama, muitos espaços vazios. Que passava uma enorme sensação de liberdade. Mas a mãe de Jay ficou apavorada com a descoberta. Na verdade, ela não sabia que conclusão tirar dos comentários do filho. Ela só sabia que ele fez algo proibido: percorreu os túneis além dos limites permitidos e foi à superfície. Mesmo temendo alguma punição para o filho, ela sentiu-se compelida a chamar o líder de sua estação. Este, por sua vez, convocou o Conselho dos Metrovinos.

O Conselho se dividiu: alguns acharam a descoberta temerária. Poderia provocar uma debandada descontrolada de cidadãos do subterrâneo à superfície e, assim, acabar com o cuidadoso equilíbrio que eles conseguiram montar na sua sociedade.

Também acreditavam que se os "da superfície" soubessem que eles estavam vivos, em baixo da terra, poderiam invadir o local, tirá-los à força, impondo seu modo de vida .

Os membros mais novos simplesmente duvidaram do garoto. Achavam de fato que não haveria forma de sair do subsolo. Que na superfície só havia a peste e a morte – pois foi assim que sempre ouviram. Como seus pais e os pais dos seus pais poderiam estar errados?

Por fim, um pequeno grupo de conselheiros jovens votou pela exploração do caminho descoberto pelo garoto Jay. Votaram que um pequeno grupo saísse pelo buraco e se aventurasse na superfície e, que eventualmente, fizessem contato com o povo de cima.

Posso dizer que, pelo que soube, não foi uma sessão habitual do conselho esta que discutiu a descoberta de um garoto e seu cachorro. Discussões apaixonadas imperaram. Muito medo do desconhecido transpareceu. Muito medo de ter o seio de sua

sociedade transformado de forma indelével também imperou. E, apesar dos conselheiros mais jovens, os progressistas que existem em qualquer organização política, o conselho votou em lacrar a saída que Jay e Bug haviam descoberto e proibir terminantemente que qualquer um tentasse outra vez este contato com a superfície. E assim foi feito.

Certas coisas depois que acontecem, *quando o gato está fora da caixa*[\[12\]](#) , não têm volta. O garoto Jay nunca se esqueceria do que viu e vivenciou. Contaria repetidas vezes, ao longo das próximas décadas de vida, para todos que quisessem ouvir: viu um céu azul, uma grama verde. Sentiu o sol aquecer-lhe suavemente a pele. Sentiu o frescor do ar livre.

Os conselheiros mais jovens continuaram a falar, a discutir e a pensar se as histórias de seus antepassados, de que o povo de cima seria mau e que não queria contato algum com eles e de e que na superfície só haveria a peste e morte, seriam exageros.

Os questionamentos nas escolas só aumentaram ao longo dos anos. Afinal, a essência do ser humano é perguntar, indagar, investigar. Será que a coisa certa a fazer é ficar trancado no subsolo? Será que esta decisão – que serviu bem aos antepassados destes homens – é a correta para esta era?

A pressão pelo contato com o povo da superfície só aumentava. E, após 32 anos da aventura do garoto Jay e seu cão Bug, tudo mudou. De vez.

*

Mais exatamente em 18 de julho de 2522. Nesta data, finalmente fizemos o primeiro contato com os Metrovinos. Dois dias antes, o gabinete da polícia havia recebido um chamado em sua frequência exclusiva de rádio. Na verdade, em uma frequência que a pelo menos 200 anos não era mais usada. Mas, *hobbistas* entusiastas de tecnologia antiga, passavam horas se comunicando nestes rádios de baixa frequência. Na manhã do dia 16 de julho, um jovem ouviu uma voz de um homem pedindo contato. Ao se comunicar com ele, descobriu que o mesmo chamava dos subterrâneos da cidade. Em choque, o jovem chamou os pais que levaram o rádio imediatamente à Central Metropolitana de Polícia.

O Chefe da polícia assumiu os contatos, confirmou que era um sobrevivente dos subterrâneos e organizou tudo para o primeiro contato: contactou a Prefeitura e a imprensa, que divulgou a novidade. Reportagens da tragédia de três séculos atrás foram preparadas às pressas. Foi uma comoção indescritível. Era como se pracinhas voltassem da guerra. Os jornais saudavam a volta dos “filhos perdidos”. A expectativa de todos era tão grande que podia-se sentir no ar algo diferente.

Na data e hora marcadas, a polícia estabeleceu um perímetro de segurança. Mas, na hora que os Metrovinos saíram a sociedade ficou em choque. Não estávamos preparados para o que nos deparamos. Estes mais de 330 anos vivendo em condições ambientais diferentes das nossas haviam provocado mudanças nos *homo sapiens* que passamos a conhecer como Metrovinos. Primeiramente, como vivem em ambiente quase 100% escuro desenvolveram visão noturna aguçada – em troca de serem virtualmente cegos à luz do sol. Como não tiveram mais contato com

o sol, pararam de produzir melanina e, tornaram-se albinos. Como vivem num ambiente hostil, onde precisa-se de muita força física para se locomover e, por outro lado, muito esforço para subir, descer e entrar em espaços pequenos, suas musculaturas também mudaram. Se tornaram menores, mais delgados e flexíveis porém mais fortes que nós.

O cruzamento quase consanguíneo em massa que promoveram, junto com o comportamento do poliamor, garantiu que estes traços genéticos passassem numa velocidade quase sem precedente aos seus descendentes. Os Metrovinos eram tão diferente de nós, *homo sapiens*, como deviam ser os homens de Neandertal.

O primeiro contato se deu porque um homem chamado Tie Hao decidiu que a era de vivermos isolados uns dos outros tinha que chegar ao fim. Foi ele que mandou a mensagem via rádio que aquele jovem por sorte captou. Quando Tie Hao saiu da entrada Sudoestes, estação Xinzhuang todas as câmeras de TV apontavam para ele. A multidão aglomerada atrás da linha policial olhava agitada e curiosa. Os órgãos de Direitos Humanos, a imprensa internacional, até países mandaram seus cônsules à cerimônia. À porta da saída do metrô estava o prefeito Li Yin esperava-os com as chaves da cidade. Ao seu lado todo o gabinete – sete secretários - às 18h02, com o sol fraco ainda sumindo no horizonte. Uma leve cor laranja num céu de poucas nuvens, saem três homens. Todos de baixa estatura, 1,40 m, talvez 1,50 m. Todos usando óculos escuros e sobretudos cobrindo a totalidade dos seus corpos.

Colocam-se à frente da comitiva do prefeito, Tie Hao que aparenta ser o líder, estende a mão para um aperto. Percebe-se

uma mão branca, pálida, com dedos finos. O prefeito estende a dele e segue-se um aperto forte, demorado. O prefeito dá-lhes as boas vindas imediatamente.

Tie Hao abaixa o gorro do sobretudo e o que se vê, assusta a todos. Uma face branca, albina, sem cabelos nem pelos. Tatuagens tribais cobrem seu rosto. Não o rosto todo. São apenas traços pretos localizados: um acima de cada sobrancelha (ou onde deveria haver uma sobrancelha), dois maiores, verticais, descendo cada bochecha. Estes parecem a cruz invertida dos missionários católicos mas, com certeza, não deve ser a mesma coisa. Os lábios têm uma tatuagem curva, ondulada circundando a sua totalidade.

Os outros dois homens também abaixam os gorros. A mesma face albina, sem pelos, cílios, sobrancelhas, nada. Tem algumas tatuagens parecidas e outras diferentes de Tie Hao. Mas, ambos, têm os rostos cobertos pela tinta preta formando linhas e curvas, desenhos que lembram ideogramas modificados. Um deles tem uma caveira tatuada no meio da testa. Outro tem três linhas grossas que parecem setas em cada face.

*

Estatísticas atuais, não oficiais, estimam pelo menos 300.000 pessoas morando em pontos diferentes dos restos do metrô – que agora é considerada um bairro. Os anos seguintes serviram para integrar os Metrovinos à sociedade chinesa. Muitos deles trabalham agora na superfície e voltam ao subsolo, às suas famílias, para dormir.

Eles desenvolveram hospitais e escolas, mas agora podem usar as estruturas oferecidas pela prefeitura na superfície. De modo geral, preferem atividades noturnas para evitar possíveis danos do sol mas, quando precisam sair à luz do dia, o fazem com óculos escuros e com roupas que cobrem o corpo todo.

A prefeitura implantou o fornecimento de serviços públicos como água, eletricidade, telefonia, esgoto etc. No Conselho Municipal existem três Metrovinos e, portanto, agora eles têm representação política. Existem vários estudando em universidades na superfície e já temos pelo menos um juiz e três médicos.

A medicina é um capítulo à parte. Foi fascinante aprender como o corpo humano conseguiu mudar e se adaptar em tão poucos séculos. A biologia dos Metrovinos agora é estudada no mundo todo e eles têm, com absoluta certeza, atendimento médico eficaz e de qualidade.

Aliás, os governantes parecem ter um cuidado especial com este povo. É como se todos carregassem uma culpa. Como se a sociedade achasse que foi ela que empurrou-os ao subsolo e às transformações físicas que tiveram. Eu não penso assim. Acho que foi uma escolha dos seus antepassados – para descer aos túneis – e, depois, a outros antepassados para permanecer lá.

Talvez o mais surpreendente foi aprender sobre a evolução social deste povo. Em primeiro lugar, como estratégia para multiplicação, e por serem inicialmente um grupo pequeno, eles mudaram de uma sociedade onde espera-se uma relação monogâmica – com um casamento em geral ao longo de uma vida e um filho por casal – para relações polígamas. Todo Metrovino era estimulado a se relacionar com mais de um parceiro (ou parceira) e,

mesmo antes do casamento, era de se esperar que este casal tivesse filhos. Um cidadão do subsolo teria em média dois relacionamentos antes do casamento, onde teria pelo menos um filho em cada um destes. Depois do casamento, que deveria ocorrer o mais cedo possível (geralmente entre 18 e 22 anos) o casal deveria ter mais um ou dois filhos. Durante a vida juntos, era de se esperar que cada membro do casal se relacionasse com outras pessoas. Destas relações, surgiam novos casamentos formais e de cada novo casamento haveriam mais um ou dois filhos. Assim, ao término de uma vida reprodutiva um homem ou mulher teria, em média, cinco companheiros e uns dez filhos – sem contar os relacionamentos prévios ao casamento.

Esta característica curiosa moldou a instituição do casamento e das relações amorosas de uma forma *sui generis* e de difícil compreensão entre nós. O Metrovino considera o casamento a etapa mais sagrada da vida social deles, provavelmente porque dependeram durante muitos séculos deste instituto para sobreviver como grupo social. O ciúme entre casais – tão comum no mundo da superfície – inexistente. Na verdade, quando um membro do casal avisa ao outro que encontrou novo parceiro, ambos comemoram. O casamento em si – como evento social – deixou de existir já que ocorre inúmeras vezes com cada indivíduo que seria inviável comemorar todas às vezes. Porém, cada nascimento é celebrado com enorme alegria, festa e publicidade. Toda a sociedade metrovina comemora o nascimento de um filho, seja de quem for.

O fato de cada membro do casal ser considerado igual entre si – de não haver um só marido ou mulher de importância maior que o outro. O fato de toda criança ser celebrada ajuda explicar porque

não existem sistemas hierárquicos sólidos no ambiente deles. O governo, por exemplo, é realizado em conjunto por todas as Estações – através dos anciões – sem distinção de peso entre eles.

Os meios de produção são explorados igualmente por habitantes de cada estação. Não existe uma liderança administrativa – nem donos ou empresários. De certa forma podemos traçar um paralelo entre o sistema econômico que eles desenvolveram e as fadadas comunas do início do século 20.

*

Nossa busca por Valker Kipsang e Gong Lau nos trouxe até os subterrâneos porque descobrimos que os Gelaohui estão abrigados aqui. Exploramos esse ambiente para buscar os homens que estão por trás dos ataques bacteriológicos de Nairóbi e Xangai. É nos túneis, galerias e escombros do metrô que temos que encontrá-los. Se a informação que os homens de Chow Li obtiveram com um mendigo os membros desta seita estariam escondidos e protegidos aqui e não encontraríamos eles facilmente nem teríamos apoio da população local.

Confesso que de todas as viagens que fiz talvez esta tenha sido a mais estranha. Parecia que eu chegava em um outro mundo. Talvez, um outro planeta. À medida que descemos a estação Xangai South pelas escadas rolantes – desligadas eternamente – a luz enfraquecia. Quando finalmente chegamos no nível da plataforma, a iluminação era apenas uma penúmbra. Para não perturbar os moradores, levamos óculos de visão noturna ao invés de lanternas.

E assim, começamos a desvendar um mundo novo, estranho. Parecia saído de um livro de ficção científica.

Nas plataformas, descobrimos estruturas comerciais – como barracas de vendas de frutas e verduras. Parecia uma feira livre. Parecia que estávamos na idade média. Pessoas circulavam comprando e negociando. Todos paravam de falar quando chegávamos perto. Fitavam-nos com desconfiança. Apesar da aproximação com a sociedade acima, os Metrovinos ainda eram muito desconfiados quando alguém visitava seu habitat. A memória das tragédias passadas, simplesmente, parecia não ceder.

Claro, as crianças eram as mais curiosas. Viam logo ficar ao nosso lado, rindo e puxando nossas roupas até que um adulto as repreendesse e as chamasse de volta.

Paramos na primeira barraca e perguntamos a um senhor se conhecia os Gelaohui, Valker Kipsang ou Gong Lau. Ele não nos responde e vira o rosto.

Tentamos uma segunda pessoa que mexe a cabeça, freneticamente, para um lado e outro fazendo o gesto universal do 'não'.

Mas, na quinta tentativa, com um rapaz aparentemente jovem – são todos muito parecidos até porque são todos imberbes e muito brancos – também não nos responde. Ele corre em disparada para o interior dos túneis. Ele sabe algo!

*

Corremos atrás dele. É uma disputa inglória. Ele conhece os caminhos e buracos deste local, mas nós temos a motivação. Sabemos que ele pode ser nossa única chance de achar Kipsang e

Lau. Se ele souber de algo e avisá-los que estamos aqui poderá colocar tudo a perder. Eles poderão fugir novamente e submergir mais ainda.

O rapaz pula para os trilhos – ou para a pista que um dia continha trilhos e corre em direção ao interior do túnel. Seguimos na cola.

Quando ele pula de volta na plataforma, abre uma pequena porta e some, quase o perdemos. Não temos a agilidade dele, mas estou decidido a alcançá-lo.

Tropeço! Chow Li tenta me ajudar, mas mando ele continuar. Ele sobe a plataforma e passa pela mesma forma que o pequeno Metrovino passou. Assim que consigo me recompor, mesmo mancando, sigo.

Após a porta, percorro um longo e estreito corredor. Não parece ter fim e minha claustrofobia começa a cobrar pedágio. Tento respirar pausadamente, ritmadamente. Tenho que desacelerar senão vou hiperventilar. Porque tenho claustrofobia? Reclamo comigo mesmo.

Perco os dois de vista. Quando finalmente chego ao final do corredor, abre-se o acesso à outra pista do metro. Ouço barulho de metal batendo – uma porta, penso – à minha esquerda. Talvez uns 50 metros à frente.

Quando encontro esta porta, percebo uma grade sob o chão, dentro, barulho de água.

– Charles! – grita Chow Li.

– Olho pela grade e vejo-o dentro de uma câmara tentando boiar. Tentando se agarrar na grade. Engolindo água. Algo aconteceu e Chow Li caiu em alguma armadilha do fugitivo. Esta câmara de

água devia ser uma das muitas que líamos: inundadas por lençóis freáticos abaixo e que forneceram água para os Metrovinos sobreviverem por séculos e séculos.

Só que agora, esta câmara, iria matar meu amigo se eu não conseguisse tirá-lo de lá.

*

Dedos fracos ainda. O mindinho e anular da mão esquerda ainda estavam ruins. Eu precisava deles, precisava da força das duas mãos para abrir a porta. Eu não teria uma segunda 'Baleia' nas mãos.

Quando eu tinha oito anos ganhei um labrador. Era o animal mais lindo do mundo. Cor creme, clarinho. Divertido e sapeca. Ele era redondinho feito um bujão e comia de tudo, como se todo dia estivesse chegando do deserto onde havia passado fome. E por isto eu o chamava de 'Baleia'

Acontece que, num dos nossos passeios pelo deserto, no Arkansas, eu de bicicleta e ele correndo atrás de mim, sofremos um acidente. Caímos numa ribanceira que terminava às margens da baía Spencer. Minha bicicleta ficou destruída e eu fiquei todo ralado. Minhas mãos em carne viva.

Baleia rolou comigo e caiu no rio. O vi ser levado pela correnteza e corri como pude, acompanhando o rio.

Num ponto à frente, a baía desaguava em um rio canalizado e havia grades para impedir a passagem de galhos. Uma destas 'bocas de lobo' estava aberta e Baleia fora tragado para dentro. A grade bateu logo após fechando ele num pequeno espaço de onde a única

saída era um encanamento grosso levando a água para o reservatório.

Pulei na água e tentei com minhas mãos machucadas e meus pequenos braços puxar a grade para abri-la. Mas, minhas mãos em carne viva não aguentavam. Estavam machucadas demais. Por mais que eu gritasse e tentasse meus dedos não entrelaçavam as barras da grade. Eu não conseguia fechar as mãos, eu não conseguia abri-la. Perdi Baleia.

Nem lembro como voltei para casa – estávamos muito, muito longe de casa. Nem por quanto tempo chorei. O que aconteceu não deveria ser. Nenhum garotinho merecia passar pelo que passei: perder seu melhor amigo desta maneira tão brutal.

Chow Li estava preso na câmara e água subia. Se eu não conseguisse abrir a comporta ele se afogaria. Novamente meus dedos estavam fracos, meus dedos reimplantados ainda não tinham movimentos e minhas mãos não fechavam. Mas, desta vez eu não deixaria Baleia morrer. Eu ia salvar Chow li.

Num esforço descomunal, com a mão direita fechada, segurando firme a grade, e a esquerda segurando como pude, puxei para trás e para cima jogando minhas costas para trás, flexionando as pernas e urrando.

- Arggggggggggg! – gritei.

A grade soltou-se e foi parar a apenas meio metro de onde estava presa. Caí no chão de qualquer forma. Suor escorria da minha testa. Chow Li se estica e segura com as mãos na borda da câmara. Levanto-me sem tempo para descansar e seguro – com a mão boa – no seu pulso direito. Juntos, conseguimos que ele saia do buraco.

Caímos no chão e ficamos por alguns segundos. O tempo parece parar, mas só nos recompomos levemente.

O que houve com o homem que perseguíamos? – pergunto.

– Primeiro, obrigado. – responde Chow Li entre uma respirada ofegante e outra. - Ele me despistou. Quando eu caí neste buraco, ele voltou e colocou a grade.

– Vamos voltar. – sugiro Não temos como continuar.

Retornamos à Central de Polícia para repensar nossa estratégia. Agora, mais que nunca, sabemos que os Gelaohui estão nos subterrâneos. Temos que descobrir como chegar interrogá-los.

Pensamos em buscar ajuda com o Tie Hao Ele parece ser o porta-oz dos Metrovinos.

*

Tie Hao é albino como todo Metrovino. Tem 1,50m e 42 anos. Os Metrovinos vivem pouco. Sua expectativa média de vida é de 55 anos. Conseguimos nos comunicar com ele e pedimos sua presença na Central de Polícia . Este encontro é marcado para o dia seguinte à noite. Embora os Metrovinos frequentem a superfície durante o dia – usando óculos escuros e trajes completos – eles preferem a noite. Então, sempre que puderem, agendam compromissos entre seis da tarde e seis da manhã..

Quando Tie Hao chega, Chow Li explica o que precisamos. Conta que os Gelaohui parecem estar ligados ao surto bacteriológico que já matou centenas de milhares em poucas semanas na grande Xangai. O PPP do Quênia, partido racista que estava por trás dos ataques similares naquele país.

A pelo menos seis anos, os Metrovinos fazem o que podem para tentar ganhar o respeito e a consideração da população da superfície. E, por isto, sempre que tem uma oportunidade de ajudar eles o fazem prontamente. Tie Hao se interessa em nos ajudar. Confessa que não sabe dos Gelaohui, mas que irá convocar o Conselho dos Anciões e voltará o mais rápido possível. Por mais temerário que a espera possa parecer, decidimos que seria melhor esperar alguns dias para ver se Tie Hao consegue descobrir algo onde nós fracassamos.

*

Tie Hao convoca o Conselho de Anciões. As decisões são sempre tomadas em conjunto pelos Anciões, no Conselho. Cada ancião – sempre o homem ou mulher mais velho do seu grupo – representa uma estação. São 123 estações habitadas que perfazem quase 300. mil habitantes. Cada uma destas estações é uma cidade e tem um assento no conselho. Outras estações têm outras finalidades. Existem estações parques – para lazer das crianças, estações escolas, estações comércio.

O Conselho é reunido às 20h na Xangai South e Tie Hao começa a falar.

– Irmão do subsolo. Uma grave crise atinge a superfície – e poderá em breve nos atingir também. Em Nairóbi, Quênia, mais de um milhão de pessoas morreram por conta de uma bactéria mortal introduzida no reservatório de água da cidade. Esta mesma bactéria foi introduzida aqui, na nossa cidade de Xangai, e já resultou na morte de quase um milhão de pessoas na nossa cidade!

Todos cochicham e gesticulam impressionados.

– O grupo terrorista que estava por trás de tamanha tragédia no Quênia está ligado a um grupo centenário da China. Os Gelaouhui. Há razões para as autoridades acreditarem que este grupo está entre nós, morando aqui no subsolo.

– Os Gelaohui não são um grupo terrorista! – grita um homem.

Gong Lau vem à frente. Sobe no púlpito e confronta Tie Hao.

*

Pouco se sabe sobre Gong Lau. Era um homem diferenciado fisicamente na sociedade Metrovina pois era mais alto que a média, 1,60m. Tinha 38 anos. Era forte, musculoso, mas assim eram todos que viviam no subsolo.

Sabe-se que cresceu ouvindo histórias de como seu povo foi alijado dos mais básicos direitos: saúde, educação e oportunidade de emprego como os da superfície. Sabe-se que desde cedo protagonizava reuniões com seus pares onde protestavam a falta destes direitos e demonstravam publicamente seu descontentamento.

Em alguma data há uns três anos, foi preso ao promover uma pequena passeata nas ruas do Centro de Xangai onde protestava por mais empregos para os Metrovinos. O problema é que a passeata que iniciara pacificamente explodiu numa onda de depredações e saques em lojas ao longo do trajeto que percorriam. Aparentemente havia mascarados infiltrados na passeata que incitaram os outros à violência e começaram, em determinado momento, a jogar coquetéis molotov, pedras e outros objetos. Gong

Lau e a organização da passeata juraram que não tinham nada haver com os vândalos, mas desconfiou-se que isto não seria verdade. De qualquer forma, ele passou uma noite na delegacia local prestando esclarecimentos e esfriando a cabeça.

Ele havia tentado fundar um partido para lutar pelos direitos dos Metrovinos, mas não obteve assinaturas suficientes para aprovação. Também participou, nesta época, de um ou outro debate e entrevista na TV expondo suas ideias e bandeiras. Era nítido xenófobo e racista ao acreditar na superioridade de seu povo abertamente.

Num destes programas de entrevistas, protagonizou um bate boca que acabou na virtual destruição do estúdio onde a mesma acontecia quando seu interlocutor, membro de um partido liberal, defendia abertamente a abertura e flexibilização das leis migratórias na cidade. Gong Lau acreditava que os empregos iriam diminuir com esta medida e que seu povo precisava das melhores oportunidades profissionais para começar a recuperar um pouco dos séculos de atraso em que viviam.

Podia ser taxado de racista e xenófobo mas era, até o momento, um fervoroso defensor dos seus pares e tinha o apoio da maioria destes. Mas, uma guinada à extrema direita estava por mudar isto. Ao unir-se como Valker Kipsang e Dr. Mugabi Gong Lau deixou aflorar os seus sentimentos mais radicais até então adormecidos.

*

– Os Gelaohui acreditam no mesmo que nós: que somos uma evolução do povo chinês. Que somos superiores. Acreditamos que fomos privados de direitos mais básicos, de conforto, da possibilidade de crescimento como sociedade e que está na hora de quem nos oprimiu por séculos, pagar – diz Gong Lau.

– Não podemos pensar assim. Somos todos irmãos: os Metrovinos e os da superfície. – rebate Tie Hao.

– Foram séculos vivendo nas sombras, escondidos não podemos deixar tudo à perder agora por conta de um sentimento xenófobo, antigo.

– NÃO! Não vamos recuar! Está na hora de reclamarmos o que é nosso! Queremos as mesmas condições de vida da superfície, as mesmas oportunidades – grita Gong Lau.

O “Elder” – assim conhecido por ser o ancião mais antigo do Conselho interrompe. Diz que não adianta discutir desta forma. Que a característica mais importante dos Metrovinos é que sempre foram unidos e sempre tomaram todas as decisões, até as mais difíceis, em conjunto. E, agora, mais uma vez, o Conselho dos Anciões iria votar.

O Conselho é formado por 123 membros. O mais novo tem apenas 29 anos, é membro da pequena Estação *Dupuqiao* que tem uma comunidade novíça com apenas 1.232 moradores.

O mais velho é o “Elder”, com 82 anos. Idade impressionante para os Metrovinos. Por causa das condições insalubres, eles vivem bem menos que os humanos da superfície. Talvez os direitos e qualidade de vida –que Gong Lau reclama, têm a ver com isto também. Por viverem em condições insalubres, com menos recursos para saúde, uma pior alimentação, este povo do subsolo acaba por ter uma expectativa de vida encurtada.

Mas, desde o Primeiro Contato em 2522, o governo de Xangai estava se esforçando para trazer esta qualidade de vida ao subsolo – sem interferir com o modo de vida deles. Dois hospitais foram instalados no subsolo – com todos os recursos dos seus pares da superfície. O abastecimento de comida passou a ser regular e de qualidade. Empresas forneciam toda sorte de alimentos para esta população. Seis escolas novas foram montadas, saneamento regular também foi providenciado.

Os Metrovinos achavam agora oportunidades na superfície: os hospitais se prepararam para atendê-los quando necessário. Empresas foram incentivadas a contratá-los. Enfim, grande esforço pela integração deles à sociedade formal estava em curso e, arrisco-me a dizer, com muito carinho e com muito sucesso.

O Conselho tomou o cuidado de olhar isto tudo. Tudo que eles conseguiram desde 2522, tudo que estaria em jogo se apoiassem esta guerra insana promovida pelos Gelaohui, pelo Gong Lau.

Apesar disto, a votação foi estranhamente apertada: 68 votos pela exposição dos Gelaohui e 55 à favor deles. Acho que o Elder e Tie Hao esperavam uma votação massiva contra os Gelaohui mas, infelizmente, ainda havia sentimento xenófobo entre os Metrovinos. Muito mais do que eles imaginavam e desejavam.

*

Gong Lau é informado da decisão do Conselho: terminação dos Gelaohui e entrega dos seus membros às autoridades de Xangai. Gong Lau não aceita. Ele e Valker Kipsang fogem pelos

túneis até o bunker do Gelaohui prometendo resistir até o fim. Encastelam-se no seu laboratório fortemente protegido na estação Fuxing Island.

Chow Li é avisado por Tie Hao da reunião do Conselho de Anciões, da sua decisão em entregar os membros do Gelouhui e do fracasso para conseguir atingir este objetivo.

Chow Li mobiliza a polícia de Xangai para o cerco. São 50 homens preparados para prender os membros da seita secreta e, na manhã seguinte, já estamos às portas do laboratório.

Valker Kipsang é um homem truculento. Seu passado de agressões e crimes o antecede. Gong Lau é um homem com uma causa. E toda pessoa com uma causa é perigosa. Ela acredita que todos os meios valem para o fim objetivo. Ela acredita que vale a pena morrer pelo que acredita.

Os homens de Chow Li usaram a entrada principal da cidadela para entrar, percorreram a pé os 32 km de tuneis e pistas destruídas até chegar na Estação *Fuxing Island* onde está localizada o bunker, o laboratório dos Geloahui. Ao chegar, são recebidos por tiros de fuzil: *pow pow pow!*

Eram tiros de armas de fogo. Balas à explosão. Relíquias que talvez só os Metrovinos ainda tivessem.

Algumas balas ricocheteavam nas paredes lançando faíscas, outras perdiam-se na escuridão dos túneis. Mas, infelizmente, algumas alcançaram seus alvos: dois homens foram atingidos na primeira saraivada de tiros. Jet Pu estava morto.

Chow Li retribuiu os tiros ao mesmo tempo que seus homens – e buscamos abrigo. Esta estação era de porte médio. Havia apenas plataforma, as entradas sul e norte eram abertas como

trajetos de ligação para as outras estações e o laboratório, bunker deles, estava sob a plataforma oeste. Era uma estrutura feita de aço – recortes de trens desativados, emoldurados por trilhos dos trens. Era uma estrutura larga – ocupava toda a extensão da plataforma, mas não havia como sabermos o tamanho interno da mesma. Vimos clarões de algumas janelas sempre que os Gelaouhui atiravam.

Chow Li era um homem emotivo. Amigo de todos seus homens não aceitaria perder nenhum soldado nesta batalha. Mas, havia cometido um erro pueril: menosprezou o poderio de fogo do inimigo, adentrou com muita velocidade e distração o território. Tinha, agora, duas baixas no seu pelotão. E, pior, uma casualidade. Uma morte.

Nos posicionamos nas escadas que dão acesso à estação, na plataforma oposta ao laboratório. Não existem outras estruturas para se proteger. Temos que contar com os muros destas escadas e os escudos do nosso esquadrão.

Chow Li manda quatro homens para a linha de frente, protegidos por escudos de duralumínio e com canhões disruptores. Mas se posicionam e são recebidos por mais tiros de fuzis e metralhadoras: *ra-ta-ta, ra-ta-ta*. Mas, desta vez, não estão desprevenidos nem desprotegidos.

Dois canhões disruptores do sistema elétrico são ativados. Eles emitem uma descarga elétrica pulsada de alta voltagem na direção do alvo. Atingindo uma pessoa o pulso interfere com as ondas T do indivíduo cortando os sinais elétricos entre o cérebro e os músculos incapacitando-o por breves e cruciais segundos.

Ouvimos uma explosão do lado esquerdo da nossa plataforma, o canhão disruptor é destruído. Desconfio que os

Gelaohui estejam com um uniforme dispersor de eletricidade. Contra ele, disruptor algum terá eficácia. Segue uma saraivada de metralhadora. O tiroteio dos Gelaohui é incessante.

Mais uma explosão, uma granada é detonada aos pés da equipe do canhão disruptor. Mais dois homens ao chão. O canhão desabilitado. Mais duas baixas. Menosprezamos o poder de fogo e a agressividade dos Gelaohui.

Lien também fora atingido. Sangrava pelas pernas e braço esquerdo. Chow Li manda dois homens levá-lo para fora.

Chow Li recolhe os homens. É hora de repensar a estratégia. O ataque frontal havia fracassado. Um homem já havia morrido e mais dois feridos. E, o pior, parece que nem incomodamos os Gelaohui. Chow Li manda uma equipe médica, de guerra, ficar de prontidão. Mais baixas serão esperadas.

A estratégia é tentar cortar a fonte de energia elétrica do laboratório, acesso à água e comida – se possível. Como nos conflitos medievais, se o confronto demorar o suficiente pode ser que a ausência de comida e água nos ajude. Tie Hao é chamado para se reunir conosco. Tem mapas atualizados do metrô e descobrimos que a energia elétrica pode ser cortada mas o suprimento de água, não. Assim, cortamos a luz.

Mas, novamente, somos surpreendidos, a luz no laboratório não é cortada. Tudo indica que eles têm baterias próprias. E se forem baterias modernas, de polímero-cádmio podem durar meses. Definitivamente, não estávamos preparados para enfrentar tão formidável oponente.

No segundo dia de conflito, a tática volta a ser a da força bruta. Chow Li distribui homens nas entradas sul e norte do

corredor de trens, além da plataforma oposta. Iremos praticar um assalto simultâneo em conjunto com a propagação de gás Sarin-3[13] massivo na direção deles. Confesso que não confio muito nesta tática. Se eles têm uniformes dispersores, não terão, máscaras contra gases?

Às 7h iniciamos a projeção de gás mas, não dura nem cinco minutos. Duas explosões gigantes são deflagradas – uma em cada entrada das pistas de trem. Ambas preparadas com antecedência pelos Gelaohui. Sem sombra de dúvidas, eles se preparam para este dia. E, momento após momento, ganhavam de nós.

Bummmmm, bummmmmmm. Acho que perdemos mais cinco homens. Dois mortos. A conta não parava de subir. Mas, desta vez, dois homens de Chow Li conseguem chegar à porta principal do complexo. Posicionam explosivos e se afastam. Menos de 10 minutos depois, explodimos as portas escancarando-as. Temos uma via de entrada agora. Se conseguirmos chegar até ela.

É hora de repensar, novamente, a estratégia. Temos uma via de entrada agora, mas com absoluta certeza quem passar por ali será atingido por centenas de balas e explosivos. É hora de entrar com os robôs.

Se os Gelaohui tinham a vantagem do território, o elemento surpresa, a agressividade sem compromisso nós tínhamos, pelo menos, a tecnologia do nosso lado. Os robôs soldados – que existem em várias modelos e preparações, podiam entrar em qualquer ambiente de guerra e realizar qualquer tarefa por mais belicosa e arriscada que fosse.

O RD-3000 de assalto é preparado para a missão. Ele é um robô autônomo, dotado de inteligência artificial, bípede, tem 2 m de altura e uma carcaça de duralumínio. É à prova de explosões, têm duas metralhadoras eletromagnéticas frontais, laser, lançador de granadas de concussão, outras armas e mecanismo de autodestruição. Ou seja: é um robô suicida. É imbatível quando o inimigo está entrincheirado e quando não precisamos fazer prisioneiros. Não é o caso, mas guerra é guerra.

Houve uma época em que o mundo criticou o uso de robôs em guerras. Tudo começou com o uso de drones aéreos não tripulados. Eles eram controlados a centenas de quilômetros, atravessavam as linhas de defesa inimigas e obliteravam seus alvos. Apesar das críticas – do uso indiscriminado – a verdade é que estes artefatos pouparam muitas vidas. Vidas dos exércitos que os usavam.

Depois, seguiram-se os robôs. Inicialmente, eram veículos autotransportados. Carros blindados por assim dizer. Eram, como os drones aéreos simplesmente controlados à distância. Quando esses artefatos foram capturados nas Guerras Pérsicas e tiveram sua Central de Processamento de Dados hackeados para atacar os seus originais donos, a indústria bélica tomou seu maior revés. Durante mais de meio século, as máquinas autônomas foram abandonadas no uso militar até que a IA (Inteligência Artificial) se tornou tão desenvolvida que os defensores destas máquinas recomparam seus projetos dotando-as de poder de decisão.

As guerras mudaram a partir desta data. Imagine reduzir as mortes de humanos a quase zero. Imagine máquinas que poderiam decidir quanto atacar, quando parar e, se capturadas,

“suicidar”. O RD-3000 era uma destas máquinas. O modelo era considerado de pequeno porte – pesava cerca de 300 kg– de uso exclusivo urbano. Basicamente, empregado por policiais no mundo todo. Ele é virtualmente indestrutível e tem capacidade para funcionar por 32 horas ininterruptas. A empresa que o criou, a TecMil, do Texas, afirma ter despachado cerca de 23.700 destas máquinas desde seu lançamento. Ela afirma que o RD é o *'Soldado para a Manutenção da Paz'*. Mas, a verdade é que é um robô extremamente letal que não conhece a derrota.

Em seguida, tivemos uma demorada sequência de muitos tiros e explosões. Acompanhamos a movimentação dentro do laboratório através das câmeras infravermelho do RD. Pouco conseguimos entender. Após intermináveis quinze minutos, os tiros pelo lado dos Galaohui, cessaram. RD deixa de atirar. Chow manda três homens à frente, ele e eu atrás.

Na entrada do laboratório, no que deveria ser um hall, encontramos muitos escombros, fumaça, corpos e silêncio. Conto seis ou sete corpos. Não sei bem porque havia muito sangue e alguns membros decepados. Penso rapidamente na estupidez que é a guerra, qualquer guerra. Avançamos cinco, dez metros para dentro do complexo sem resistência. Apesar desta primeira vitória, não temos certeza se o confronto não terminou. Afinal, onde está Gong Lau e Valker Kipsang?

Em meio ao cheiro de pólvora, carne queimada e sangue fresco, os homens de Chow Li comandam RD através de uma porta frontal, larga. Acompanhamos seu avanço através de monitores, protegidos no hall recém conquistado. Não vemos ninguém no ambiente. Chow Li grita pelo sistema de som do robô:

– Gong Lau, Valker Kipsang, todos, vocês estão cercados. Não há escapatória. Baixem as armas agora e ninguém mais morrerá.

Temos 60 longos segundos., Nada. Chow Li repete o recado. Esperamos, esperamos. RD termina a varredura deste segundo ambiente. Não encontra ninguém, nem recebe resistência. Chow manda três homens invadirem o ambiente.

B U M M M M M M !!!!

Uma explosão de proporções surpreendente nos pega desprevidos. Somos arremessados para trás pelo descolamento do ar. Ouço um zumbido desesperador. Fogo intenso, azulado se espalha instantaneamente pelo segundo ambiente. Os três homens de Chow Li são obliterados instantaneamente. O calor é quase insuportável. O fogo é tão intenso que temos que recuar de volta à plataforma. Novamente subestimamos os Gelaohui. Mas agora temos certeza: preferiram morrer a se entregar. Eles farão isso levando o maior número de nossos homens que puderem.

RD é corroído pelo ácido, provavelmente fluorídrico. O explosivo que eles lançaram devia conter uma bolsa deste ácido e, assim, conseguiram paralisar nosso robô. “Espere o inesperado” contra um oponente como os Gelaohui – pensei calado.

De qualquer forma, sabemos que eles estão feridos também. Tiveram muitas baixas e da mesma forma que esta explosão nos afetou, afetou a eles também. Chow Li decide que é hora do ataque frontal: manda dez homens à frente, ele e eu na sequência, atirando sem parar se necessário, em tudo e todos. Chegamos ao segundo ambiente, somos recebidos por tiros e conseguimos nos abaixar e proteger.

Segue-se mais uma sequência de muitos tiros e, quando o segundo homem de Chow Li é atingido, ele não resiste e levanta-se, corre na provável direção de Gong Lau e Valker Kipsang. Parece ensandecido, transtornado. Na guerra, na luta contra criminosos, na troca de tiros, não dá para perder o equilíbrio mental nem um segundo. O que Chow Li fez, não era o correto. Mas ele já não aceitava mais as baixas que estes terroristas estavam impondo aos seus homens. Acho que ele pensou, se pensou em algo, que valeria a pena morrer contando que também matasse a dupla.

Acho que Chow Li derrubou uns dois homens dos Gelaohui antes de ser atingido. No momento que um tiro convencional, uma bala de chumbo, atravessa seu ombro esquerdo, fazendo-o girar e cair sobre este braço, Gong Lau acredita que '*a fatura estava ganha*' sai de seu esconderijo e prepara o tiro de misericórdia em direção ao meu amigo. Mas, não posso deixar isto acontecer. Conheci Chow Li há apenas alguns dias. Ele me salvara em outra situação contra esta gangue e tornamo-nos próximos diante da tarefa que enfrentávamos. Descobri que ele é um homem de família. Amante de crianças e pai dedicado. Se houvesse algo que eu pudesse fazer para salvá-lo eu faria. E havia.

Pulei entre Chow Li e Gong Lau. Pulei atirando. Por milagre, por destino, acertei-o em cheio e seus tiros passaram por mim e pelo meu amigo sem nos arranhar. Gong Lau caiu imóvel. Morto.

Sempre achei que umas das maiores características de criminosos, especialmente os que atentam pela vida humana, é a covardia. Agora, com quase todo Gelaohui morto, com seu líder

morto, Valker Kipsang se entregou. Jogou suas armas, gritou que se entregava. O covarde havia desistido e a batalha acabara.

*

Todos os Gelaohui restantes – 13 deles – e Valker Kipsang saem algemados. São levados a Central de Polícia, autuados em sete artigos penais incluindo terrorismo e conspiração contra a pátria. No passado, seriam condenados à morte mas esta pena deixou de existir na China há muitas centenas de anos. Ficariam “apenas” o resto da vida encarcerados. Os Gelaohui terminaram. Esta batalha estava ganha. Hora de voltar para casa.

No laboratório, agora atingido por balas e explosões, encontramos extenso trabalho do D. Mugabi. Acho que não me surpreendi com isto pois era o maior geneticista vivo e sua pesquisa relativa ao mapeamento histórico genético era a base do desenvolvimento desta mortal bactéria mas, aos pouco ficou claro que os Gelaohui não apenas usavam a pesquisa do Dr. Mugabi. Encontramos entre os equipamentos, documentos de Robert Mugabi, equipamentos pessoais e encontramos quenianos geneticistas do seu time, entre os mortos no laboratório.

De repente, como se um raio percorresse meu corpo, lembro-me do que Charles havia dito quando entrou no apartamento do Dr. Mugabi: ele estava destruindo documentos. Depois, lembro do artigo técnico sobre eugenia em seu nome que eu havia achado entre o legado digital do PPP. E, finalmente de tê-lo conhecido no Bioma Amazonas e de como deixou bem claro seu preconceito junto ao povo Kaixana.

Penso que a explosão da fábrica da Coca-Cola só ocorreu depois de nossa reunião – onde ele estava presente.

Da mesma forma, o teste do antibiótico teve a presença dele e a amostra foi estranhamente perdida.

Tivemos também o pessoal do PPP queimando e destruindo documentos como se tivessem sido evitados que Charles faria uma blitz. Alguém de dentro de nosso grupo havia, com certeza, enviado informações para os PPP.

E, finalmente, Dr. Mugabi havia se suicidado. A conclusão me parece óbvia: Dr. Robert Mugabi estava envolvido. Envolvido numa trama racista, xenófoba para matar milhares, talvez milhões de pessoas. Uma pessoa doce, acima de qualquer suspeita, era um dos líderes de tamanha tragédia contra a humanidade. Ficou claro onde Dr. Mugabi havia desenvolvido a super bactéria. Mas, agora, tudo isto seria passado.

*

A prefeitura de Xangai se antecipou a qualquer explicação ou reivindicação que viesse dos Metrovinos e se comprometeu publicamente a fazer mais por eles. Especificamente, anunciou um pacote de obras nos subterrâneos levando mais eletricidade, água potável, sistema de renovação e coleta de lixo. Lançou também um programa de inserção dos Metrovinos na sociedade e empregos da superfície. Acho que um novo horizonte surgia. Uma nova era de união entre estes dois povos. Afinal, os Metrovinos nada mais eram

que seres humanos. Um pouco diferentes de você e eu, mas, afinal, quem não é?

28/07/2558

A Guerra Eugênica começou em 2558, e apesar de durar poucos meses matou mais de dois milhões de pessoas num ritmo tão acelerado que, se não fosse detida, acabaria por dizimar centenas de milhões rapidamente. Foi a mais terrível de todas as guerras e, com certeza, o ápice da crueldade humana. A guerra começou a ser vencida em Nairóbi quando eu e Charles Tergat conseguimos identificar o PPP como difusor do patógeno neste país. Nossa caçada prolongou-se até Xangai onde descobrimos uma sociedade milenar secreta, os Gelaohui, liderando os ataques nesta cidade e, surpreendentemente, quando mergulhamos nos subterrâneos da cidade, numa batalha com alguns Metrovinos – subespécie humana que nem tinha sua existência confirmada ainda.

E a guerra foi vencida neste front, em Xangai, quando a Dra. Mirtes e sua equipe vieram a cidade finalizar a pesquisa sobre a *Legionella pneumophila* modificada e a busca do antígeno.

A *legionella* era uma bactéria simples, fácil de liquidar: o cloro que aplicamos nas nossas águas eliminava qualquer traço dela. Mas, esta cepa teve seu DNA modificado. Fora introduzido um gene que mudou a estrutura de sua membrana celular – a camada de gordura que a reveste – tornando-a mais grossa e resistente. O cloro simplesmente não conseguia mais romper esta camada causando a posterior oxidação e destruição da bactéria.

Para destruir a *Legionella pneumophila II* – como agora era chamada – precisava-se de um produto químico que conseguisse furar esta camada reforçada. E, em outra frente, os antibióticos existentes não surtiam efeito nas pessoas infectadas

Com o desmantelamento da Gelaohui e a descoberta de um super laboratório no seu QG, descobriu-se também muita documentação técnica sobre este patógeno. Dra. Mirtes e sua equipe debruçaram-se nestes documentos e neste laboratório em busca de soluções.

A equipe quase completa chegou num voo subsônico: Dr. Tau Chizoba, Dra. Jing Kun e Dra. Mirtes Lauvin. Dr. Alexandr Nikolaievitch – que havia discutido com o grupo desde o primeiro dia – retornou a Moscou para conduzir sua pesquisa em paralelo e de forma individual.

Desde que Dr. Nikolaievitch perdeu o prêmio Nobel de Química para um cientista chinês pouco conhecido, ele se sentiu traído pela comunidade científica. Era um cientista brilhante mas tinha aquele orgulho típico russo – achava que eles eram superiores a tudo e a todos – e havia trabalhando muito pelo Nobel, tinha certeza que o levaria para honra do seu país mas, no último minuto, foi “traído” – ou assim achava – e perdeu a chance mesmo após

apresentar o brilhante trabalho sobre “modelagem da desintegração das substâncias radioativas e sua prevenção”. Desde então, resistia muito a trabalhar em conjunto e, nesta experiência, provou-se ainda despreparado para tal.

*

Surpreendentemente, o laboratório dos Gelaohui era dos mais modernos. A parte interna estava intacta apesar da profusão de balas e explosões que atingiram as paredes e ambientes mais externos. Ficou claro onde Dr. Mugabi havia desenvolvido a super bactéria e que aqui seria mais eficaz a conclusão das pesquisas do time da Dra. Mirtes.

Com a documentação do Dr. Mugabi, Dr. Tau Chizoba identificou que a enzima NDM-1 foi introduzida na *Legionella pneumophila* tornando-a mais resistente aos antibióticos. Agora ficou ‘fácil’. Basta preparar um inibidor de NDM-1 junto a uma nova gama de antibióticos.

Quanto à parede celular aumentada – pela combinação com a bactéria *streptococcus*, não havia muito o que se fazer. Era necessário tão somente conseguir destruir esta nova cepa da bactéria antes de entrar em contato com os seres humanos – ou com esta nova gama de antibióticos à posteriori.

Mas à característica de seletividade – porque a bactéria matava algumas pessoas e não outras – ainda era um mistério. Depois de termos enfrentados grupos xenófobos e racistas, era claro para nós que a bactéria estava matando pessoas pertencentes a grupos isolados. Mas, nem os critérios de seleção de vítimas muito

menos o mecanismo que permitiu à esta bactéria tornar-se seletiva foi compreendida por nenhum dos pesquisadores. Talvez o segredo tenha morrido com Dr. Mugabi. Assim eu esperava para o bem de todos.

Desta forma, a equipe desenvolveu uma estratégia para destruir o patógeno ainda presente dos aquíferos. Esta técnica chama-se: *sobrecarga de aplicação de cloro*. A aplicação de um volume grande de cloro irá criar um ponto de ruptura, uma situação onde tudo que exista ao nível microscópico na água é rasgado, rompido por completo. Nada sobrevive. Esta técnica é conhecida há muito tempo e bastante trabalhosa e cara em sua aplicação. Ela obriga a aplicação de carga massiva de cloro nos aquíferos – até 10 x a carga normal – por períodos prolongados. O que por si só já é difícil e custoso mas, concomitante, deve-se reforçar o sistema de filtragem posterior da água que será entregue à população. De qualquer forma, este foi o meio eficaz determinado pelo Dr. Tau e assim seria feito.

Em 28 de julho de 2558, o antígeno é finalmente produzido. Este foi considerado o primeiro dia da cura contra da *Legionella pneumophila II*. Dois laboratórios foram encarregados de produzir o novo antibiótico: o Xangai Farma Lab e o New Pharma, do Quênia.

Duas plantas químicas também foram escolhidas, uma em cada cidade, para produzir o cloro concentrado que seria jogado nos aquíferos. O que se vê a seguir é uma linha de produção: caminhões tanques saem em fileira dos pátios das empresas químicas e caminham em comboio para os aquíferos. Lá, despejam milhares de litros do cloro puríssimo nas águas contaminadas. Em Turkana, desenvolveram uma balsa com pás enormes para funcionar como

misturador. Cinco destes barcos navegam incansavelmente pelo espelho d'água ajudando a espalhar o produto químico. Em Xangai concluiu-se desnecessária esta ação já que os dois reservatórios de água são alimentados constantemente por correntes de águas dos dois rios – o rio Huangpu e o rio Yangtze – e, assim, o cloro misturaria naturalmente a eles.

Já a população contaminada começou a receber o tratamento antibiótico assim que saíram dos laboratórios. Ainda bem que, hoje em dia, não são mais necessários anos de testes em laboratórios e em animais para verificar a eficácia e segurança de um medicamento. Através de simulações bioquímicas computadorizadas, qualquer remédio é testado em questões de horas. As máquinas desenvolvidas para isto – super computadores com interfaces biológicas – simulam todas as reações possíveis de um ser humano vivo.

A equipe da Dra. Mirtes ainda determinou que, como forma de precaução (como uma profilaxia) a população das duas cidades e todo mundo que havia visitado a mesma no período de crise, durante um mês após o término da epidemia – deveria tomar preventivamente uma dose menor do antibiótico. No passado, tal prática não era estimulada pela comunidade médica mas, com o avanço da farmacologia, os remédios passaram a funcionar de forma seletiva. Assim, quem tivesse tomando o antibiótico, mas não entrasse em contato com a *Legionella pneumophila II* nada sofreria. Nem teria sua imunidade a bactéria diminuída no caso de uma contaminação posterior. O antibiótico estaria presente no seu organismo, mas só entraria em atividade se o hospedeiro estivesse ou fosse contaminado.

Esta parte da inoculação da população foi mais trabalhosa. Não dava para incluir o antibiótico na água que já passava por um 'bombardeio' de cloro e posterior filtragem massiva. Foi necessário transformar o remédio em aerossol e tê-lo dispensado na atmosfera das cidades. Este procedimento era repetido toda semana, durante dois meses.

O mundo seguiu em luto por muitos meses. Quando milhões de pessoas perecem antes do tempo, é impossível não sentir afetado emocionalmente. Ao término dos dois meses Xangai ensaiou um carnaval fora de hora para comemorar o fim da crise, a captura dos Gelaohui e a inoculação total de sua população mas, por bom senso, a prefeitura acabou cancelando os preparativos. O reflexo do ocorrido duraria ainda muitos anos. As feridas demorariam a cicatrizar. A hora não era de comemorações.

*

Em janeiro de 2559, a Liga das Uniões reúne-se pela primeira vez após a crise. O tema central é a análise do que houve e formas de prevenção. Dra. Mirtes, sua equipe, eu, Sr. Charles e Sr. Chow Li somos chamados às audiências. Em sessões fechadas, somos todos ouvidos pelos líderes de cada União e, por escolha do grupo, sou eleito porta-voz para discursar na Grande Plenária onde estarão os líderes de todas as nações.

São 8h53 de 10 de janeiro, dia simbólico para o Conselho pois nesta data há 639 anos foi criada a Liga das Nações, embrião desta poderosa instituição onde eu discursaria em menos de 10 minutos. Entro por trás de um pequeno palco, vejo à minha frente

um púlpito solitário iluminado por uma luz amarela, forte, direta. Passam-se alguns segundos até que meus olhos se acostumem à forte luz. Ouço barulho de conversas – muitas conversas – ao fundo, de forma ininteligível. Sinto um vento frio, `enlatado, do super sistema de ar condicionado do auditório. Calafrios tomam conta de mim. Começam no meu estômago, irradiam para minha espinha até chegar à nuca. Tremo rapidamente. Um tremor como se estivesse com muito frio. Finalmente, consigo enxergar a plateia. Já falei muitas vezes em público. Já ministrei aulas. Já dei entrevistas. Mas, hoje é diferente. Não só pela magnitude do local, nem da importância do seu público. Tudo isto conta, é claro, mas é diferente, especialmente, porque meu discurso encerrará uma das mais catastróficas fases da humanidade. Onde milhões de inocentes padeceram. Pessoas com família, com filhos, pais, irmãos e amores. Meu discurso teria que fechar um dos mais sombrios capítulos da existência humana. Até agora.

O auditório tem dez mil lugares. As cadeiras são dispostas em meia lua, com piso elevado. Até onde enxergo estão todos os lugares tomados. À minha direita, numa mesa está o Secretário do Conselho. Nas primeiras três fileiras de cadeiras estão os presidentes, primeiros ministros, reis e rainhas de todas as nações. Nas fileiras seguintes, estão membros do Conselho, assessores dos líderes. Depois, técnicos e convidados. Por fim, nas últimas fileiras e em pé atrás destas, está a imprensa. Gravando e transmitindo tudo. Fui escalado para contar ao mundo a história da qual protagonizei e decidi que este discurso deveria ser um libelo contra o preconceito.

– Senhoras e senhores, bom dia. Obrigado pela presença.
– começa pontualmente às 9h a apresentação do secretário. – Esta

é a primeira reunião da Liga das Uniões pós Guerra Eugênica. Muitos dos presentes perderam alguém próximo e, por este motivo, desejamos os mais sinceros pêsames.

Fomos surpreendidos – continuou o secretário – com o renascimento e recrudescimento do preconceito. Numa dimensão nunca imaginada antes. Cidades e países sofreram economicamente, países distantes dos conflitos observaram aterrorizados. O mundo chorou e, por um minuto, sentiu-se perdido, órfão, sem saber porque isto estava acontecendo e como terminaria. Mas, em momentos difíceis assim, a humanidade parece ter sempre a sorte – ou competência – de conseguir se superar e dar a volta por cima. E, talvez um dos maiores artífices desta reviravolta, desta vitória do bem contra o mal, foi o Sr. Peter Brose. Sr. Brose conduziu as investigações que levaram à prisão dos lunáticos que engendraram os ataques conseguindo levar à prisão – ou morte – todos eles. Se hoje o mundo é novamente um lugar seguro, devemos muito a ele. Senhoras e senhores, o Sr. Peter Brose.

O auditório inteiro me aplaude. Todos os olhos estão em minha direção. Eu estava esperando em pé, atrás do púlpito. Faço um gesto de agradecimento com a cabeça ao secretário e aguardo os aplausos diminuírem para que eu possa relatar minha experiência, minha opinião dos fatos.

– Obrigado Sr. Secretário. Bom dia a todos os presentes. Em abril de 2558, o mundo acordou para um pesadelo. Um pesadelo que estava adormecido há quase 500 anos. O pesadelo do racismo e preconceito. Não existem diferenças genéticas entre os povos do mundo. Não importa sua cor, sua altura ou sua aparência. Muito menos importam sua religião, nacionalidade e orientação política.

Temos todos os mesmos códigos genéticos. Infelizmente, apesar de acharmos que a humanidade havia superado esta discussão, ano passado descobrimos que alguns de nós não concordavam com esta constatação científica. Grupos radicais, os PPP, em Nairóbi, e os Gelaohui, em Xangai, conseguiram engendrar uma bactéria mortal, introduzi-la nos aquíferos destas duas cidades e matar milhões. Como ser humano, sinto pessoalmente a dor da perda de cada uma destas pessoas. Sinto vergonha da humanidade por fazer-nos passar por isto novamente. Sinto vergonha dos homens que perpetraram isto.

Gostaria de voltar no tempo. De conseguir impedir que os fatos que irei descrever não tivessem acontecido. Mas, a vida não é perfeita. Não conseguimos impedi-los e nem conseguimos voltar no tempo para corrigir os erros destes homens deploráveis. Por isto, nos resta apenas olhar para frente. Viver o melhor que pudermos pelos que sobreviveram, honrar os que se foram, fazer um mundo melhor para nossos filhos.

– Nas duas cidades atingidas nossas investigações levaram-nos a pessoas insuspeitas. Descobrimos que o preconceito pode estar enraizado onde menos se esperar, dormente, esperando para emergir. O cientista que estava por trás da pesquisa que desenvolveu a super bactéria era um homem que eu conheci a 50 anos atrás num passeio ao Bioma Amazonas. Dr. Robert Mugabi se tornou um geneticista renomado e respeitado. Seus amigos tiveram dificuldade de acreditar que ele estava por trás de tamanha tragédia. Mas, infelizmente, Dr. Mugabi estava. E, no caminhar de nossas investigações ele fez de tudo para nos atrasar. Explodiu uma fábrica do patógeno – matando homens da polícia do Quênia. Danificou as

primeiras amostras de antibiótico da Dr. Mirtes e equipe. E, finalmente, sabendo que seria pego, se matou. Era um homem insuspeito mas, no seu âmago, um homem covarde e mal.

– Agora me lembro que a 50 anos, quando o conheci, ele demonstrou extremo preconceito com os indígenas do Amazonas. Traço que, agora, percebo como de preconceito e racismo. Traço que com os passar dos anos deve ter aumentado de grau ao ponto dele achar que era superior a estes seres humanos – e outros – a ponto de querer dizimar pessoas. Quando percebi este fato: que a 50 anos atrás eu conheci um futuro genocida entendi o quanto precisamos ser vigilantes. Acho que como povo estávamos tranquilos achando que o preconceito racial havia acabado. Vivemos quase 500 anos de um sonho rosa, mas acordamos da pior forma possível: num gigantesco e sanguinário pesadelo.

– Senhoras e senhores, se a história dos últimos meses tem uma 'moral', uma lição ela é este: SERMOS SEMPRE VIGILANTES. O preconceito não pode existir nem nas piadas, nem nas brincadeiras infantis. Nossos filhos tem que crescer num mundo onde todos, ABSOLUTAMENTE TODOS, são iguais. Se 500 anos de paz não foram suficientes para enraizar este simples conceito no DNA de toda humanidade vamos nos esforçar pelos próximos mil ,dois mil se forem necessários. Mas, NUNCA MAIS podemos deixar o mal florescer desta forma. Por motivo tão torpe.

Aplausos são ouvidos.

– Alguns de nós somos sonhadores. Ainda bem. Acho que a humanidade avança nas asas dos sonhadores, dos inventores, dos pesquisadores. Eu sonho por um mundo sem fronteiras políticas ou geográficas. Um mundo sem distinção de credos, nacionalidades,

religião, cor da pele. Do homem mais simples ao mais erudito, somos todos iguais. Somos fruto da mesma sopa primordial. Temos o mesmo DNA.

– Em Nairóbi encontramos um partido político, o PPP, que tinha na sua mais básica constituição o preconceito, a xenofobia e o racismo. Este tipo de aglomeração política não pode existir. Não pode existir terreno fértil para este tipo de preconceito florescer. Devemos combater estas organizações no seu nascimento.

– Em Xangai descobrimos outra organização, os Gelaohui, que acreditava-se terminada há séculos. Com uma bandeira xenófoba ela emergiu novamente junto ao povo nobre e bom, os Metrovinos. No ambiente isolado deste povo – onde faltava de tudo – o preconceito achou espaço e prosperou. Não podemos deixar estes espaços surgirem e vingarem. Temos que ser vigilantes.

– Com os amigos Sr. Charles Tergat, Chefe da Polícia Federal do Quênia e Sr. Chow Li, Chefe da Polícia de Xangai, conseguimos prender todos os envolvidos com os ataques e encerrar seus laboratórios – para sempre. Com a Dra. Mirtes Leuvin e sua renomada equipe, Dr. Tau Chizoba, Dra, Jung Kun e Dra Elizabeth Pearl conseguiram desenvolver um antibiótico e procedimentos para limpeza dos aquíferos. A ajuda e dedicação ininterrupta destes grandes homens e mulheres garantiu o sucesso de nossa missão e o mundo de paz que agora recebemos de volta.

– Quero encerrar dizendo que acredito na humanidade – mais do que nunca. Que este lamentável capítulo de nossa história só serviu para reforçar no meu coração como existem homens e mulheres bons. Como nossa terra é abençoada e como nascemos iguais neste mundo de Deus e assim devemos ser tratados. Quero

ver meu sonho realizado e quero vê-lo acontecer em uma geração. Quero sim deixar um mundo melhor para meus filhos mas quero um mundo melhor JÁ. Quero viver neste mundo. Quero me orgulhar mais ainda do homo sapiens. Quero convocar a todos vocês para esta luta comigo: que sejamos vigilantes, que ensinemos aos nossos filhos a tolerância, que derrubemos os muros reais e irreais que dividem os povos e as nações. Que construamos uma Terra Una para todos. Que um dia possamos olhar para trás com orgulho do que fizemos. Que um dia possamos acordar e ver que o que realizamos é lindo, igualitário, perene, sólido e eterno. Eu acredito num mundo assim, e você?

Os aplausos começaram instantaneamente. Todos ao mesmo tempo. Aos poucos algumas pessoas se levantaram e aplaudiram com mais força. – EU ACREDITO – gritavam alguns. Assovios seguiram-se aos aplausos. Agora, todo o auditório estava de pé.

Acho que consegui tocar no coração de cada um naquela sala, naquele momento. Consegui transmitir o que todos gostariam de falar: que a Terra e seu povo deveriam ser um só.

Acho que os aplausos prosseguiram por muitos minutos, parecia interminável. Aos poucos, os líderes das três Uniões subiram ao palco para apertar minha mão. Mirtes também subiu para me beijar afetuosamente. Neste momento todo frio na barriga que eu havia sentido era passado. Sentia um misto de orgulho e dever cumprido.

PÓS-FÁCIO

E, havendo aberto o sexto selo, olhei, e eis que houve um grande tremor de terra; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue;

E as estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte.

E o céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares.

Apocalipse 6:12–14

ASCENSÃO

Não escolhi ser político. A vida me escolheu. Por mim, estaria sempre por trás dos meus computadores e livros. Investigando, pesquisando, escrevendo. Acho que todo técnico é por definição tímido e introspectivo. Eu não sou exatamente tímido, mas sou bem introspectivo. Sempre fui de poucos amigos também. Ou seja, não tinha o DNA 'político' mas mesmo assim conquistei o cargo de Primeiro Ministro.

Tudo começou após o incidente da chamada Guerra Eugênica. Tendo ajudando a desbaratar o grupo que estava por trás dos infames ataques, acabei chamando a atenção de um grupo político que na época estava a frente do Ministério da Justiça Americana. Eles me convidaram para integrar a Secretaria de Investigação, como Secretário.

Esta decisão foi relativamente fácil. Havia alguns contras – como ter que mudar para Washington – mas, de resto, seria ótimo. Mudanças de ares, recursos quase ilimitados no trabalho, status, novos desafios e um contracheque à altura. Como o trabalho de Mirtes era basicamente pesquisa técnica, e em Washington havia um ótimo laboratório – na Universidade George Washington – ela não

via porque eu não deveria aceitar o convite. Assim, após poucos dias de conjecturas, Mirtes e eu decidimos pelo sim.

Fomos morar em DuPont Circle. Um pedacinho da capital americana que eu adorava. Nosso apartamento ficava na Av. Massachusetts assim que ela desembocava na rotatória.

Dupont Circle está localizada na "Cidade Velha" de Washington, D.C. A principal referência é uma rotatória onde desembocam nove ruas e avenidas.

As casas e prédios foram bem preservados – especialmente porque em Washington, nesta região, não podem existir prédios altos. Então, a especulação imobiliária não atingiu o bairro.

São casas no melhor estilo arquitetura *Second Empire*, casas geminadas (como a nossa), residências ao estilo renascentista de Queen Anne e mansões suntuosas ao longo de amplas e arborizadas avenidas diagonais que cruzam a rotatória.

Uma destas mansões é a Casa de Patterson, uma construção de mármore e terracota na Dupont Circle 15. É a única sobrevivente de muitas mansões que no passado rodeavam a rotatória e pertenceu a um magnata da imprensa no século 20. Serviu como residência de um ex-presidente americano, Calvin Coolidge. Charles Lindbergh[14] também morou brevemente ali.

Nossa casa era geminada, datava de 1890 e tinha dois andares. Era de tamanho mediano, mas tinha três quartos o que significava que montaríamos um escritório num deles e um quarto de hóspedes no outro.

Já a cidade de Washington, DC tinha uma aura de poder. Poder político. A cidade é plana – nenhum prédio pode ser mais alto

que o Capitólio – o congresso americano. E é muito, muito esverdeada. Deve ser uma das mais verdes cidades do mundo.

A capital se tornou não só o Centro do poder político Americano, mas também se tornou base para muitos países: Índia, Paquistão – as potências ascendentes. Alemanha e Itália – as potências antigas. Todos estes e muitos outros tinham como base política a cidade americana de Washington, DC.

*

Fui convidado a ser Secretario Geral da Secretaria de Investigação, subordinada ao Ministério da Justiça, em 3 de Janeiro de 2562.

A festa de posse foi com pompa e circunstância – como o momento exigia. Foi realizada no Clube Washington e a nata política da cidade estava presente.

É verdade que os holofotes não eram somente para mim pois, na verdade, todo o gabinete do novo governo americano estava tomando posse, mas não tem como não sentir um orgulho pessoal, até vaidade. Fiquei lembrando meu pai, pensando no orgulho que ele estaria sentindo de mim me vendo assumir tamanha cadeira.

Foi uma festa ao estilo antigo, tradicional jantar de quatro pratos seguido de duas horas de discursos e homenagens. Após o jantar e homenagens, tivemos à nossa disposição uma maravilhosa banda de música clássica.

Tocava animadamente, as mulheres em seus vestidos longos e coloridos bailavam no salão. Eu, que nunca fui muito de dançar,

tive que arriscar uns rodopios com a Mirtes – que estava especialmente linda com o cabelo preso em coque, um vestido longo azul aberto nas costas. Ela merecia toda minha atenção e algum esforço na pista de dança.

Esta festa teve um gosto especial, diferente até, porque a Presidência Americana acabara de ser assumida pelo seu primeiro estrangeiro. A Constituição Americana, que vetava isto, havia sido mudada especialmente em função do Lenhard Krantl, o austro-húngaro que havia construído uma carreira política sólida nos EUA.

Participara de muitas negociações comerciais conseguindo alçar o país novamente ao posto de segunda maior potência econômica do mundo. E isto não foi um pequeno feito. A cerca de 500 anos, a América havia sido ultrapassada economicamente pela China. Depois, uns 400 anos atrás, pela Índia e Brasil. O orgulho americano estava ferido. E, apesar de ainda se manter como a maior potência militar e política – retendo, por exemplo, o maior número de cadeiras na Liga das Nações – o povo ressentia ter perdido o posto de maior economia global. Lenhard Krankl consegui isto. E também por muitos outros motivos, ganhou a confiança dos americanos a ponto de se eleger presidente.

Ele montou seus gabinetes e colocou no Ministério da Justiça um grande homem. Um jurista reconhecido internacionalmente, Dr. Paul–Navel Williamsburg.

Paul me convidou para um almoço logo após a Guerra Eugênica. Já estávamos de volta à nossa residência em Boa Viagem quando recebi um telefonema dele.

Ele foi simpático e direto. Como homens da sua posição devem ser. Falou-me da escalada do crime cibernético na América e

que alguém com meu perfil promoveria uma revolução. Mexeu comigo quando disse que eu teria carta branca para montar a equipe, laboratórios de última geração e recursos quase ilimitados.

Disse-lhe que esta resposta não viria de forma impensada e que precisaria avaliar com a Mirtes todos os prós e contras e vê-lo pessoalmente para conversar mais amiúde.

Dois dias após este telefonema, eu estava sentado em seu gabinete na Av. Pensilvânia, 950. Ele gastou seu latim tentando me convencer das maravilhas tecnológicas que eu teria à disposição como o computador com a segunda maior capacidade de processamento do mundo, com rede neural de última geração, inteligência artificial e *blá, blá, blá*.

Nada disto importava pois eu já sabia tudo. O que importava era o que ele não estava me dizendo: o que eu poderia investigar, até onde eu poderia 'mergulhar' e se haveria pessoas ou instituições intocáveis.

Quando o assunto chegou nesse ponto, Dr Paul-Navel interrompeu a conversa e convidou-me para almoçar. "Mal sinal", pensei

Fomos a um belíssimo restaurante vegetariano – Al Veggs – na Av. Pensilvânia mesmo. Sou carnívoro mas achei por bem não reclamar e entrar no clima. É claro que hoje em dia só se come carne artificial. O tempo em que se criava e matava animais para comermos se foi. Quando cientistas descobriram como crescer proteína em laboratório foi só questão de poucos anos até conseguirem 'criar' peças inteiras de maminha e picanha. Esta última, era minha perdição! Mas, para um vegetariano, mesmo a

carne artificial é proibida. Nunca entendi a lógica por trás disto, mas tudo bem.

Pedi um rocambole de grão de bico e meu acompanhante uma feijoada vegana. E, após o segundo suco verde dele, acho que se sentiu mais confortável em me contar.

Paul–Navel começa a se abrir. Explica que quando os EUA começaram a perder grandes negociações comerciais de alimentos ninguém desconfiou de nada. Mas, quando começaram a perder grandes contratos militares uma luz amarela acendeu Paul–Navel iniciou uma investigação profunda e descobriu o que poderia ser o fio da meada de uma rede de espionagem dentro do governo americano. Isto explicaria facilmente as derrotas comerciais e poderia criar uma situação de risco nacional e internacional grave ao país.

Mesmo usando sua experiente equipe Paul–Navel só conseguiu avançar relativamente. Parece que sempre esbarravam em barreiras técnicas e políticas para concluir estas investigações e, assim, não conseguiram chegar aos mentores. Na verdade, nem conseguiram chegar nos autores. Os únicos fatos concretos que tinham era de que havia espionagem e que era interna ao governo americano.

Neste momento, é que Paul–Navel decidiu trazer alguém de fora que não estivesse contaminado pelo sistema. Alguém incorruptível, experiente e com carta branca. Tamanha era a sensibilidade deste assunto que, conta–me Paul–Navel, somente ele e o presidente tomaram esta decisão. Eu era fruto de uma parceria dos dois para desmascarar esta nefasta rede.

A decisão de me trazer a bordo foi combatida por todos, continua Paul–Navel. Da Vice–presidência do país, dos líderes do Senado e Câmara e dos comandantes militares. Por ser de fora e por ter autonomia para investigar onde fosse necessário, doesse à quem doer, eu seria mal visto e combatido. Não teríamos como saber que riscos eu passaria.

Ouvi atentamente ao Secretário da Justiça. Para um homem como eu restavam poucas dúvidas. Nunca tive medo dos inimigos e sempre acredite que para o Bem ser feito vale qualquer esforço pessoal. E, aqui e agora estávamos falando do risco que esta grande nação poderia correr em termos de segurança nacional e extranacional. Estávamos falando do risco que seus aliados estariam correndo. Não havia dúvidas

– Eu aceito o desafio! – disse–lhe prontamente.

*

Não se mexe num vespeiro sem antes expulsar as vespas. E isto se faz de uma única maneira: rapidamente! Com isto em mente, minha primeira semana em Capitol Hill foi de demissões. Eu não sabia até onde estava enraizada a espionagem e corrupção e, portanto, não podia confiar em ninguém e, também, não perder tempo. Se demorasse poderia dar tempo para este grupo apagar sua trilha, roubar mais segredos, ou pior ainda, destruir informações sensíveis. Trouxe uma pequena equipe com quem já havia trabalhado e feito pesquisas no passado somente para me auxiliar na tarefa de ‘segurar as pontas’ enquanto eu demitia toda equipe técnica e contratava novos profissionais. Conseguimos fazer isto no

tempo recorde de um mês. Acabei com três níveis hierárquicos na pasta e quase duzentas demissões.

Quando começamos as investigações propriamente ditas o rastro digital nos levou a lugares inesperados – ou esperados dependendo do ponto de vista. Havia comunicações indo e vindo de todos os níveis e em cinco órgãos governamentais: executivo, congresso, secretarias, militares e, mais assustador, presidência. Mas, quando mergulhei nesta teia finalmente descobri que estas comunicações estavam mascaradas para parecerem oriundas da presidência, mas, na verdade, viam do gabinete do Vice-presidente!

John Edward Norman era texano. Havia sido batido nas primárias do partido que escolhera Krantl candidato. Depois, numa jogada política questionável, em prol do apoio dos seguidores fiéis de John Edward, Krantl convidou-o para ser seu vice-presidente. Assim, se elegeram com folga mas, desde o primeiro mês de governo notou-se muito atrito. JE não era alinhado com Krantl e parecia disposto a dificultar seu governo ao invés de ajudá-lo. Agora, minha investigação descobrira que ele estaria por trás do vazamento de informações sensíveis. Isto fazia todo sentido: ele minaria o governo de dentro para fora, gerando instabilidade que poderia levar Krantl ao impeachment e alçá-lo à cadeia que invejava tanto.

Mas, uma vez que consegui reunir farta prova fática sobre o engenhoso esquema montado pelo Vice-Presidente foi fácil conseguir a destituição dele. O Congresso teria que aprovar – e aprovou com muita facilidade. A verdade é que JE havia conquistado alguns inimigos poderosos no governo com sua sanha de poder.

Acabou desnudado pelo que verdadeiramente era e não por ser amante do país. Queria tão somente o poder pelo poder.

Em pouco menos de seis meses a minha missão principal, que me trouxe à Capitol Hill, estava cumprida com sucesso. O presidente se tornou um aliado inesperado e importante. E Paul–Navel um amigo grato.

*

Em junho de 2567, Paul–Navel Williamsburg decidiu concorrer ao senado. Com isto, sua cadeira tornou-se vaga. O governo queria promover um 'homem de dentro' , do time, e continuar com o controle sobre este ministério. Depois do meu ótimo trabalho à frente da minha secretaria, conseguindo, entre outros méritos, diminuir a criminalidade cibernética em 78% fui quase uma escolha esperada.

Às 7h35 do dia 23 de junho, recebi uma ligação do Paul–Navel:

- Caro amigo, bom dia!

- Bom dia, Ministro.

–Temos muito para conversar, Peter. Preciso do seu apoio na minha campanha ao Senado. E preciso conversar sobre o destino desta pasta. Podemos tomar um café?

Além de meu chefe, Paul–Navel havia se tornado um amigo. Era um bom homem e, tenho certeza, seria um bom senador.

Às 8h40, estávamos juntos no Café Penn que ficava logo na esquina do nosso escritório, do ministério.

Paul–Navel foi direto, como sempre gostava de ser.

– O Presidente exigiu que eu coloque alguém respeitável e que podemos confiar que fará um grande trabalho, no meu local antes que eu saia para a campanha ao Senado. Você é minha escolha natural. Aliás, minha única escolha.

Não tive muita opção. Paul–Navel não me deixou nem pensar. e Assim, me tornei Ministro da Justiça dos Estados Unidos da América.

Como Ministro da Justiça, meu trabalho aumentou. Conduzi uma reforma relâmpago do sistema judiciário americano que viria a ser conhecida como A Reforma Brose–Rose, em alusão à juíza da Suprema Corte, Dra. Katherine Rose, que apresentou-me uma proposta ousada de reforma do trâmite jurídico.

Pelos seus estudos, o grande motivo pela lentidão do sistema jurídico Americano residia na quantidade de recursos que era possível impetrar junto a um caso, uma ação. Este artifício alongava uma decisão potencialmente por anos.

A proposta – muito combatida no início – tinha duas grandes frentes: na primeira, limitava o número de recursos por tamanho da demanda. Ou seja: casos com o potencial de indenizações de grande montante poderiam usar todos os recursos do ordenamento jurídico nacional. Casos menores teriam a sua disposição a possibilidade de menor número de apelações. Isto ficou apelidado de *fasttrack* – procedimentos onde os processos em geral ganhavam tramitação acelerada.

O projeto era ousado e foi muito combatido e Dra. Rose foi ferrenha defensora entre os juristas costurando todas as alianças necessárias para sua aprovação nesta esfera. E na esfera política eu entrei. Defendi-o com unhas e dentes, fazendo os acordos

necessários, junto ao Congresso e, de forma surpreendente, aprovamos o mesmo no meu primeiro ano à frente da pasta. Já no meu segundo ano, o número de recursos caiu 73.5% e a duração de uma ação – da entrada no sistema até a sentença definitiva – passou a ser 38% mais rápido. A Reforma Brose–Rose fez história e a Juíza Rose aposentou-se para glória entre seus pares e historiadores. Com certeza, ela será lembrada como a grande mentora intelectual de tão simples e eficiente projeto. E eu, ganhei mais prestígio ainda.

Na eleição anterior, onde meu amigo Paul–Navel havia se tornado senador, o Presidente Leonard Krantl se reelegeu. E, novamente ele não tinha um candidato à vice-presidência confiável e, assim, concorreu sozinho ao seu cargo. Situação *sui generis*, nunca antes presenciada na história dos Estados Unidos e muito combatida pela oposição. Mas, é bem verdade que a oposição controlava o Congresso e quando perceberam que a cadeira vaga na vice-presidência era bom para eles pois no caso de infortúnio com o presidente, o presidente do Congresso assumiria esta cadeira. Eles se resignaram. Não sei dizer se caladamente torciam pelo fim prematuro do mandato do Leonard Krantl mas, com certeza, foi estranho o silêncio da oposição quanto à esta situação inusitada.

Durante um ano, a oposição nada fez. As críticas cessaram e parecia até que a cadeira do vice-presidente não estava vaga. Mas, depois da aprovação da Reforma Brose–Rose – com o destaque e respeito que ganhei na sociedade, na política e no judiciário, o Presidente Krantl me surpreende e me convida para assumir a cadeira vaga.

Nunca fui um homem de política. Nunca fui ambicioso mas algo neste convite me provocou. Acho que foi a eloquência do Krantl ou o entusiasmo da Mirtes ao saber que frequentaríamos todas as festas black-tie de Washington, New York, Londres e além. E, confesso, achei que a cadeira de vice-presidente dos EUA me cairia bem. A vaidade é traiçoeira. Nos seduz sem que demos conta disto e desta vez, confesso, nem titubeei em aceitar.

A oposição resolveu acordar. Fizeram todo tipo de pressão, inclusive insistindo no fato de eu não ser americano nato. Nada na Constituição dos Estados Unidos da América me impediria de assumir esta cadeira, mas na guerra e na política tudo vale. Não conseguindo impedir minha nomeação – muito porque a imprensa em peso estava ao meu lado – assumi este novo desafio no dia 1º de agosto.

O trabalho como Vice-Presidente acabou se mostrando muito político e pouco técnico. Muito gabinete, muitos apertos de mão e pouca "mão na massa". Confesso que vivi quase dois anos de bastante tédio profissional. É claro que existiam suas recompensas principalmente quando eu conseguia costurar grandes acordos políticos entre nações. Mas, de modo geral, os holofotes eram do Presidente e, assim, restava-me o trabalho mais burocrático, de bastidores da política. Mas, não havia muito o que fazer. No final das contas, eu contava os dias para completar minha missão e voltar aos meus computadores e minhas investigações.

Mas a vida é traiçoeira e em 13 de Março de 2568 tudo mudou. O Presidente estava a caminho de uma reunião da União Afro-Americana em Níger. Voava no supersônico 1 com seu

secretariado e assessores diretos. Como manda a segurança nacional, eu ficara em Capitol Hill para cuidar da rotina.

Às 21h53, sob o Atlântico, o avião presidencial explodiu.

É importante frisar que esta nave era a mais protegida tecnologicamente do mundo. Em termos de segurança em terra, no hangar, ou em voo também não encontrava-se precedentes. Então, quando tamanha tragédia se abateu, nem sabíamos por onde começar a investigar.

Eu retornei às minhas origens e pessoalmente conduzi as investigações digitais. Se houve algum complô terrorista, alguém teria deixado uma trilha e eu haveria de descobrir. As autoridades militares e aeronáuticas iniciaram suas investigações técnicas e a Polícia Federal e Segurança Nacional revisou o histórico de todo mundo que teve contato com o supersônico. Reviraram, novamente, as vidas de todos a bordo em busca de um homem bomba.

Os livros de história, os documentários nos contam da comoção nacional que se abateu neste país quando do assassinato J.F. Kennedy. Um presidente muito querido nos anos 1960. Ele fora assassinado por um atirador solitário quando fazia uma passeata em carro aberto em Dallas, no Texas. Foi uma trama tão significativa que mudou o país. A segurança do presidente teve que ser repensada. Ele deixou de ter contato com o povo e passou a governar à distância, protegido. Estas feridas ainda existiam séculos depois. Não sabíamos disto, mas existiam. O que víamos nas ruas eram pessoas cabisbaixas, semblantes tristes. Leonard Krantl podia não ser tão querido como John Fitzgerald Kennedy, mas era o presidente da nação. Ninguém ficou imune à comoção que tomou conta.

O país parece que parou no tempo durante a investigação. Tudo que qualquer um queria saber – inclusive eu – era como isto pode acontecer e quem estava por trás. Sempre temos a necessidade de culpar alguém pelas mazelas do mundo. Temos dificuldades em acreditar em acidentes e acasos. E, desta vez, não foi diferente.

O acidente ocorrera quando o supersônico já estava em rota de descida. Estava a cerca de 22.000 km/h e desacelerando. Com isto, provou-se impossível que um míssil tivesse o atingido. As investigações também acabaram por inocentar todos a bordo e a equipe em terra. Ao poucos as investigações levavam a crer em acidente. Por incrível que parecesse, um simples acidente.

Quando minha investigação se encerrou – e me orgulho de dizer que foi a mais profunda que já havia realizado – concluindo em definitivo que uma explosão acidental havia matado o presidente americano e sua comitiva, de certa forma a América respirou aliviada. Afinal, acidentes podem acontecer. Foi um alívio provar ao povo americano que – enquanto não estava livre dos desígnios de Deus – seu governante número um não fora alvo de um ataque terrorista.

Acho que nesta data, o povo americano pode enterrar o presidente e sua comitiva – virtualmente – e voltar a dormir. Não que aquele semblante pesado houvesse sumido. Não que a tristeza fosse substituída por alegria – isto demoraria ainda muitos meses – mas, pelo menos, poderia dormir.

*

No dia 20 de Março de 2568, fui empossado como Presidente dos Estados Unidos da América. O caminho que me trouxe até aqui foi dos mais dolorosos. Um grande estadista e valioso amigo havia morrido tragicamente. Quando tomei posse, o povo americano não estava curado da tristeza da perda. Leonard Krantl havia arrebatado o povo americano ao ponto de mudarem sua constituição para poder tê-lo como presidente. Esta mesma mudança permitiu, agora, que eu assumisse sua cadeira.

Não houve festa, cerimônia de gala, nem um pequeno coquetel para celebrar minha ascensão. E isto não fez falta. E eu e Mirtes também estávamos de luto pela perda prematura do amigo. E, também, eu nunca fui de ambições políticas. Nunca, nos meus mais fantásticos sonhos, poderia imaginar-me nesta posição. Mas, agora, o desafio estava feito e eu tinha que viver à altura do que o povo americano e o mundo precisavam. Eu precisava ser o líder para levá-los a cruzar estes tempos tenebrosos de tristeza e incerteza. Diante da expectativa deste povo que me acolheu tão bem, diante de tudo que Leonard foi para mim, eu não poderia recusar.

Tínhamos quase três anos pela frente para terminar o mandato que herdei. Os desafios principais eram manter o crescimento no país – que Leonard havia conseguido levar de volta ao segundo posto de maior economia do mundo - e lidar com as pressões cada vez maiores dos pequenos países que recorriam a recursos dos grandes através da Liga das Uniões.

A Liga veio a substituir a Organização das Nações Unidas quando os países começaram a se organizar em blocos. Os Estados Unidos lideravam o bloco Afro-Americano que, como o nome diz, unia o continente Americano e o Africano. E, a bem da verdade,

como a estrutura executiva do governo americano estava bem montada – pelo falecido Presidente Krantl – eu tinha, de certa forma e considerando as devidas proporções – menos trabalho em casa, nos EUA, que na Liga. A Liga estava em ebulição porque os pequenos países, signatários ou não de alguma União, sempre precisavam de mais recursos, apoio financeiro, militar e saúde.

A presidência da União Afro–Americana deveria ser exercida pelo Presidente, ou Primeiro ministro, de um dos cinco maiores países do grupo: Estados Unidos, Brasil, Nigéria, Canadá ou Argentina. O processo se dava através de eleições diretas e todos os mandatários são automaticamente candidatos.

Eu acabava de assumir a presidência dos Estados Unidos e a expectativa geral é que o Canadá assumisse a cadeira de Primeiro Ministro da União Afro–Americana já que eu era considerado um noviço na política. Mas, como a cadeira era do Leonard Krantl, e seu mandato não havia terminado – inesperadamente, o Conselho da Liga decidiu que os EUA deveriam continuar na cadeira de Primeiro Ministro da União A–A até o final do mandato incompleto de Leonard Krantl. Em 29 de Abril de 2570, me tornei Primeiro Ministro do maior e mais poderoso grupo político da Terra. Nunca imaginei isto para mim e sei que me pai deveria se orgulhar tremendamente mas, confesso, um frio na barriga me atingiu em cheio. Um misto de medo e dúvida se eu estaria à altura. Acho que é o medo do desconhecido. Apesar de já estar a alguns anos na política como Secretario de Investigação e mesmo depois como Ministro da Justiça meu dia a dia havia sido mais técnico que político. Sempre nas minhas áreas de expertise. Depois, como vice–presidente e presidente dos EUA eu havia migrado para um cargo mais político

que técnico. Os desafios eram enormes e eu ainda estava me acostumando à cadeira quando Leonard morreu. Quase que da noite para o dia fui lançando a um desafio maior do que jamais imaginara. Era impossível não sentir medo. Medo de falhar. Medo de fazer algo errado. Eu senti e você também sentiria.

Meu mandato à frente da União A-A era de sete anos renovável por até três períodos adicionais através de eleição direta de todos os membros. O primeiro mandato do falecido Leonard Krentl iria até 2575 – que eu agora cumpriria e, depois, ainda fui reeleito para mais um termo.

A Liga das Uniões reunia-se semestralmente a menos que houvesse alguma necessidade urgente – algum conflito no mundo, algum país em necessidade humanitária. Como o mundo vivia agora em paz era pouco provável que estas reuniões extemporâneas se fizessem necessárias. Discutíamos mais aprovação financeira para investimentos em países, os investimentos para exploração do espaço em consórcio pelos países signatários e ajuda humanitária para alguns países da África e Ásia que ainda se arrastavam socialmente atrasados em relação aos outros.

Também negocie e aprovei a redefinição de duas ou três fronteiras na Indonésia e no leste europeu e, ainda, regulei a exploração imobiliária do mar.

Esta havia se tornado a grande questão capitalista da minha era. Com o futuro da exploração espacial bem encaminhada – basicamente estávamos minerando a Lua, Io e Marte, a expansão imobiliária voltou-se para os mares. Grandes grupos começaram a criar hotéis e depois condomínios em algumas costas – naturalmente em regiões com zero probabilidade de terremotos ou tsunamis.

Assim, enormes complexos residenciais surgiram no Mediterrâneo, no Caribe e em algumas outras localidades. Após cerca de 100 anos de exploração imobiliária marítima sem uma regulação internacional o Conselho Econômico da Liga decidiu que já era hora de normatizar esta prática. E, assim, após quase um ano de discussões e rodadas técnicas finalmente surgiu a Norma Marítima Imobiliária que ordenou as porções subaquáticas dos mares que poderiam ser exploradas através da construção de prédios, quotas, dimensões, tecnologia a ser aplicada, etc. Foi o grande legado econômico da minha gestão na Liga.

Mas, eu achava que os anos de grandes medos e desafios para os humanos haviam ficado para trás. Ledo engano, o que a vida preparava para mim era muito maior e pior que meu maior pesadelo. Nada que eu fizera até aqui me preparou para o que eu iria ainda enfrentar. O futuro me faria sentir saudades do presente.

A LUA

Eu sabia que isto aconteceria. A quarta tétrade da Lua acontecera. Sua cor tornou-se avermelhada. Era a quarta "Lua de sangue" nos céus! Esse fenômeno sempre esteve ligado à crença que o Apocalipse Bíblico chegaria um dia.

E, havendo aberto o sexto selo, olhei, e eis que houve um grande tremor de terra; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a Lua tornou-se como sangue; E as estrelas do céu caíram sobre a Terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte.

E o céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares.

Apocalipse 6:12–14

A humanidade se superou. Era perceptível que o nosso satélite natural, presente desde que o homem é homem, começava a esfacelar. Sem a Lua, a vida na Terra seria um inferno e já estávamos sentindo os efeitos desta premonição. O nosso eixo de rotação estava mudando, tornando os dias mais curtos. As temperaturas já começaram a variar intensamente. Os polos estavam derretendo e o equador congelando. As marés teriam movimentos mais bruscos interferindo com a rotação da terra e com os ventos acima. Rajadas de 200 km/h seriam normais. Furacões e tsunamis já estavam assolando os países costeiros.

Japão, todos os países ilha do Pacífico, Havaí, e outros já estavam em estado de emergência removendo suas populações para os grandes continentes.

Nas costas, milhões se realocavam para o interior e para terras altas.

Nas cidades, a confusão explodiu: medo, correrias e saques. As pessoas pareciam desnorteadas, amedrontadas. Era cada um por si.

Estávamos no quinto dia do fim iminente da Lua. Eu era o Primeiro Ministro da União Afro-Americana – responsável por quase um bilhão de vidas.

Muitos olhavam em minha direção, buscando orientação. Eu tinha que salvar a Terra.

*

A China e a Índia, em suas ganâncias infinitas, começaram a minerar a Lua delicadamente. Delicadamente para o mundo não reclamar. A China ficou com uma área ao noroeste para explorar, a região do Mar das Crises e a Índia com o Sul, a região de Tycho. Em menos de cinco anos já haviam escavado 300 milhões de metros cúbicos de rocha, aplainando inúmeras crateras como a própria *Tycho* e a *Longomontonus*. E, enriquecendo.

Apesar da Liga das Uniões votar medidas contra os dois países para que parassem – ou ao menos diminuíssem – a exploração desenfreada, nada surtira efeito.

Em 3 de janeiro de 2580, surgiram as primeiras fissuras no Mar da Tranquilidade. Ambos os países mascararam os tremores que precederam estas fissuras, mas as estações de monitoramento terrestres as detectaram..

Uma reunião de emergência foi convocada no Gabinete de Ciências da Liga. Cientistas das Três Uniões, e seus Primeiros Ministros foram convocados para confrontar o os mandatários dos governos da Índia e China. Eu presidi a sessão solene.

Durante o conselho, realizado no dia 6 de janeiro seguinte, outro tremor de grau 5 na escala Richter ocorreu abrindo a primeira fenda em solo lunar! Enquanto os governos da China e Índia defendiam o indefensável do Conselho, nosso futuro começava a se desenhar.

E, apesar disto, estes países só se comprometeram a diminuir o ritmo de exploração e aprofundar as averiguações dos fatos.

Ah, a ganância humana....

Cinco dias depois um novo temor, de pequena intensidade – Dois graus na escala Richter – zumbiu constantemente. Desta vez,

ele não parou, ficou constante.

A fenda no Mar da Tranquilidade aumentou cobria agora 13 quilômetros e no seu ponto máximo tinha 75 centímetros de largura.

Quando o micro-tremor não cedeu, no terceiro dia, a China foi a primeira a iniciar o protocolo de retirada dos mineradores da Lua.

Em uma semana, a China já havia retirado 50% do seu pessoal, 750 técnicos. Mas, a Índia mostrava-se insensível. Talvez acreditasse que estava a salvo na região de Tycho.

E no dia 18, veio o Grande Tremor. Um abalo de grau 8 atingiu todo hemisfério sul da Lua. Fendas se abriram do Mar das Crises à Tycho e 231 mineiros indianos e 22 chineses foram lançados ao espaço!

As duas potências começaram procedimentos imediatos de evacuação. Nas próximas doze horas a movimentação na Lua, de mineradores saindo das galerias, jipes lunares levando-os às bases, foguetes indo e vindo era a mais intensa jamais vista.

Seguido ao Grande Tremor, vieram os microtremores subsequentes. Seguidamente, incansavelmente.

Havia mais de mil pessoas para serem resgatas ainda. Para remover todo este pessoal seriam necessários pelos menos 20 viagens já que os comutadores lunares carregavam somente 50 pessoas por vez. Mas não havia mais tempo.

O próximo tremor atingiu forte a Base indiana de Cho-tee ba-hen e 778 pessoas desapareceram. Como se nunca existissem. Tragados para o vácuo espacial.

Talvez o pior efeito do esfacelamento de nossa Lua não fosse a mudança de temperatura e das mares. Talvez o pior fossem as mudanças de humor. Lembra como falavam que a lua cheia afetava o humor das mulheres? Pois é. É tudo verdade! E afeta não só as mulheres, mas os homens também.

Antigamente, acreditávamos que a humanidade seria eterna. Depois passamos a acreditar que o homem acabaria com o homem numa hecatombe nuclear. E mais tarde que o aquecimento global seria o nosso último capítulo.

Tudo foi superado e a humanidade aprendeu a viver em paz consigo e com a natureza. Até agora. Até 2580.

E essa é a história da luta pela sobrevivência da humanidade contra o seu inexorável fim.

Continua....

DICIONÁRIO DE PERSONAGENS

Peter Brose Americano, especialista em Investigação Digital e Psicologia Digital. Virginiano. Primeiro Ministro da União Afro–Americana.

Dra. Mirtes Lauvin PhD em virologia e genética. Brasileira, esposa de Peter Brose. Amante da cultura africana e taurina.

Dr. Tau Chizoba Especialista em virologia e botânica.

Dra. Jing Kun Maior especialista viva em vacinação. Chinesa. Nascida no ano do Dragão e mestre em Tai Chi. Ganhou fama ao debelar um surto epidêmico em seu país.

Dra. Elizabeth Pearl Especialista em nanogenética. Canadense.

Dr. Alexandr Nikolaievitch Russo. Especialista em guerra química e armas biológicas. Acha que está sempre certo e que Moscou é o centro do universo.

Dr. Robert Mugabi Geneticista. Queniano. Professor de Genética I & II na Universidade de Medicina do Quênia. Fã dos

clássicos de investigação policial e cofundador do Clube do Livro Policial.

Sr. Edwin Kipron Ministro da Saúde do Quênia. Ex-aluno de Dr. Mugabi. Também é fã dos clássicos de investigação policial e cofundador do Clube do Livro Policial.

Debra Brose Bibliotecária digital, mãe de Peter Brose.

Robert Dylan Brose Político, pai de Peter Brose.

Theo Garcez Argentino, amigo do casal. Fã de churrasco e acredita que Deus é argentino.

Marinna Lamarca Brasileira, amiga do casal. Blogueira de moda.

Carla Francis Faz parte do Departamento de Estado do Brasil.

Charles Tergat Chefe da Polícia Federal do Quênia.

Jaqueline Right Companheira de Charles Tergat

Joan Kiptron Diretor do reservatório Turkana.

Luthier Rotich Funcionário do reservatório, membro do PPP.

Prof. Langdon Professor de antropologia da Universidade de Nairóbi.

William Lel Apresentador da QNB.

Shelley Amber Amiga de Mirtes. Colecionadora de obras de arte em especial os artistas renascentistas como Van Gogh.

Valker Kipsang Presidente do PPP. Ariano, negro, alto e forte. Advogado, ex–membro de gangue e ex–detento.

Lenhard Krankl Primeiro presidente estrangeiro da América. É austro–húngaro. A Constituição Americana foi alterada para permitir a eleição de um presidente naturalizado.

Paul–Navel Williamsburg
Ministro da Justiça americano.

Dr. Jack Burroughs Médico em Pequim, no First American Bethesda Hospital.

Will O’Sullivan Amigo de infância de Peter Brose. Apaixonado por futebol.

Gong Lau Chefe da Gelaohui. Rancoroso, acreditava que seu povo havia sido alijado dos mais básicos direitos e que deveriam ser compensados.

Chow Li Chefe de Polícia de Xangai

Dahai Zhang Membro da Gelaohui.

Tie Hao Porta-voz dos Metrovinos.

Li Yin Prefeito de Xangai

PRINCIPAIS ARMAS

Pistola Smith & Wesson Pacifier III

Percursor eletromagnético de 28 balins.

Finalidade: incapacitar oponente.

Uso: força policial em tempos de paz.

SIG-Sauer SSG 3000

Fabricação alemã do século XXI.

Calibre 7.62.

Barril rotatório de 30 balas explosivas de chumbo-enxofre.

Canhões disruptores CDS-9

Disparos pulsados de 50.000 volts até 50 metros.

Até 30 horas de uso.

Funcionamento: emissão de ondas T interrompendo sistema elétrico humano.

Granada de impacto

Fabricação: século XXI.

Tipo: fragmentação.

Alcance explosivo: 100 metros.

Gás Sarin-3

Funcionamento: gás asfixiante que em altas doses é letal. A versão 3 é mais segura e tem menor letalidade.

Uso: controle de multidões agressivas em espaço aberto.

RD-3000

Robô Humanoide dotado de inteligência artificial, à prova de explosões e suicida.

Armamento: duas metralhadoras eletromagnéticas frontais

Canhão com miras laser.

Lançador de granadas de concussão.

Características: 300kgs / 2 metros de altura / feito de duralumínio.

Uso: soldado para a manutenção da paz.

Acompanhe REDENÇÃO em nossa fanpage:

www.facebook.com/redencaoolivro

e pelo site:

www.redencaoolivro.com

[2] *Telômeros são a parte mais extrema do cromossomo. Cada vez que a célula divide eles são encurtados até não poder mais haver divisão e, neste momento, a célula morre.*

[3] *caipira.*

[4] *Personagem de Mark Twain no famoso livro 'As Aventuras de Tom Sawyer', onde dois jovens amigos relatam suas histórias.*

[5] *Personagem de Herman Melville que persegue uma baleia cachalote a todo custo (Moby Dick).*

[6] *Expressão criada no México e difundida no Brasil para se referir à estrangeiros em geral.*

[7] *do latim: ásperas. Tipo de formação rara com aspecto brutal e assustador.*

[8] *Título agraciado aos que completam os estudos com "grande honra".*

[9] *Stephen King, em Novembro'63.*

[10] *Historiador Francês do século XX.*

[11] *o processo pelo qual nosso sistema imunológico destrói as bactérias devorando-as.*

[12] *expressão idiomática. Quer dizer que o "segredo foi revelado"*

[13] *Gás paralizante que não causa dano permanente.*

[14] *Charles Lindbergh fez um histórico voo transatlântico no início do século 20*